

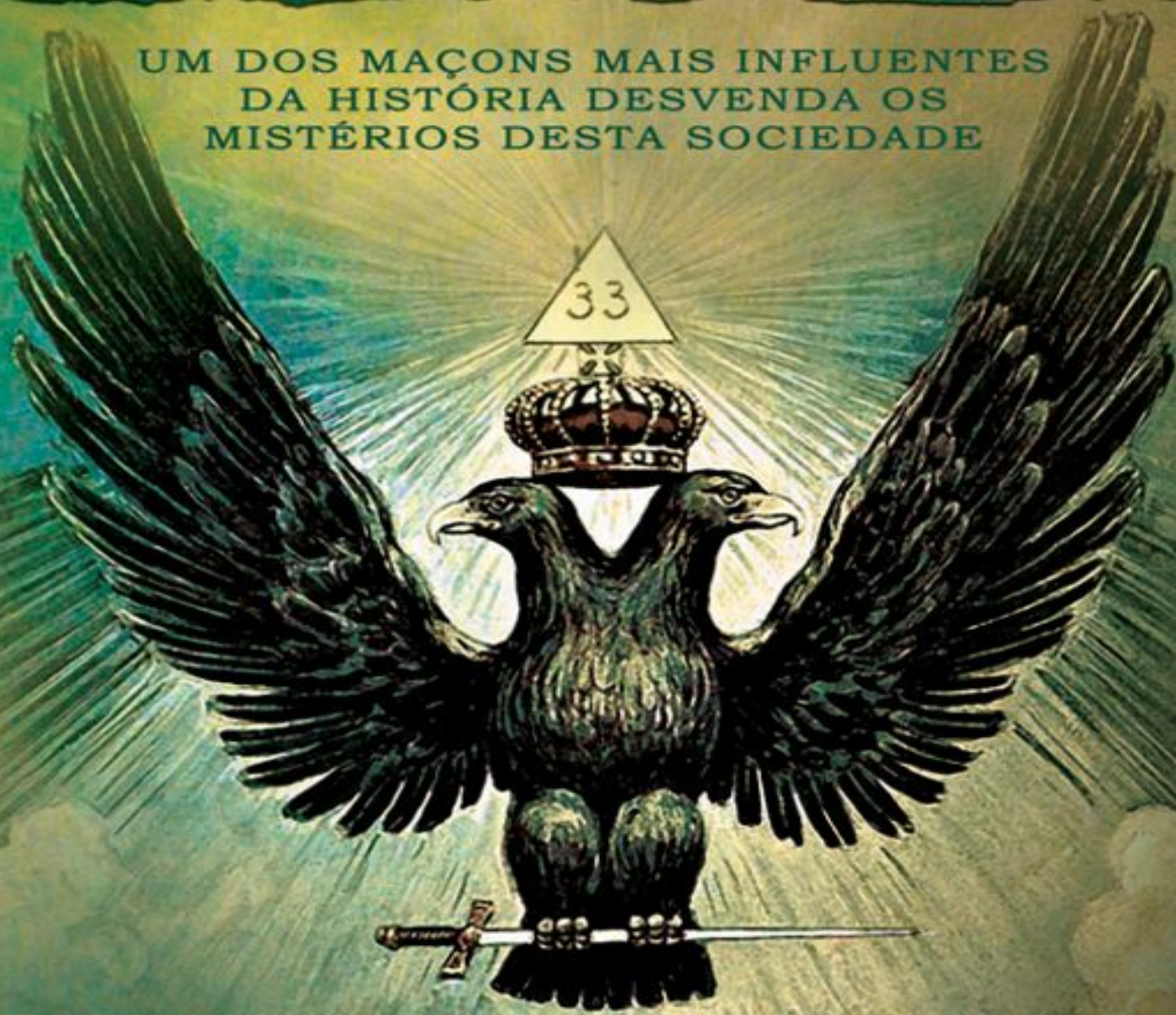
| ALBERT G. MACKEY

| VOLUME 2 |

TRADUÇÃO DO LIVRO:
"THE SYMBOLISM OF
FREEMASONRY".

O SIMBOLISMO DA MAÇONARIA

UM DOS MAÇONS MAIS INFLUENTES
DA HISTÓRIA DESVENDA OS
MISTÉRIOS DESTA SOCIEDADE



UNIVERSO DOS LIVROS



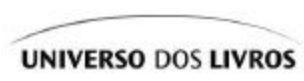
ALBERT G. MACKEY

O SIMBOLISMO DA MAÇONARIA

UM DOS MAÇONS MAIS INFLUENTES DA HISTÓRIA DESVENDA OS MISTÉRIOS DESTA SOCIEDADE.



JULHO, 2008



© 2008 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Editorial

Luis Matos

Coordenação Editorial

Renata Miyagusku

Assistência Editorial

Carolina Evangelista

Projeto Gráfico

Fabiana Pedrozo

Diagramação

Daniele Fátima, Fabiana Pedrozo e Stephanie Lin

Tradução

Caroline Kazue Furukawa

Preparação dos Originais
Rita de Cássia da Cruz Silva

Revisão
Beatriz Simões Araújo

Capa
Jorge Godoy de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

M155s Mackey, Albert G.

O Simbolismo da Maçonaria / Albert
G. Mackey. – São Paulo : Universo dos
Livros, 2008.

144 p. – (v. 2)

ISBN 978-85-99187-83-8

1. Maçonaria. 2. Sociedades secretas.
I. Título.

CDD 366.1



Ao General John C. Fremont.

*“Ea enim quae scribuntur tria habere decent, utilitatem praesentem, certum finem,
inexpugnabile fundamentum.”*

Cardanus

PREFÁCIO

Este livro constitui a segunda parte da tradução da obra *The Symbolism of Freemasonry*, escrita por Albert G. Mackey, considerado uma das personalidades mais importantes e influentes do universo da Maçonaria.

No primeiro volume, o autor abordou os antigos mistérios e simbolismos da Maçonaria, a trajetória dela na Idade Média, suas lojas e seus ritos, entre outros aspectos importantes. Dando seqüência nesta preciosa leitura, o segundo volume concentra-se nas principais lendas da Maçonaria, como as “das Escadas em Espiral” e “do Terceiro Grau”, além de outros simbolismos que merecem destaque e cujo conhecimento e aprendizado são imprescindíveis.

O Editor

XXIII

O Simbolismo da Pedra Angular

Devido a uma ordem de precedência, aproximamo-nos à consideração do simbolismo ligado a uma importante cerimônia no ritual do primeiro grau da Maçonaria, que se refere à extremidade noroeste da Loja. Nessa cerimônia, o candidato se torna o representante de uma pedra angular espiritual. Dessa forma, para a completa compreensão do verdadeiro significado da emblemática cerimônia, é essencial que investiguemos o simbolismo da pedra angular.

A pedra angular,¹ como o alicerce sobre o qual o edifício todo deve supostamente permanecer, é, sem dúvida, a pedra mais importante de toda construção. Ao menos, é assim considerada pelos maçons operativos. A pedra é colocada em cerimônias majestosas, geralmente com a ajuda de maçons especulativos, e ela sempre deve conferir dignidade à ocasião; o evento é visto pelos operários como uma fase importante na construção do edifício.²

Na riqueza de figuras do Orientalismo, cita-se freqüentemente a pedra angular como o símbolo mais adequado para representar um chefe ou príncipe na defesa e proteção de seu povo, e mais particularmente nas Escrituras, denota-se que o Messias prometido deveria ser o suporte seguro, o apoio divino onde todos deveriam depositar a confiança.³

Às várias propriedades que são necessárias para constituir uma verdadeira pedra angular – sua firmeza e durabilidade, sua forma perfeita, e a peculiar posição que assume como o laço de ligação entre as paredes – nós devemos atribuir o fundamental caráter que ela atingiu na linguagem do simbolismo. Apenas a Maçonaria, de todas as instituições existentes, preservou sua antiga e universal conotação, e não poderia – como se pode supor – ter negligenciado a adoção da pedra angular entre seus mais estimados e admiráveis símbolos; utilizando-a como referência de muitas de suas significativas lições de moralidade e verdade.

Eu já mencionei o peculiar estilo do simbolismo maçônico pelo qual o maçom especulativo supostamente participa da construção de um templo espiritual imitando, ou, ao invés disso, fazendo referência àquele templo material que foi erguido pelos seus predecessores operativos em Jerusalém. Em alguns poucos momentos, direcionaremos a nossa atenção novamente a este importante fato e voltaremos à ligação que originariamente existiu entre as divisões operativa e especulativa da Maçonaria. Esta é uma introdução essencial a qualquer investigação acerca do simbolismo da pedra angular.

A principal diferença entre a Maçonaria Operativa e a Especulativa é que enquanto a primeira se ocupou com a construção de um templo material – formado, na verdade, pelos mais magníficos materiais das pedreiras da Palestina, das montanhas do Líbano e das costas douradas de Ofir –, a última se dedicou a erguer uma casa espiritual – uma casa não construída com as mãos – na qual pedras, pedras preciosas, cedro, e ouro são substituídos pelas virtudes do coração, pelas puras emoções da alma, pelos ardentes sentimentos que brotam das fontes ocultas do espírito, para que a verdadeira presença de Jeová, nosso Pai e nosso Deus, sempre seja santificada em nós como sua Shekinah foi no santo dos santos do templo material em Jerusalém.

Se o maçom especulativo compreendesse adequadamente o objetivo e o propósito de sua profissão, desde a sua primeira admissão verdadeira à ordem até o encerramento de seus trabalhos e de sua vida – os trabalhos dos verdadeiros maçons terminam apenas com o fim da vida –, ele se ocuparia da construção, da decoração e do acabamento do templo espiritual de seu corpo. Ele localizaria a sua fundação em uma crença firme, em uma inabalável confiança na sabedoria, no poder e na bondade de Deus. Este é o seu primeiro passo. A menos que confie em Deus, e nele apenas, não conseguirá avançar além da soleira da iniciação. Então ele preparou seus materiais com a régua e o malhete da Verdade, ergueu paredes pela linha do prumo da Retidão, revistou sua obra com o esquadro da Virtude, uniu tudo com o cimento do Amor Fraternal. Portanto, habilidosamente, ele levantaria o edifício vivo de pensamentos, palavras e obrigações, de acordo com os propósitos designados pelo Mestre Arquiteto do Universo no grande Livro da Revelação.

O aspirante à luz maçônica – o Neófito – em sua primeira entrada no vestíbulo sagrado se prepara ao trabalho consagrado de erigir dentro do

peito uma morada adequada para o Espírito Divino, então começa a nobre obra ao se tornar ele próprio a pedra angular sobre a qual o edifício espiritual deve ser construído.

Aqui, então, inicia-se o simbolismo da pedra angular; e é particularmente curioso observar como cada parte do arquétipo realiza sua própria tarefa na completa realização das alusões emblemáticas.

Por exemplo, quando, em sua primeira iniciação, o maçom começa a tarefa intelectual de erigir um templo espiritual em seu coração, a referência simbólica da pedra angular de um edifício material é belamente sustentada nas alusões à todas as várias partes e à qualidade encontradas em uma pedra angular “bem constituída, verdadeira e confiável”.⁴ Sua forma e substância são emprestadas da abrangente força da ciência simbólica.

Traçaremos este simbolismo em seus mínimos detalhes, a começar pela forma da pedra angular.

A pedra angular de um edifício deve possuir a superfície perfeitamente quadrada, para que, por uma violação de sua verdadeira figura geométrica, as paredes a serem erguidas sobre ela não desviem da linha de perpendicularidade requerida – sozinha ela pode dar força e proporção à construção.

Com a superfície perfeitamente quadrada, ela é, em sua forma e conteúdo sólido, um cubo. O quadrado e o cubo são importantes e significativos símbolos.

O quadrado é um emblema da moralidade, ou do estrito desempenho de cada obrigação.⁵ Entre os gregos, um povo altamente poético e imaginativo, o quadrado era considerado uma figura de perfeição, e o ἄνθρωπος τετράγωνος – “o homem quadrado ou cúbico”, como as palavras podem ser traduzidas — foi o termo usado para designar um homem de integridade imaculada. Um dos mais eminentes metafísicos⁶ disse que “aquele cuja coragem supera os obstáculos de sorte adversa, sujeitandose de maneira honesta, é verdadeiramente bom e possui uma postura correta, sem reprova; e aquele que assume uma postura reta deve freqüentemente se sujeitar ao teste de justiça e integridade perfeitas”.

O cubo, na linguagem do simbolismo, denota verdade.⁷ Entre os mitólogos pagãos, Mercúrio (ou Hermes) foi sempre representado por uma pedra cúbica, porque ele era o exemplo de verdade,⁸ e a mesma forma foi adotada pelos israelenses na construção do tabernáculo, que foi a morada da verdade divina.

Então, assim como este material, ele também é um essencial elemento de todo simbolismo. Construído de um material excelente, mais polido que o material usado no restante do edifício, geralmente entalhado com os instrumentos adequados e ajustado para o distinto propósito pela mais habilidosa arte do escultor, ele se torna o símbolo da beleza santificada a qual o salmista hebreu havia dito que devemos adorar, Jeová.⁹

A cerimônia do extremo noroeste da Loja, uma vez que deriva todo valor típico de seu simbolismo da pedra angular, indubitavelmente pretendia retratar, em sua linguagem consagrada, a necessidade de integridade e estabilidade de conduta, de verdade e retidão de caráter, de pureza e santidade da vida, que, somente naquela época e lugar, o candidato é mais pressionado a manter.

Mas há também um simbolismo sobre a posição da pedra angular, que vale a pena notar. É familiar a qualquer um – mesmo àqueles que não têm a tábua de iniciação — que o costume de colocar a pedra angular de edifícios públicos sempre foi realizado pela ordem maçônica em cerimônias peculiares e admiráveis, e que é a pedra invariavelmente depositada no extremo noroeste da fundação da estrutura pretendida. Agora, as questões naturalmente se sugere: “Qual a origem desse antigo e invariável uso?” ou “Por que a pedra não pode ser depositada em qualquer outra extremidade ou parte do edifício, conforme a conveniência ou a necessidade exigirem?” O costume de colocar a pedra de fundação no extremo noroeste deve ter sido originalmente adotado por alguma boa e suficiente razão, pois nós temos o direito de supor que ela partiu não de uma escolha arbitrária.¹⁰ Talvez se refira à cerimônia que acontece na Loja? Ou à posição da pedra material? Não importa qual foi o precedente em termos de tempo, o princípio é o mesmo. A posição da pedra no extremo noroeste da construção também é simbólica, e o simbolismo exclusivamente alude a determinadas doutrinas que são ensinadas na ciência especulativa da Maçonaria.

A interpretação, eu imagino, é brevemente a seguinte: todo maçom especulativo está familiarizado com o fato de que o leste, como a fonte de luz material, é um símbolo de sua própria ordem, que professa conter dentro de si a pura luz da verdade. Como no mundo físico a manhã de cada dia anuncia a existência pela aurora avermelhada do céu oriental, de onde o sol lança seus raios iluminadores e prolíficos a cada parte do horizonte visível, aquece a terra inteira com um abraço de luz, e dá vida nova e energia para cada flor e árvore, animais e homens que, ao toque mágico, despertam do

sono da escuridão. No mundo moral, quando a noite intelectual imperava, nos primeiros dias do mundo, foi do antigo clero que vivia no oriente que as lições de Deus, da natureza, e de humanidade emanaram e viajaram na direção do ocidente – vieram para revelar ao homem seu destino futuro e sua dependência de um poder superior. Assim, cada nova e verdadeira doutrina – que veio dos “sábios homens do oriente” – deu origem a um novo dia e dissipou as nuvens da escuridão intelectual e do erro. É consenso geral entre os antigos que o primeiro ensinamento veio do oriente; mencionando a tão conhecida citação do Bispo de Berkeley “Em direção ao ocidente, o curso dos impérios toma seu rumo”, vemos que ela é a moderna expressão de um pensamento antigo, pois sempre se acreditou que o império da verdade e do conhecimento avançava do oriente para o ocidente.

Novamente o norte como o ponto no horizonte que é o mais remoto dos raios vivificantes do sol, quando em seu auge, com igual propriedade metafórica, foi chamado de local da escuridão, e é, portanto, símbolo do mundo profano, que ainda não havia sido penetrado e iluminado pelos raios intelectuais de luz maçônica. Toda a história concorda com o fato de que, nas primeiras eras do mundo, a parte norte do planeta foi envolvida em uma profunda escuridão moral e mental. Foi das mais remotas regiões do norte da Europa que as tribos bárbaras “vieram como o lobo sobre o redil” e devastaram as planícies do sul, trazendo consigo uma cortina negra de ignorância, sob a qual as nações do mundo ficaram subjugadas durante séculos. O extremo norte era física e intelectualmente frio, escuro e sombrio. Na Maçonaria, o norte tem sido apontado como o local da escuridão e, em obediência a este princípio, nenhuma luz simbólica foi permitida iluminar a parte norte da Loja.

O leste, então, é, na Maçonaria, o símbolo da ordem, e o norte, o símbolo do mundo profano.

A pedra angular espiritual é depositada no extremo noroeste da Loja, pois ela é o símbolo da posição do neófito (ou candidato), o representa em sua relação com a ordem e com o mundo. Do mundo profano, ele acabou de emergir. Algumas de suas imperfeições ainda estão consigo; restam ainda algumas arestas por aparar; ele ainda pertence parcialmente ao norte. Mas está buscando a luz e a verdade; a trilha pela qual ele enveredou vai em direção a leste. Sua submissão, se é que posso usar a palavra, está dividida. Ele não é totalmente profano, nem completamente maçom. Se ele fosse inteiramente do mundo, o norte seria o lugar para encontrá-lo – o norte, que

é a região da escuridão. Se ele estivesse completamente inserido na ordem – caso fosse um Mestre Maçom –, o leste o receberia – o leste, que é o local da luz. Mas ele não é nenhum dos dois; é um Aprendiz, apegado ainda a alguma ignorância do mundo, somente parte da luz da ordem incide sobre ele. Isso dividiu sua submissão – este caráter duplo –, a mistura da escuridão que emana do norte com a aproximação reluzente do leste – e bem expressada, em nosso simbolismo, pela posição adequada da pedra angular espiritual no extremo noroeste da Loja. Uma superfície da pedra fita o norte, e a outra, o leste. Ela não está completamente em uma parte nem totalmente na outra e à medida que este é um símbolo de iniciação não completamente desenvolvido – incompleto e imperfeito – ele está adequadamente representado pelo recipiente do primeiro grau, no exato momento de sua iniciação.¹¹

A força e a resistência da pedra angular também foram eminentemente sugeridas nas idéias simbólicas. Para cumprir com o seu propósito como fundação e apoio da construção sólida que ela precede, deve ser usado um material que conseguirá suportar todas as outras partes do edifício sobre si. Sendo assim, quando o “oceano eterno cujas ondas são anos” tiver engolido todos aqueles presentes na construção do prédio, no vasto turbilhão de sua corrente sempre fluente; e quando, geração após geração, ele se for, e as pedras do edifício arruinado começarem a desmoronar, atestando o poder do tempo e da repentina natureza de todas as incumbências humanas; a pedra angular ainda restará para contar, através de suas inscrições, de sua forma e beleza, para qualquer um, que já existiu naquele lugar, talvez então desolado, uma construção consagrada a algum nobre ou divino propósito e pelo zelo e liberalidade de homens que agora não vivem mais.

Por consequência, a resistência e a durabilidade da pedra angular, em contraste com a queda e a ruína da construção sob a qual as fundações foram colocadas, lembram o maçom que, quando a casa terrena de seu tabernáculo se for, ele terá dentro de si uma fundação segura de vida eterna – uma pedra angular de imortalidade –, uma emanção do Divino Espírito que permeia toda natureza, e que, portanto, deve sobreviver à tumba e ascender, triunfante e eterno, acima do pó pútrido da morte e da sepultura.¹²

É assim que o aprendiz do simbolismo maçônico é lembrado pela pedra angular – em forma, posição e permanência –, através das significativas doutrinas da obediência, virtude e verdade religiosa – que compõem o grande ensinamento da Maçonaria.

Mas eu disse que a pedra angular material é depositada no local adequado com ritos e cerimônias solenes, ato para o qual a ordem estabeleceu um ritual especial. Essas práticas também possuem um belo e significativo simbolismo cuja investigação será a próxima a atrair a nossa atenção.

Aqui se pode observar, *en passant*, que o acompanhamento do ato de consagração para um propósito particular, com ritos e cerimônias solenes, exige o nosso respeito pelo prestígio que possuía em toda antiguidade. Um escritor versado sobre o simbolismo faz, em relação ao assunto, as seguintes observações críticas que podem ser citadas como uma boa defesa das cerimônias maçônicas:

“Antigamente, acreditava-se que a valorização do desempenho de determinados atos, coisas, lugares e pessoas adquiriam uma dimensão que não viria à tona sem esses desempenhos. A razão é óbvia: determinados atos que representam firmeza de propósito, ao confiar o objeto ao uso pretendido, conferem-lhe, na opinião pública, uma dimensão adequada. Esta é a mais pura verdade sobre as coisas, lugares e pessoas ligadas à religião e adoração religiosa. Depois da realização de determinados atos ou ritos, eles se mantiveram unidos, diferente de como eram antes; eles adquiriram um caráter sagrado e, em alguns exemplos, um caráter absolutamente divino. Tais são os efeitos que se imagina serem produzidos pela adoração religiosa.”¹³

Antes de ser depositada pelas autoridades de nossa ordem, a pedra lapidada de forma adequada é examinada com as necessárias ferramentas da maçonaria operativa – o esquadro, o nível e o prumo – e declarada “bem talhada, verdadeira e confiável”. Esta não é uma cerimônia vã ou sem sentido, pois ensina ao maçom que as virtudes devem passar pelo teste da tentação e do julgamento, do sofrimento e da adversidade, antes que possam ser pronunciadas pelo Mestre Construtor de almas como valiosos materiais da construção espiritual da vida eterna, “as pedras vivas para esta casa não construída com as mãos, eterna nos céus”. Mas se ele for fiel e resistir a esses julgamentos – se ele superar essas tentações e o sofrimento como o ouro puro do fogo purificador – então, na verdade, deverá ser considerada “bem talhada, verdadeira e confiável”, e vale acrescentar: “ao Senhor uma oferta em retidão”.

Na cerimônia de depósito de uma pedra angular, os elementos santificados da consagração maçônica são então produzidos, e a pedra é

solenemente deixada de lado para despejar milho, vinho e óleo sobre sua superfície. Cada um desses elementos possui um belo significado em nosso simbolismo.

Coletivamente, eles aludem ao Milho da Alimentação, ao Vinho do Refrigério e ao Óleo da Alegria – que são as recompensas prometidas a uma fiel e diligente obediência e, muitas vezes, referem-se especificamente ao sucesso antecipado da tarefa cuja insipiência eles consagraram. Eles são, na verdade, representações e símbolos de todos aqueles dons abundantes da Providência Divina pelos quais somos diariamente convocados a oferecer as nossas graças, e que são enumeradas pelo Rei Davi, em sua lista de bênçãos, assim como o “vinho trouxe alegria ao coração do homem, o óleo fez sua face brilhar, e o pão fortaleceu o coração do homem”.

“Para quê, meus irmãos”, indaga Harris, “vocês carregam *milho, vinho e óleo* em suas procissões, para se lembrarem de que na peregrinação da vida humana partilharão seu pão com os famintos, derramarão uma taça de vinho para brindar os aflitos e borrifarão o óleo curador da consolação nas feridas dos enfermos, ou na aflição que dilacera os corações de seus companheiros viajantes?”¹⁴

Mas, individualmente, cada um desses elementos de consagração também possui um significado apropriado, um significado que vale a pena investigar.

O milho, de acordo com as Escrituras, é um emblema da ressurreição. São Paulo, no eloqüente discurso que é tão familiar a todos, como um belo argumento da grande doutrina cristã de uma vida futura, cita a semente que, ao ser plantada, primeiro tem de morrer para depois reviver, como o mortal que deve se decompor para depois assumir a imortalidade. Mas, na Maçonaria, o ramo de acácia, por razões puramente maçônicas, sempre foi adotado como um símbolo de imortalidade, e a espiga de milho como o símbolo de plenitude. O que está de acordo com a derivação hebraica da palavra, e com a sua utilização em todas as antigas nações. A palavra *dagan* (דגן que significa *milho*) deriva do verbo *dagah* (דגה: *aumentar, multiplicar*), e em todas as religiões antigas a cornucópia, ou vaso, cheia de frutas e com grãos, era o símbolo de plenitude. Sendo assim, como um elemento de consagração, o milho nos faz recordar as bênçãos efêmeras de vida, saúde e de subsistência confortável que obtemos do Doador de todo bem, e cujo mérito devemos conquistar com “mãos limpas e um coração

puro”, para erigir na pedra angular de nossa iniciação um verdadeiro templo espiritual que deverá ser adornado com a “beleza da santidade”.

O vinho é um símbolo do conforto interior e constante com o qual o coração do homem fielmente desempenha seu papel no grande palco da vida e está para ser renovado; assim, na linguagem figurativa do Oriente, Jacó profeticamente promete a Judas, como recompensa, que ele lavará seus trajes em vinho, e suas roupas em suco de uva, o que parece querer, moralmente, lembrar-nos daquelas refeições imortais que, quando os trabalhos de sua Loja terrena são encerrados para sempre, nós devemos receber na Loja celestial acima, onde o *G.A.D.U.* sempre preside.

O óleo é um símbolo de prosperidade, felicidade e alegria. O costume de ungir cada coisa ou pessoa destinada a um propósito sagrado é de antiguidade venerável.¹⁵ A estátua das divindades pagãs, assim como os altares sobre os quais os sacrifícios a elas eram oferecidos, foram sempre ungidos com óleo perfumado pelos sacerdotes que presidiam os ritos sacros como uma consagração aos objetos de adoração religiosa.

Quando Jacó instituiu a pedra sobre a qual ele havia dormido em sua jornada a Padan-aram, e onde foi abençoado com a visão dos anjos ascendentes e descendentes, ele a ungiu com óleo, e então a consagrou como um altar a Deus. Tal unção foi, nos tempos antigos, e ainda continua a ser em muitos países modernos e nas religiões contemporâneas, um símbolo da divisão da coisa ou da pessoa então ungida e dedicada a um propósito sagrado.

Dessa forma, somos lembrados por esta última comovente cerimônia que o cultivo da virtude, a prática das obrigações, a resistência à tentação, a submissão do sofrimento, a devoção à verdade, a manutenção da integridade e todas aquelas outras graças a que aspiramos devem se adequar aos nossos corpos como pedras vivas. Pois a construção espiritual da vida eterna procura, afinal, tornar o objeto eficaz e o trabalho bem-sucedido, se for regida por uma sagrada obediência à vontade de Deus e a uma firme confiança na providência divina, o que por si só constitui a pedra angular principal e a fundação segura sobre a qual qualquer homem pode construir com razoável esperança de uma próspera consequência ao seu trabalho.

Deve-se notar que, ao concluir este tópico, a pedra angular se parecerá particularmente com um símbolo judaico. Não consegui encontrar referência a isso nos antigos ritos pagãos, e o *Eben Pinah*, a pedra angular, que é tão freqüentemente mencionada nas Escrituras como o emblema de

um importante personagem, e mais freqüentemente no Velho Testamento como o Messias esperado, parece, em seu uso na Maçonaria, ter tido, diferente de quase todos os outros símbolos da ordem, uma origem exclusivamente no templo.

Por definição: “A pedra que fica no encontro de duas paredes, unindo-as; a pedra principal, e especialmente a pedra que forma o canto da fundação de um edifício.” – *Webster*

Entre os antigos a pedra angular de edifícios importantes foi utilizada em cerimônias impressionantes. Elas são bem descritas por Tácito, em sua história da reconstrução do Capitólio. Depois de detalhar as cerimônias preliminares que consistiam em uma procissão de vestais, que com rosários de flores cobriam o solo e consagravam-nos com libações de água vida, ele acrescenta que, depois da oração solene, Helvídio, a quem foi recomendado o cuidado de reconstruir o Capitólio, “pôs sua mão sobre os frisos que adornavam a pedra de fundação, e também nas cordas pelas quais ela era arrastada para seu lugar. Naquele instante os magistrados, sacerdotes, senadores, cavaleiros romanos e vários cidadãos, todos agindo com um esforço e demonstrações gerais de alegria, passaram as cordas e arrastaram a carga pesada ao local destinado. Então eles derramaram lingotes de ouro e prata, e outros metais, que nunca foram misturados na fornalha, mas que ainda reteve, intocada pela arte humana, sua primeira formação nas entranhas da terra.” – *Hist. Tac.*, 1. IV c. 53, tradução de Murphy.

Como, por exemplo, no Salmo CXVIII. 22, “A pedra que os construtores rejeitaram se tornou a pedra angular”, que Clarke diz: “parece ter sido originalmente dito de Davi, que foi a princípio rejeitado pelos legisladores judeus, mas foi posteriormente escolhido pelo Senhor para ser o grande governante de seu povo em Israel”; e em Isaías XXVIII. 16, “Contemple, eu assentei em Sião uma fundação, uma pedra, uma pedra testada, uma pedra angular preciosa, uma fundação segura”, que claramente se refere ao Messias prometido.

No ritual, “observado a colocação de uma pedra de fundação de estruturas públicas”, há quem diga que “o principal arquiteto então apresenta as ferramentas de trabalho ao Grão-Mestre, que aplica o prumo, esquadro e o

nível à pedra, em suas posições adequadas, e considera-a *bem-formada, verdadeira e leal*”. – Monitor de WEBB, p. 120.

“O esquadro nos ensina a regular nossa conduta pelos princípios de moralidade e virtude”. – *Ritual do Grau de Aprendiz*. – As velhas leituras do Rito de York definem o esquadro assim: “O esquadro é a teoria de obrigação universal, e consistia de duas linhas retas, formando um ângulo de sinceridade perfeita, ou 90 graus; o lado mais longo é a soma dos comprimentos de várias obrigações que nós devemos a todos os homens. E cada homem deve ser adaptado a esse esquadro, quando perfeitamente acabado.”

Aristóteles.

“O cubo é um símbolo de verdade, de sabedoria e perfeição moral. A nova Jerusalém, prometida no Apocalipse, é igual em comprimento, largura e altura. A cidade mística deveria ser considerada como uma nova igreja, onde a sabedoria divina reinaria.” – *Landmarks* de OLIVER, II. p. 357. – E ele deve ter acrescentado, onde a verdade eterna será presente.

Nos tempos mais primitivos, todos os deuses parecem ter sido representados por blocos cúbicos de pedra; e Pausânias diz que viu 30 dessas pedras na cidade de Pharae representando muitas divindades. A primeira da série, é provável, foi dedicada a Hermes, de onde surgiu o nome “Hermae”.

“Dar a Jeová a glória devido ao Seu nome; adorar Jeová na beleza da santidade.” – Salmo XXIX. 2.

Trata-se de uma coincidência singular o fato de na religião brahmânica grande respeito ter sido prestado ao extremo noroeste dos céus. Costuma-se dizer nos Institutos de Menu: “Se ele tem qualquer doença incurável, permita-lhe avançar por um caminho estreito em direção *ao invencível ponto noroeste*, alimentando-se de água e ar até sua forma mortal totalmente decaída e sua alma se tornarem unidas com o Supremo.”

Este duplo simbolismo da pedra angular não escapou à atenção dos simbologistas religiosos. Etsius, um antigo estudioso, em 1682, referindo à passagem em Efésios II. 20, diz: “Aquela que é chamada de pedra angular, ou pedra angular chefe, localiza-se no ângulo extremo de uma fundação, ligando e mantendo unidas duas paredes de diferentes partes do mesmo edifício. O apóstolo não apenas entenderia por esta metáfora que Cristo é a principal fundação de toda a igreja, mas também que nele, como na pedra angular, os dois povos, judeus e gentis, são unidos como as paredes de um edifício, para se tornarem uma única igreja.” Júlio Firmício escreveu no século XVI que Cristo é chamado de pedra angular porque, sendo colocado no encontro de duas paredes, que são o Velho e o Novo Testamento, ele reúne as nações em uma congregação. “*Lapis sanctus, i.e. Christus, aut fidei fundamenta sustentat aut in angulo positus duorum parietum membra aequata moderatione conjungit, i.e., Veteris et Novi Testamenti in unum colligit gentes.*” – *De Errore profan. Religionum*, Cap. XXI.

Esta posição permanente também foi atribuída àquelas pedras cúbicas entre os romanos que representavam as estátuas do deus Término. Elas nunca poderiam ser legalmente removidas do local que ocuparam. Quando Tarquínio ia construir o templo de Júpiter, sobre o Monte Capitólio, todos os santuários e estátuas dos outros deuses foram removidos na eminência de abrir caminho para o novo edifício, exceto aquele de Término, representado por uma pedra. Ele permaneceu intocado, e ficou confinado ao templo, para mostrar, diz Dudley, “que a pedra, sendo uma personificação de Deus Supremo, não poderia ser racionalmente atribuída a Júpiter na dignidade e no poder”. – *Naologia* de Dudley, p. 145.

Naologia de DUDLEY, p. 476.

Discursos Maçônicos, Dis. IV. p. 81.

“O ato de consagração consistia principalmente da unção, que era uma cerimônia derivada da mais primitiva antiguidade. O tabernáculo sagrado, com todos os recipientes e ferramentas, assim como o altar e os próprios sacerdotes, foram consagrados desta maneira por Moisés, no mandamento divino. É tão conhecido que os reis judeus e profetas foram admitidos aos seus vários ofícios por unção. O patriarca Jacó, pelo mesmo direito,

consagrou os altares dos quais se utilizou; o mais provável é que ele tenha seguido a tradição de seus antepassados do que sido o autor deste costume. O mesmo, ou algo semelhante, continuou até os tempos do Cristianismo.” – *Arqueologia Grega* de POTTER, l. II. p. 176.

XXIV

O Nome Inefável

Outra simbologia importante é o Nome Inefável, com o qual a série de símbolos ritualísticos será concluída.

O Tetragramaton¹ ou Palavra Inefável – o Nome Incomunicável – é um símbolo – e se for justamente considerado não passará de um símbolo – maior do que qualquer outro (exceto, talvez, os símbolos ligados à adoração ao sol) que tenha penetrado nos ritos da antiguidade. Eu não conheço, na verdade, nenhum antigo sistema de iniciação no qual esse signo não tenha assumido similar forma ou proeminência.

Mas ele foi, talvez, o símbolo mais antigo que a Maçonaria Espúria dos pagãos corrompeu em sua cisão do sistema primitivo dos patriarcas e do antigo clero. Na discussão do assunto que propomos aqui, será mais útil se começarmos a investigar a natureza do símbolo entre os israelenses.

O nome de Deus que nós, a esmo, pronunciamos Jeová – embora seja esta, ou não, a verdadeira pronúncia, nunca poderá ser oficialmente estabelecida – mesmo assim, sempre foi profundamente venerado pelos judeus. Eles derivam sua origem da inspiração imediata do Todo Poderoso, que o comunicou a Moisés como uma invocação especial a ser usada apenas pelo povo escolhido; a comunicação foi feita no Arbusto Flamejante, quando ele disse: “Assim dirás aos filhos de Israel: Jeová, o Deus de seus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó enviou-me a você: este (Jeová) é meu nome eterno, e este é meu memorial a todas as gerações.”² Em um período subsequente, ele ainda mais enfaticamente declara que este é o seu nome: “Eu sou Jeová; e apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó com o nome de *El Shaddai*; mas eles não me conheceram pelo nome Jeová.”³

Será possível notar que eu não segui exatamente a versão insatisfatória da *Bíblia* King James, que, ao traduzir ou anglicizar um nome, e não outro, deixou a passagem toda menos inteligível e fluente do que deveria ser.

Mantive o original hebreu para ambos os nomes. El Shaddai, “Todo Poderoso”, foi o nome pelo qual ele ficou conhecido entre os patriarcas precedentes; em seu significado era análogo a Elohim, que é descrito no primeiro capítulo do Gênesis criando o mundo. Mas o nome Jeová foi então comunicado ao seu povo pela primeira vez.

Acompanhado de toda solenidade e consagração religiosa dessas cenas e eventos em todas as ocorrências, o mesmo nome de Deus era mencionado entre os israelitas com grande temor e a mais profunda veneração.

Acrescentando misticismo, os cabalistas pela mudança de uma única letra lêem a passagem: “Este é eternamente o meu nome”, ou, como ele é no original, *Zeh shemi l’olam*, זֶה שְׁמִי לְעוֹלָם, que era escrito como *Zeh shemi l’alam*, זֶה שְׁמִי לְאֵלָם e quer dizer: “Este é o meu nome a ser ocultado.”

Essa interpretação, embora baseada em um erro crasso, muito possivelmente intencional, logo se tornou um precedente e desde então foi estritamente obedecida.⁴ A palavra *Jeová* nunca é pronunciada por um judeu devoto, que a substituirá por *Adonai* ou *Senhor* quando for mencionada nas Escrituras – uma prática que tem sido seguida pelos tradutores de uma comum versão inglesa da Bíblia com escrupulosidade quase judaica –, no original o nome “Jeová” é invariavelmente traduzido por “Senhor”.⁵ A pronúncia da palavra, como foi abandonada, finalmente se perdeu, pois, na construção peculiar da linguagem hebraica, que é completamente sem vogais, pode não haver a indicação possível da verdadeira pronúncia de qualquer palavra a quem não a tiver ouvido antes.

Ao simplificar o assunto para o leitor que não está familiarizado com o hebraico, eu arrisco fornecer uma explicação que será, talvez, inteligível.

O alfabeto hebraico consiste inteiramente de consoantes, os sons de vogais sempre são inseridos oralmente, e nunca marcados por escrito até que os “sinais indicativos de vogal”, como são chamados, foram inventados pelos massoretas, cerca de seis séculos depois do início da era cristã. Como os sons das vogais eram originalmente fornecidos pelo leitor na leitura, a partir de um conhecimento que ele havia recebido previamente da pronúncia correta da palavra, por meio de uma instrução oral, ele não era capaz de pronunciar qualquer palavra que nunca antes tivesse sido dita em sua presença. Assim como nós sabemos que *Dr.* é para ser pronunciado *Doutor*, e *Sr.*, *Senhor*, porque sempre ouvimos aquelas combinações peculiares de letras assim enunciadas, e não por causa das letras em si que não equivaleriam a esse som; então os judeus sabem pela instrução e pela

prática constante, e não pela força das letras, como as consoantes nas diferentes palavras no uso diário deveriam ser vocalizadas. Assim como as cinco letras que compõem a palavra *Jehovah*, como nós a chamamos, nunca foram pronunciadas em sua presença, mas foram feitas para representar outra palavra, *Adonai*, que a substituiu, e como a combinação dessas quatro consoantes não daria mais indicação do tipo de enunciação que o exemplo das combinações *Dr.* ou *Sr.* dão em nossa língua, o judeu, desconhecendo quais sons vocais lhe corresponderiam, foi incapaz de pronunciar a palavra, então a verdadeira pronúncia foi perdida no tempo em meio às pessoas simples.

Havia uma pessoa, no entanto, que reproduzia o som adequado das letras e a pronúncia verdadeira da palavra, o Sumo Sacerdote que, recebendo-a de seu predecessor, preservava uma lembrança do som para pronunciá-la três vezes, uma vez por ano, no dia da expiação, quando entrava no santo dos santos dos tabernáculos ou do templo.

Caso as tradições da Maçonaria sobre o assunto estejam corretas, os reis, depois do estabelecimento da monarquia, devem ter partilhado de seu privilégio, pois costuma se dizer que Salomão estava de posse da palavra e a havia comunicado aos seus dois colegas na construção do templo.

A palavra que, pelo número de letras, foi chamada de “tetragramaton”, ou nome de quatro letras, e pela sua inviolabilidade sagrada, de nome “inefável” ou impronunciável.

Os cabalistas e talmudistas a envolveram em uma série de superstições místicas, a maioria tão absurda quanto inacreditável, mas todas tendiam a mostrar a grande veneração que sempre se prestou a isso.⁶ Então disseram que ela possuía poderes ilimitados, e que aquele que a pronunciasse moveria céus e terra e inspiraria os verdadeiros anjos com terror e assombro.

Os rabinos chamavam isso de *shem hamphorash*, o que quer dizer “o nome que é declaratório”, e eles dizem que Davi o encontrou gravado numa pedra enquanto cavava a terra.

A santidade com a qual o nome foi venerado é raramente escrito por completo, conseqüentemente deu origem a muitos símbolos, ou hieróglifos para expressá-lo. Um deles era a letra *Yod*, ou *Yod*, equivalente ao I, ou J, ou Y, em português, que era a inicial da palavra, e geralmente era inscrita dentro de um triângulo equilátero, então:

O próprio triângulo é um símbolo de Divindade.



Este símbolo do nome de Deus merece a nossa atenção, pois não é apenas o triângulo a ser encontrado em muitas religiões antigas ocupando a mesma posição, mas o símbolo todo é, sem dúvida, a origem do hieróglifo exibido no segundo grau da Maçonaria, e cuja simbologia tem a mesma explicação, a forma dela, no que diz respeito à letra, só foi anglicizada pelos inovadores modernos. Em minha opinião, a letra G, que é usada no grau do Companheiro, nunca deveria ter sido inserida na Maçonaria; ela é um exemplo do anacronismo absurdo que nunca teria ocorrido se o símbolo hebraico original fosse guardado. Agora, sem a possibilidade de remoção, só nos cabe lembrar que, na verdade, este é um símbolo de um símbolo.⁷

Amplamente difundida, como já havia dito, essa foi a reverência ao nome de Deus; e, por consequência, seu simbolismo, de alguma forma peculiar, deve ser encontrado nos ritos antigos.

Então o próprio Nome Inefável, sobre o qual já foi discursado, diz-se ter sido preservado em sua verdadeira pronúncia pelos essênios, que o comunicavam uns aos outros apenas com um sussurro em seus ritos secretos, e dessa forma, embora suas sílabas fossem conhecidas, elas estavam tão separadas que tornavam a palavra inteira um mistério.

Entre os egípcios, cuja conexão com os hebreus foi mais imediata do que com qualquer outro povo, houve uma grande similaridade dos ritos, dizia-se que o mesmo nome sagrado havia sido usado como uma senha, com o propósito de ganhar admissão aos seus Mistérios.

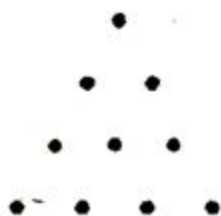
Nos Mistérios brahmânicos do Hindustão, a cerimônia de iniciação era terminada ao aceitar o aspirante com o nome sagrado, trilateral, que era AUM, as três letras que representavam princípios criativos, preservadores e destrutivos da Divindade Suprema, personificada em três manifestações de Brahma, Shiva e Vishnu. Era proibido pronunciar esta palavra em voz alta. Ela devia estar sujeita à meditação silenciosa do hindu devoto.

Nos ritos da Pérsia, um nome inefável também era comunicado ao candidato depois de sua iniciação.⁸ Mitras, a divindade principal nesses

ritos, que ocupava o lugar do Jeová hebreu e representava o Sol, tinha esta peculiaridade em seu nome – o valor numérico das letras pelas quais era composto somavam exatamente 365, o número de dias que constitui o movimento orbital da terra ao redor do Sol, ou, como eles supunham, do Sol ao redor da terra.

Nos Mistérios introduzidos por Pitágoras na Grécia novamente encontramos o nome inefável dos hebreus, sem dúvida obtido pelos filósofos de Samos durante a sua visita à Babilônia.⁹

O símbolo adotado para expressar isso era, no entanto, algo diferente: dez pontos distribuídos na forma de um triângulo, cada lado contendo quatro pontos, como na figura a seguir:



A ponta do triângulo era conseqüentemente formada por um único ponto seguido abaixo por outros dois, depois três e, finalmente, a base consistia de quatro. Esses pontos pretendiam, pelo número em cada fileira e de acordo com o sistema pitagórico, denotar a respectiva *mônada*, ou o princípio ativo da natureza; o *dualismo*, ou o princípio passivo; a *tríade*, ou o mundo emanando de sua união; e o *quatérnio*, ou a ciência intelectual; o número completo de pontos somando dez simboliza a perfeição e a consumação. Esta figura foi chamada por Pitágoras de *tetractys* – palavra equivalente em significado ao *tetragramaton*; e considerada tão sagrada que o juramento de sigilo e fidelidade a ela foi administrado aos aspirantes nos ritos pitagóricos.¹⁰

Entre os escandinavos, como entre os cabalistas judeus, o Deus Supremo, que se tornou conhecido em seus mistérios, tinha doze nomes, do qual o principal e mais sagrado era *Alfader*, o Pai Universal.

Entre os druidas, o nome sagrado de Deus era *Hu*¹¹ – um nome que, embora Bryant supusesse que havia sido transmitido por eles a Noé, será reconhecido como o das modificações do tetragramaton hebraico. Ele é, na verdade, o pronome masculino em hebraico, e pode ser considerado como a

simbolização do princípio masculino ou gerativo na natureza – um tipo de modificação do sistema de adoração fálica.

Este nome sagrado entre os druidas me lembra o que é por fim, e indubitavelmente a especulação mais filosófica sobre o verdadeiro significado, assim como sua pronúncia, o inefável tetragramaton. É da engenhosa mente do celebrado Lanci; e eu já tinha, em outra obra, trazido isso a público assim como recebi de seu pupilo e meu amigo, Gliddon, o distinto arqueólogo. Mas os resultados também são muito curiosos para serem omitidos mesmo quando o tetragramaton for discutido.

Em todo lugar, eu aludi completamente ao sentimento prevalecente entre os antigos de que a Divindade Suprema era bissexual, ou hermafrodita, incluindo na essência de seu ser os princípios masculino e feminino, os poderes gerativos e prolíficos da natureza. Esta era a doutrina universal em todas as religiões antigas, e foi muito naturalmente desenvolvida no símbolo do *falo* e *cteis* entre os gregos, e em seus correspondentes *lingam* e *yoni*, entre os orientistas; dos quais o *ponto dentro do círculo* maçônico é uma derivação legítima. Todos ensinam que Deus, o Criador, era tanto homem como mulher.

Sem dúvida, esta teoria não é condenável por sua classificação ortodoxa, se a considerarmos no sentido espiritual em que seus primeiros proponentes necessariamente quiseram incutir à mente, e não no sentido geral, sensual, no qual ela foi subsequenteiramente recebida. Pois, tomando a palavra *sex*, não em seu significado ordinário e coloquial, denotando a indicação de uma organização particular, mas no sentido puramente filosófico que só pode ser usado em tal conexão, e que simplesmente significa a mera manifestação de um poder, não se pode negar que o Ser Supremo deve possuir em si mesmo tanto um poder gerativo como prolífico. Esta idéia, que prevaleceu entre todas as nações da antiguidade,¹² também foi apresentada no tetragramaton, ou nome de Jeová, com singular ingenuidade, por Lanci; e o que é quase tão interessante é que ele foi capaz, por meio de sua descoberta, de demonstrar qual seria, muito provavelmente, a pronúncia verdadeira da palavra.

Ao dar detalhes da descoberta filológica, tentarei torná-la compreensível àqueles que não estão muito familiarizados com a construção da linguagem hebraica; e que imediatamente apreciarão seu caráter peculiar e desculparão os detalhes explanatórios, claro, desnecessários a eles.

O nome inefável, ou o tetragramaton, ou o *shem hamphorash* – pois é conhecido por todas essas invocações – consiste de quatro letras, *yod*, *heh*,

vau e *heh*, formando a palavra יהוה. Esta palavra, de acordo com o gênio da linguagem hebraica, é lida, como diríamos, de trás para frente, ou da direita para a esquerda, começando com *yod* (י), e terminando com *heh* (ה).

Dessas letras, a primeira, *yod* (י), é equivalente ao *i* em português, pronunciado como *e* na palavra *máquina*.

A segunda e a quarta letras, *heh* (ה), são uma consoante aspirada e têm o som do *h* em inglês.

E a terceira letra, *vau* (ו), tem o som de *óu*.

Agora, lendo essas quatro letras – י ou I; ה ou H; ו ou O; e ה ou H – como os hebreus exigem, da direita para a esquerda, nós temos a palavra יהוה, que é realmente o mais próximo que conseguimos chegar da pronúncia, mesmo ela não sendo uma das sete formas sob as quais se acredita que a palavra tenha sido pronunciada, em outras épocas, pelos patriarcas.¹³

Assim pronunciada, a palavra tem significado, pois não há *ihouh* em hebraico; e, como todos os nomes hebraicos significam algo, é justo concluir que esta não era a pronúncia original, e que devemos procurar por outra para dar significado à palavra. Agora, Lanci prossegue com uma descoberta de sua verdadeira pronúncia: na Cabala, um significado oculto é geralmente deduzido de uma palavra ao transpor ou reverter suas letras, e foi dessa forma que os cabalistas ocultaram muitos de seus mistérios.

Reverter uma palavra em português equivaleria a ler as letras da *direita para a esquerda*, porque nosso modo normal de ler é da *esquerda para a direita*. Mas em hebraico ocorre o contrário, pois o modo normal de leitura é da *direita para a esquerda*; e, portanto, para reverter a leitura de uma palavra, ela deve ser lida da *esquerda para a direita*.

Lanci aplicou seu modo cabalista ao tetragramaton, quando ele descobriu que *Ih-Oh*, sendo lido ao contrário, formava a palavra *Ho-Hi*.¹⁴

Mas, em hebraico, *ho* é o pronome masculino, equivalente ao *ele* em português; e *hi* é o pronome feminino, equivalente a *ela*; portanto a palavra *Ho-Hi*, literalmente traduzida, é equivalente ao composto Ele-Ela; ou seja, o Nome Inefável de Deus em hebraico, sendo lido cabalisticamente, inclui em si mesmo o princípio masculino e feminino, a energia de criação gerativa e prolífica; e aqui nós temos, novamente, o simbolismo amplamente disseminado do *falo* e de *cteis*, da *lingam* e de *yoni*, ou seu equivalente, o ponto dentro de um círculo, e outra prova significativa da conexão entre a Maçonaria e os Mistérios antigos.

E aqui, talvez, encontremos algum significado para a passagem até então incompreensível do Gênesis (I. 27): “Então, Deus criou o homem *à sua própria imagem; à imagem de Deus* ele o criou; *masculino e feminino.*” Eles não poderiam ter sido “à imagem” de *Ihoh*, se não fossem “masculino e feminino”.

Os cabalistas exauriram a sua ingenuidade e imaginação em especulações sobre o nome sagrado, e algumas de suas fantasias são suficientemente interessantes para realizar uma investigação. No entanto, o discutimos bastante aqui em consideração à importante posição ocupada por ele no sistema maçônico, o que nos possibilita apreciar os símbolos que o têm representado.

A grande reverência ou, na verdade, a veneração supersticiosa aceita pelos antigos do nome do Ser Supremo, levou-os a expressar isso muito mais especialmente em símbolos ou hieróglifos do que em qualquer palavra.

Nós sabemos, por exemplo, através das pesquisas arqueológicas recentes que, em todos os documentos dos antigos egípcios, escritos de forma demótica ou popular, os nomes dos deuses eram invariavelmente caracterizados por símbolos; e eu já aludi aos diferentes modos pelos quais os judeus expressavam o tetragramaton. Uma prática semelhante prevaleceu entre as outras nações da antiguidade. A Maçonaria adotou o mesmo expediente, e o Grande Arquiteto do Universo, cujo uso – mesmo na escrita ordinária, é designado pelas iniciais *G.A.D.U.* –, nos é, conseqüentemente, apresentado em uma variedade de símbolos, dos quais três requerem atenção especial: a letra *G*, o triângulo equilátero e o Olho que Tudo Vê.

Da letra *G* eu já falei. Uma letra do alfabeto português raramente pode ser considerada um símbolo adequado de uma instituição que data sua organização e refere sua história primitiva a um período bem anterior ao da origem da linguagem. Tal símbolo seria deficiente em dois elementos – antiguidade e universalidade – que devem caracterizar cada símbolo maçônico. Não se pode, portanto, ter dúvida de que, na sua forma presente, esta é uma corrupção do antigo símbolo hebraico, a letra *yod*, que freqüentemente expressava o nome sagrado. A mesma letra é a inicial da palavra *Jeová*, ou *Ihouh*, como já havia sido dito, e deve ser constantemente relacionada aos escritos hebraicos como símbolo ou abreviatura de *Jeová*, cuja palavra, devemos lembrar, nunca é escrita. Mas porque o *G* é, de maneira semelhante, a inicial de *God* (*Deus*), o equivalente de *Jeová*, esta

letra tem sido incorretamente, e, eu não posso deixar de dizer, nada sabiamente, selecionada para fornecer, nas Lojas modernas, o local do símbolo hebraico.

Tendo, então, o mesmo significado e a força que o *yod* hebraico, a letra G deve ser considerada, como seu protótipo, o símbolo do poder gerador e prolongador da vida de Deus, como manifestado no significado da palavra Jeová, ou Ihouh, a energia geradora e prolífica do Criador.

O Olho que Tudo Vê é outro e ainda mais importante símbolo do mesmo grande Ser. Tanto os hebreus como os egípcios parecem tê-lo derivado da inclinação natural das mentes figurativas em selecionar um órgão como o símbolo da função que pretende cumprir. Por isso o pé foi freqüentemente adotado como o símbolo de rapidez, o braço forte e a mão da fidelidade. Com o mesmo princípio, o olho aberto foi selecionado como o símbolo de cautela, e o olho de Deus como o símbolo da vigilância divina e o cuidado do universo. O uso do símbolo neste sentido é repetidamente encontrado nos escritores hebraicos. Então o salmista diz (Ps. XXXIV. 15): “Os olhos do Senhor guardam os íntegros, e seus ouvidos escutam seus lamentos”, o que explica uma passagem subsequente (Ps. CXXI. 4), na qual é dito: “Contemple, aquele que manteve Israel nunca deve descansar ou adormecer.”¹⁵

Com o mesmo princípio, os egípcios representaram Osíris, sua principal divindade, com o símbolo de um olho aberto, e colocaram este hieróglifo em todos os seus templos. Seu nome simbólico, sobre os monumentos, foi representado pelo olho acompanhando um trono, no qual algumas vezes havia uma figura reduzida de deus, e algumas vezes o que tem sido chamado de machadinha, mas que eu considero ser a representação de um compasso.

O Olho que Tudo Vê pode, então, ser considerado como um símbolo de Deus manifestado em sua onipresença – seu caráter protetor e preservador – ao qual Salomão alude no *Livro dos Provérbios* (XV. 3), quando diz: “Os olhos de Jeová estão em todo lugar, contemplando (ou como deve ser mais fielmente traduzido, observando) o mal e o bem.” Este é um símbolo da Divindade onipresente.

O *triângulo* é outro símbolo que está intitulado à nossa consideração. Não há, na verdade, outro símbolo que seja mais variável em sua aplicação ou mais geralmente difundido por todo o sistema da Maçonaria Espúria e da Pura.

O triângulo equilátero foi adotado por quase todas as nações da antiguidade como um símbolo da Divindade.

Entre os hebreus, já foi afirmado que essa figura, com um *yod* no centro, foi usada para representar o tetragramaton, ou o inefável nome de Deus.

Os egípcios consideraram o triângulo equilátero a mais perfeita das figuras, e um representante do grande princípio da existência animada, cada lado se referindo a algum dos três domínios da criação – o animal, o vegetal e o mineral.

O símbolo de natureza universal entre os egípcios foi o triângulo de ângulo reto, no qual a perpendicular representa Osíris, ou princípio masculino; a base, Ísis, ou o princípio feminino; e a hipotenusa, seus descendentes, Hórus, ou o mundo emanando da união de ambos os princípios.

Tudo isso, claro, são *falo* e *cteis*, ou *lingam* e *yoni*, sob uma forma diferente.

O símbolo do triângulo de ângulo reto foi posteriormente adotado por Pitágoras quando visitou as margens do Nilo; e a descoberta que ele diz ter feito em relação às propriedades dessa figura, mas que na verdade aprendeu com os sacerdotes egípcios, é comemorada na Maçonaria pela introdução do 47ª Proposição de Euclides no Primeiro Livro entre os símbolos do terceiro grau. Aqui, a mesma aplicação mística é fornecida como na figura egípcia, ao saber que a união dos princípios masculino e feminino, ou ativo e passivo da natureza, produziu o mundo. Para a proposição geométrica da soma do quadrado dos catetos é igual ao quadrado da hipotenusa, pode ser dito que da mesma forma Osíris e Ísis são iguais ao mundo, ou o produzem.

Assim a perpendicular – Osíris, ou o princípio ativo, masculino – é representada por uma linha cuja medida é 3; e a base – Ísis, ou o princípio passivo, feminino – por uma linha cuja medida é 4; então sua união, ou o acréscimo dos quadrados desses números, produzirão um quadrado cuja raiz seria a hipotenusa, ou uma linha cuja medida seria 5. Pois o quadrado de 3 é 9, e o quadrado de 4 é 16, e o quadrado de 5 é 25; mas a soma de 9 com 16 é igual a 25. A partir da resultante da soma, ou da união dos quadrados da perpendicular e da base, chega-se ao quadrado da hipotenusa; tanto como, somando, no sistema egípcio, os princípios ativo e passivo, surge ou é gerado o mundo.

Na história medieval da igreja cristã, a grande ignorância do povo, e sua inclinação para um tipo de materialismo, levaram-no a abandonar as

representações simbólicas da Divindade e a descrever o Pai com a forma e os traços de um homem de idade – muitas delas pinturas irreverentes, encontradas nos livros e edifícios religiosos da Europa no século XII.¹⁶ Depois do renascimento, um espírito mais nobre e um gosto mais apurado começou a penetrar os artistas da igreja, o que fez o Ser Supremo representado apenas pelo nome – o tetragramaton – inscrito dentro de um triângulo eqüilátero e colocado dentro de um círculo de raios. Didron, em sua obra inestimável sobre a Iconografia Cristã, exhibe um desses símbolos, que fora esculpido em Madeira no século XVII, e do qual anexe uma cópia.

Mesmo nas eras mais antigas, quando a Divindade era pintada ou esculpida como uma personagem, o nimbo, ou glória, que rodeava a cabeça do Pai, geralmente assumia uma forma triangular. Didron diz sobre o assunto: “Um nimbo com forma triangular é visto como atributo exclusivo da Divindade, e mais freqüentemente restrito ao Pai Eterno. De resto, as outras pessoas da trindade algumas vezes usam o triângulo, mas apenas em suas representações do símbolo, porque o



Pai ainda está com eles. Além do Pai, possuem um triângulo, o Filho e o Espírito Santo são desenhados com um nimbo circular apenas.”¹⁷

O triângulo tem sido em todas as épocas e em todas as religiões estimado como um símbolo de Divindade.

Os egípcios, os gregos e outras nações da antiguidade consideravam esta figura, com seus três lados, como um símbolo de energia criativa exibido nos princípios ativo e passivo, ou masculino e feminino, e seu produto, o mundo; os cristãos se referiram ao seu dogma da trindade como uma manifestação do Deus Supremo; e os judeus e os maçons primitivos aos três períodos de existência incluídos na significação do tetragramaton – o passado, o presente e o futuro.

Nos graus superiores da Maçonaria, o triângulo é o mais importante de todos os símbolos, e muito geralmente assume o nome de *Delta*, em alusão à quarta letra do alfabeto grego, que possui a mesma forma e mantém aquela denominação.

O Delta, ou triângulo místico, é rodeado por um círculo de raios chamado “glória”. Quando esta glória fica fora da figura, e a envolve na forma de um círculo (como no exemplo retirado de Didron), ela se torna um emblema da glória eterna de Deus. Quando os raios emanam do centro do triângulo, e o envolvem em seu brilho, como é mais comum no símbolo maçônico, ele simboliza a Luz Divina. As idéias distorcidas dos pagãos relacionavam esses raios de luz ao seu Deus-sol e à sua adoração sabeísta.

Mas a verdadeira idéia maçônica de sua glória é que ele simboliza a Luz Eterna da Sabedoria, que rodeia o Supremo Arquiteto como se fosse um mar de glória, e dele, como um centro comum, emana o universo de sua criação, e para o qual o profeta Ezequiel alude em sua eloqüente descrição de Jeová: “Eu o vi como a cor do âmbar, como se o fogo emanando em todas as direções e ao redor dele surgisse na altura dos quadris e fosse subindo e descendo; vi, como se fosse fogo, e tinha brilho em todas as direções.” (Cap. 1, ver. 27.)

Dante também descreveu belamente a luz ao redor da Divindade:

*“Há no céu uma luz cujo intenso brilho
Torna o Criador visível a todas as
Criaturas, que ao vê-lo, sozinhos
Têm paz; e em um círculo expandem-se tanto,
Que a circunferência se tornou uma área muito ampla
Para ser envolvida pelo sol.”*

Recapitulando os pontos de vista expostos em relação aos três símbolos da Divindade que são encontrados no sistema maçônico, podemos dizer que cada um expressa um atributo diferente.

A letra *G* é o símbolo da auto-existência de Jeová.

O *Olho que Tudo Vê* é o símbolo do Deus onipresente.

O *triângulo*¹⁸ é o símbolo do Supremo Arquiteto do Universo – o Criador; e quando rodeado pelos raios de glória, ele se torna um símbolo do Arquiteto e do Provedor de Luz.

Afinal de contas, não há na prevalência completa do nome de Deus em tanto símbolos diferentes, do começo até o fim do sistema maçônico, algo além de uma mera evidência da propensão religiosa da instituição? Não há

nada detrás de seu mais profundo simbolismo, que constitua, de fato, a verdadeira essência da Maçonaria? “Os nomes de Deus”, disse um teólogo no início do século XIX: “pretendiam comunicar o conhecimento do próprio Deus. Por isso, os homens foram capazes de receber algumas idéias limitadas de sua majestade, bondade e poder essenciais, e saber em quem e em que acreditamos”.

Esta linha de pensamento é eminentemente aplicável à admissão do nome no sistema da Maçonaria. Conosco, o nome de Deus, embora expressado, é um símbolo da *Verdade Divina* que um Maçom deve sempre buscar.

Do grego τετρας, (quatro), e γράμμα, (letra), porque a palavra é composta por quatro letras hebraicas. Brande então define: “Entre várias nações antigas, o nome do número místico *quatro*, que geralmente representava a Divindade, é expresso pelo nome das quatro letras”. Mas esta definição é incorreta. O tetragramaton não é o nome do número *quatro*, mas a palavra que expressa o nome de Deus em quatro letras, e é apenas aplicado à palavra hebraica.

Êxod. III. 15. Em nossa versão comum da *Bíblia*, a palavra “Senhor” é substituída por “Jeová”, onde a verdadeira explicação da original se perdeu.

Êxod. VI. 2. 3.

“Os judeus têm muitas histórias supersticiosas e opiniões relativas ao seu nome, então, por serem proibidos de mencionar *em vão*, não mencionam nunca. Eles a substituem por *Adonai*, entre outros nomes, quando quer que a leiam ou falem, ou simples e enfaticamente estilizaram-no por יהוה, o *Nome*. Alguns deles atribuíram a uma determinada repetição de seu nome a virtude de um encanto, e outros tiveram a audácia de afirmar que o nosso abençoado Salvador produziu todos seus milagres (pois eles não negaram que foi assim) pelo uso místico de seu nome venerável. Ver o *Toldoth Jeschu*, uma versão da vida vergonhosa e obscena de Jesus, escrito por um judeu depois do século XII. Na p. 7, edição de Wagenseilius, 1681, há uma descrição sucinta da maneira pela qual o nosso Salvador entrou no templo e obteve a posse do Nome Sagrado. Leusden disse que ele ofereceu uma soma de dinheiro a um judeu muito pobre em Amsterdã se ele pronunciasse apenas uma vez deliberadamente o nome *Jeová*; mas ele se recusou a fazê-

lo, dizendo que ele não ousaria.” – *Horae Solitariae*, vol. I. p. 3. – “Um brâhmane não pronunciará o nome do Todo Poderoso sem retirar suas luvas e dizer com medo e tremendo.” – MURRAY, *Verdade da Revelação*, p. 321.

Evitou-se o mesmo em uma tradução estrita em outras versões. Para Jeová, a Septuaginta usa “Κύριος”; a Vulgata, “Dominus”, e o alemão *der Herr*, tudo equivalendo a “Senhor”. A versão francesa usa o título “l’Eternel”. Mas, com uma compreensão melhor do valor da palavra, Lowth em seu “Isaías”, as versões swedenborgianas dos Salmos, e algumas outras versões recentes, restauraram o nome original.

No tratado talmúdico, *Majan Hachochima*, citado por Stephelin (*Literatura Rabínica*, I. p. 131), aprendemos que entender corretamente o *shem hamphorash* é obter uma chave para revelar todos os mistérios. Diz o tratado: “Por meio dele entenderá as palavras dos homens, o som do gado, o canto dos pássaros, a linguagem dos animais, o ladrar dos cães, a língua de anjos ministeriais e de demônios, a linguagem das tamareiras, o movimento do mar, a unidade dos corações e o murmúrio da língua – até mesmo o funcionamento dos rins.”

Diz-se que o gama, Γ, ou letra grega G, era sagrado entre os pitagóricos como a inicial de Γεωμετρία ou Geometria.

Ver Oliver, *Hist. Inic.* p. 68, nota.

Jâmblico conta que Pitágoras saiu de Mileto para Sídön pensando em chegar mais facilmente ao Egito – período em que fora iniciado nos mistérios de Biblos e Tiro, e nos que eram praticados em muitas partes da Síria –, não porque estivesse sob a influência de quaisquer motivos supersticiosos, mas pelo medo de não ter mais igual oportunidade e por negligenciar a aquisição de algum conhecimento baseado nos ritos mais importantes. Mas como esses mistérios eram originalmente recebidos pelos fenícios do Egito, lá ele permaneceu por 22 anos ocupando-se do estudo de geometria, astronomia e de todas as iniciações dos deuses (πάσας θεῶν τελετάς), até que ele tivesse carregado um cativo à Babilônia pelos soldados de Cambises, e que 12 anos depois ele voltou a Samos aos 60 anos. – *Vit. Pitag*, Cap. III, IV.

“As palavras sagradas foram confiadas a ele, do qual o Tetractys Inefável, ou nome de Deus, era a principal.” – OLIVER, *Hist. Inic.* p. 109.

“Hu, o poderoso, cuja história como patriarca é parecida com a de Noé, foi promovido à categoria de principal deus-demônio entre os bretões; como sua carruagem foi composta dos raios do sol, presume-se que ele foi adorado em conjunção com o astro luminoso, a mesma superstição atribuída à sua luz também é feita ao seu rápido curso.” – DAVIES, *Mitol. e Ritos dos Bret. Druidas*, p. 110.

“Todos os deuses masculinos (dos antigos) podem ser reduzidos à energia geradora; e todos os femininos ao princípio prolífico. Na verdade, eles podem todos ser incluídos em um grande Hermafrodita, o ἄρρενοθηλυς que combina em sua natureza todos os elementos de produção, e que continua a apoiar a vasta criação que originalmente procedeu de seu desejo.” – *Conexão* de RUSSELL, I. p. 402.

Esta é uma tradição que foi pronunciada nas seguintes sete formas pelos patriarcas, de Matusalém a Davi: *Juha, Jeva, Jova, Jevo, Jevéh, Johe, e Jeová*. Em todas essas palavras o *j* deve ser pronunciado como *y*, o *a* como *ah*, o *e* como *a*, e o *v* como *w*.

O *i* deve ser pronunciado como o *e*, e a palavra toda como se pronuncia em inglês *ho-he*.

No apócrifo “Livro da Conversação de Deus com Moisés no Monte Sinai”, traduzido pelo Rev. W. Cureton de um MS arábico do século XV, e publicado pela Sociedade Filobiblon de Londres, a idéia da vigilância eterna de Deus é então belamente alegorizada: “Então Moisés disse ao Senhor, Ó Senhor, vós dormis ou não? O Senhor disse a Moisés, eu nunca durmo: mas pegue uma xícara e a encha de água. Então Moisés pegou uma xícara e a encheu com água, como o Senhor lhe ordenou. Então o Senhor lançou ao coração de Moisés um sopro de descanso; assim ele adormeceu, deixando a xícara cair de sua mão, a água derramar. Depois Moisés despertou e Deus lhe disse: eu declaro por meu poder, e por minha glória, que se eu tivesse retirado minha providência dos céus e a terra não pelo

pouco tempo que vós dormis, eles cairiam imediatamente em ruína e confusão, assim como a xícara caiu de vossa mão.”

Eu possuo uma cópia rara da Bíblia Vulgata, em letra preta, impressa em Lyons, em 1522. O frontispício foi rusticamente entalhado, dividido em seis compartimentos, representando os seis dias da criação. O Pai é, em cada compartimento, retratado como um homem idoso engajado em sua tarefa criativa.

Iconografia Cristã, tradução de Millington, vol. I. p. 59.

O triângulo, ou delta, é o símbolo da Divindade por essa razão. Na geometria, uma única linha não pode representar uma figura perfeita; nem podem duas linhas; três linhas, no entanto, constituir o triângulo ou a primeira figura perfeita e demonstrável, a qual simboliza o Deus Eterno, infinitamente perfeito em sua natureza. Mas o triângulo adequadamente se refere a Deus apenas em sua qualidade de Ser Eterno, seus três lados representando o Passado, o Presente e o Futuro. Alguns simbologistas cristãos fizeram os três lados representarem o Pai, o Filho e o Espírito Santo, mas dessa forma eles evidentemente destroem a unidade divina, fazendo uma trindade de Deuses na unidade de uma Divindade. A trindade gnóstica dos manes consistia de um Deus e dois princípios, um do bem e o outro do mal. A trindade indiana, simbolizada também pelo triângulo, consistia de Brahma, Shiva e Vishnu; respectivamente o Criador, o Preservador, o Destruidor, representados por Terra, Água e Ar. Este simbolismo do Deus Eterno pelo triângulo é a razão pela qual um esquema trinário foi tão prevalente em todas as religiões – os três lados naturalmente sugerindo as três divisões da Divindade. Mas nas religiões pagãs e orientais esta trindade não passou de um triteísmo.

XXV

As Lendas da Maçonaria

O caráter composto de uma ciência especulativa e de uma arte operativa, que a instituição maçônica assumiu na construção do templo do Rei Salomão, em consequência da união, naquela época, da Maçonaria Pura dos noaquidas¹ com a Maçonaria Espúria dos operários de Tiro, havia fornecido dois tipos distintos de símbolos – o *mítico*, ou *lendário*, e o *material*; mas eles estão perfeitamente unidos em objetivo e propósito, o que fica impossível de apreciar em uma, sem a investigação da outra.

Assim, para ilustrar, pode-se observar que o próprio templo foi adotado como um símbolo material do mundo (como já mostrado nos artigos anteriores), enquanto a lendária história do destino de seu construtor é um símbolo mítico do destino do homem no mundo. Seja visível ou tangível aos sentidos, em nossos símbolos ou emblemas – como os implementos da maçonaria operativa, a mobília e os ornamentos de uma Loja ou a escada de sete degraus –, é um *símbolo material*; enquanto o que quer que derive sua existência da tradição e se apresente na forma de uma alegoria ou lenda, é um *símbolo mítico*. Hirão, o Construtor, portanto, e tudo que se refere à lenda de sua ligação com o templo, e o seu destino – como o ramo da acácia, a montanha próxima do Monte Moriá e a palavra perdida – devem ser considerados pertencentes à classe dos símbolos míticos ou lendários.

Esta divisão não é arbitrária, mas depende da natureza dos símbolos e o aspecto no qual eles se apresentam à nossa visão.

Então o ramo de acácia, embora seja material, visível e tangível, não é tratado como um símbolo material, pois como ele deriva toda sua significância de sua relação íntima com a lenda de Hirão Abif, que é um símbolo mítico, ele não pode, em uma ruptura violenta e inadequada, ser separado da mesma classe. Pela mesma razão, a pequena montanha próxima ao Monte Moriá, a busca pelos Doze Companheiros e o conjunto completo

de circunstâncias relacionadas à palavra perdida devem ser vistos simplesmente como míticas ou lendárias, e não como símbolos materiais.

Essas lendas da Maçonaria constituem uma parte verdadeira e importante do ritual. Sem elas, as partes mais valiosas do sistema maçônico como um sistema científico deixariam de existir. Na verdade, é nas tradições e lendas da Maçonaria, muito mais que em seus símbolos materiais, que devemos encontrar a profunda instrução religiosa que a instituição pretende inculcar. Deve-se lembrar que a Maçonaria tem sido definida como “um sistema de moralidade, velada em alegoria e ilustrada por símbolos”. Símbolos, então, sozinhos não constituem o sistema como um todo: a alegoria vem a contribuir com a sua parte; e esta alegoria, que vela a verdade divina da Maçonaria, é apresentada ao neófito em várias lendas que foram tradicionalmente preservadas na ordem.

A íntima relação, pelo menos quanto ao propósito e ao método de execução, entre a instituição da Maçonaria e os Mistérios antigos, que foram amplamente imbuídos com o caráter místico das religiões antigas, levam, indubitavelmente, à introdução do mesmo caráter místico ao sistema maçônico.

Tão geral, na verdade, foi a difusão do mito ou lenda entre os sistemas filosófico, histórico e religioso da antiguidade, que Heyne observa, sobre o assunto, que toda história e filosofia dos antigos procederam desses mitos.²

A palavra *mito*, do grego μῦθος, *uma história*, em sua acepção original, significava uma afirmação ou narrativa de um evento, sem qualquer implicação necessária de verdade ou falsidade; mas, como a palavra é usada agora, ela transmite a idéia de uma narrativa pessoal remota que, embora não seja necessariamente inverídica, é certificada apenas pela evidência interna da própria tradição.³

Creuzer, em seu “Symbolik”, diz que os mitos e os símbolos foram derivados, por um lado, da condição indefesa e dos pobres e limitados princípios do conhecimento religioso entre os povos antigos, e por outro lado, dos desígnios benevolentes dos sacerdotes educados no Oriente, ou de origem oriental, que os transformaram em um conhecimento mais puro e superior.

As observações feitas pelo altamente filosófico historiador Grote, dão uma visão correta da provável origem da universalidade do elemento mítico em todas as religiões antigas, e são, também, muito apropriadas ao assunto das lendas maçônicas que discutirei, por isso as cito livremente.

“A interpretação alegórica dos mitos”, ele diz, “tem sido ligada por vários investigadores, especialmente Creuzer, à hipótese de um antigo grupo de sacerdotes altamente instruído, que se originou no Egito ou no Oriente e comunicou aos bárbaros e rudes gregos o conhecimento religioso, físico e histórico, sob o véu dos símbolos. Acredita-se que na fase inicial da linguagem, símbolos visíveis eram os meios mais vívidos de agir sobre as mentes de ouvintes ignorantes. O próximo passo foi passar à linguagem e às expressões simbólicas, pois uma exposição plena e literal, mesmo se inteligível a todos, poderia ao menos ser escutada com indiferença, caso não correspondesse a qualquer demanda mental. Dessa maneira alegórica, então, os antigos sacerdotes estabeleceram suas doutrinas respeitando Deus, a natureza e a humanidade – o monoteísmo refinado e a filosofia teológica –, e a este propósito os antigos mitos se voltaram. Mas outra classe de mitos, mais popular e mais cativante, cresceu sob as mãos dos poetas – mitos puramente épicos e descritivos de eventos reais ou supostamente passados. Os mitos alegóricos, difundidos pelos poetas, insensivelmente se tornavam confundidos com a mesma categoria dos mitos puramente narrativos; a questão simbolizada não era mais o pensamento, enquanto as palavras simbólicas eram construídas em seu próprio sentido literal, e a base das primeiras alegorias, então perdida para o público geral, só foi preservada como um segredo entre várias fraternidades religiosas, composta por membros unidos na iniciação em determinadas cerimônias místicas, e administradas por famílias que descendiam de sacerdotes dirigentes.

“Nas seitas órficas e de Baco, nos Mistérios de Elêusis e da Samotrácia, foram encerrados a doutrina secreta e os antigos mitos teológicos e filosóficos, que certa vez já haviam constituído o inventário lendário e primitivo da Grécia nas mãos do clero original e nas épocas anteriores a Homero. Pessoas que participaram das cerimônias preliminares de iniciação puderam conhecer, embora sob estrita obrigação de sigilo, esta antiga religião e doutrina cosmogônica, revelando o destino do homem e a existência de determinadas recompensas e punições póstumas, todas livres das corrupções dos poetas, assim como dos símbolos e alegorias que ainda permaneciam ocultos aos olhos vulgares. Os Mistérios da Grécia foram então traçados até as mais antigas eras, e representados como os únicos depositários fiéis da mais pura teologia e física que foram originalmente comunicadas, embora sob a inevitável inconveniência de uma expressão simbólica cunhada por um ilustre clero que vinha de fora para esclarecer os rudes bárbaros do país.”⁴

Neste longo e interessante trecho encontra-se não apenas um relato filosófico da origem e do propósito dos mitos antigos, mas uma sinopse mais justa de todos aqueles que podem ser ensinados em relação à

construção simbólica da Maçonaria, assim como dos depositários da teologia mítica.

Os mitos de Maçonaria, de início, talvez não passassem de tradições simples da Maçonaria Pura do sistema antediluviano, tendo sido corrompidas e mal interpretadas na dissociação das raças, foram novamente purificadas e adaptadas ao ensinamento da verdade, primeiro, pelos discípulos da Maçonaria Espúria, e então, mais completa e perfeitamente, no desenvolvimento do sistema que agora praticamos. Se houver qualquer tendência ao erro que tenha ainda permanecido na interpretação de nossos mitos maçônicos, devemos procurar livrá-los das corrupções que a ignorância e má interpretação tenham lhes conferido. Devemos dar aos mitos os seus verdadeiros significados e traçar sua origem das antigas doutrinas de fé até onde as idéias que eles pretendiam incorporar derivaram.

Os mitos ou lendas que tomaram a nossa atenção no decorrer do estudo completo do sistema simbólico da Maçonaria podem ser divididos em três classes:

1. O mito histórico.
2. O mito filosófico.
3. A história mítica.

E essas três classes podem ser definidas da seguinte forma:

1. O mito pode ser empregado na transmissão de uma narrativa das façanhas e dos eventos antigos, tendo sua fundação na verdade, a qual, no entanto, foi bastante distorcida e corrompida pela omissão ou introdução de circunstâncias e personagens, então ele constituirá o *mito histórico*.
2. Ou ele pode ter sido inventado e adotado como um meio de enunciar um pensamento particular, ou de ensinar uma determinada doutrina, quando ele se torna um *mito filosófico*.
3. Ou, por fim, os elementos verdadeiros da história efetiva podem predominar sobre os materiais fictícios e inventados do mito, e a narrativa poderá ser, na maior parte, composta de fatos com um leve colorido de imaginação, quando ela se torna uma *história mítica*.⁵

A cada uma dessas três divisões da lenda, ou mito (pois eu não estou disposto, na presente ocasião, como alguns dos escritores mitológicos

alemães, a fazer uma distinção entre as duas palavras⁶), devemos destinar todas as lendas que pertencem ao simbolismo mítico da Maçonaria.

Esses mitos maçônicos compartilham, de forma geral, da natureza dos mitos que constituem a fundação de religiões antigas, como acabaram de ser descritas nas palavras de Grote. Dos últimos mitos, Müller⁷ diz que “a fonte deles será encontrada, na maior parte, em tradições orais”, e que o real e o ideal – ou seja, os fatos históricos e as invenções da imaginação – concorrem, por sua união e fusão recíproca, na produção do mito.

Aqueles são os verdadeiros princípios que governam a construção dos mitos ou lendas maçônicos. Eles também devem a sua existência inteiramente à tradição oral e foram compostos, como eu acabei de salientar, de uma mistura do real e do ideal – do verdadeiro e do falso – dos fatos históricos e das invenções alegóricas.

Dr. Oliver observa que “as primeiras séries de fatos históricos, depois da queda do homem, devem necessariamente ter sido tradicionais e transmitidos de pai para filho pela comunicação oral”.⁸ O mesmo sistema, adotado em todos os Mistérios, continua a ser usado na instituição maçônica; e todas as instruções esotéricas contidas nas lendas da Maçonaria estão proibidas de serem escritas, e podem ser difundidas apenas através da comunicação oral entre maçons.⁹

De Wette, em seu Criticismo sobre a História Mosaica, estabelece o teste pelo qual um mito deve ser distinguido de uma narrativa estritamente histórica: o mito não deve se originar na intenção do inventor em satisfazer a sede natural de verdade histórica por meio de uma simples narrativa de fatos, mas em contentar ou tocar os sentimentos, ou ilustrar algumas verdades filosóficas e religiosas.

Esta definição precisamente se encaixa no caráter dos mitos da Maçonaria. Tome, por exemplo, a lenda do grau de mestre, ou do mito de Hirão Abif. Como “uma simples narrativa dos fatos”, ela não tem grande valor – certamente não o valor comensurável do trabalho que foi empreendido em sua transmissão. Esta invenção – que não pretende ser a invenção ou a imaginação de todos os fatos dos quais ela foi composta, pois há materiais suficientes da verdade e da realidade em seus detalhes, mas a invenção ou composição na forma de um mito pelo acréscimo de algumas características, a supressão de outras, e o arranjo geral do todo – não quis acrescentar um único item à grande massa da história, mas em geral, assim

como De Wette diz: “ilustrar uma verdade filosófica ou religiosa”, cuja verdade, eu nem preciso dizer que é a doutrina da imortalidade da alma.

Deve ser evidente, a partir de tudo que foi dito a respeito da analogia da origem e do propósito entre os antigos mitos maçônicos e religiosos, que ninguém familiarizado com a verdadeira ciência desse assunto pode afirmar, por um momento, que todas as lendas e tradições da ordem são, literalmente, fatos históricos. Tudo que se pode afirmar com relação a eles é que em alguns há simplesmente um substrato de história, e o edifício construído sobre esta fundação é pura invenção, servindo como um meio de transmitir algumas verdades religiosas; em outros, há apenas uma idéia à qual a lenda ou mito deve a sua existência, e da qual é, como um símbolo, o expoente; e em outras, novamente, uma grande parte da narrativa é verdadeira, mais ou menos misturada com ficção, mas a história sempre predomina.

Há uma lenda, contida em alguns de nossos antigos registros, que afirma Euclides ser um distinto maçom, e que ele introduziu a Maçonaria entre os egípcios.¹⁰ Não é necessário à ortodoxia de um credo maçônico acreditar literalmente que Euclides, o grande geômetra, foi realmente um maçom, e que os antigos egípcios estariam em débito com ele por conta do estabelecimento da instituição entre eles. Na verdade, o anacronismo palpável na lenda que faz de Euclides o contemporâneo de Abraão, necessariamente proíbe qualquer crença na afirmação, e mostra que essa história toda é uma absoluta invenção. O maçom inteligente, entretanto, não rejeitará completamente a lenda como ridícula ou absurda; mas, com o devido senso da natureza e do propósito de nosso sistema simbólico, que raramente aceitará isso como se lhe apresenta; a partir da classificação estabelecida na página anterior, poderia chamá-la de “mito filosófico” – um engenhoso método de transmitir, simbolicamente, uma verdade maçônica.

Euclides é aqui muito adequadamente usado como um símbolo da geometria, de cuja ciência ele foi um eminente professor; e o mito ou lenda então simbolizará o fato de que houve no Egito uma ligação íntima entre aquela ciência e a grande moral e o sistema religioso adotado pelos egípcios, assim como em outras nações antigas. Algo semelhante ao que a Maçonaria é atualmente – uma instituição secreta, estabelecida para o ensinamento dos mesmos princípios, e transmitindo-os simbolicamente de maneira semelhante. Assim interpretada, esta lenda corresponde a todos os desenvolvimentos da história egípcia, que nos ensina como ocorreu naquele

país a estreita ligação entre os sistemas religioso e científico. Kenrick nos conta que “quando lemos sobre estrangeiros (no Egito) serem obrigados a se submeter a dolorosas e tediosas cerimônias de iniciação, não é porque eles não podiam aprender o significado secreto dos ritos de Osíris ou Ísis, mas porque eles podiam partilhar do conhecimento de astronomia, física, geometria, e teologia”.¹¹

Outra ilustração será encontrada no mito ou lenda das Escadas em Espiral, através das quais se acredita que os Companheiros ascendiam à câmara do meio para receber suas recompensas. Tomando este mito em sentido literal vemos que todas as suas partes se opõem à história e à probabilidade. Como um mito, ele encontra a sua origem no fato de que havia um lugar no templo chamado “Câmara do Meio”, e que havia “escadas em espiral” através das quais ele era alcançado; pois nós lemos, no Primeiro Livro dos Reis, que “eles subiam pelas escadas em espiral até a câmara do meio”.¹² Mas nós não temos nenhuma evidência histórica de que as escadas eram da construção, ou que a câmara era usada para o propósito indicado na narrativa mítica como se faz no ritual do segundo grau. A lenda toda é, na verdade, um mito histórico cujo número místico de degraus, o processo de passar para a câmara e as recompensas que eram recebidas são invenções acrescentadas ou inseridas na história fundamental contida no sexto capítulo de Reis para transmitir importante instrução simbólica relativa aos princípios da ordem. Essas lições podem, na verdade, ter sido ensinadas de uma forma direta, didática; mas o método alegórico e mítico adotado tende a causar uma impressão mais forte e mais profunda à mente, e ao mesmo tempo serve para conectar a instituição da Maçonaria com o antigo templo.

Novamente, o mito que traça a origem da instituição da Maçonaria até o início do mundo e que torna seu começo contemporâneo à criação – um mito mesmo hoje em dia erroneamente interpretado por alguns como fato histórico, como uma referência ainda preservada na data do *anno lucis*, e que está afixada em todos os documentos maçônicos –, não passa de um mito filosófico que simboliza a idéia e conecta analogicamente a criação da luz física no universo com o nascimento da luz maçônica ou espiritual e intelectual no candidato. A primeira é o símbolo da outra. Quando, portanto, Preston nos diz que “do início do mundo nós podemos traçar a fundação da Maçonaria”, e quando ele continua a afirmar que “desde que a simetria começou, e a harmonia exibiu seu encantos, nossa ordem teve

início”, nós não devemos entender sua afirmação como se uma loja maçônica tivesse se instituído no Jardim do Éden. Tal suposição absolutamente nos submeteria ao ridículo de qualquer julgamento. A única idéia que se pretendia transmitir é a de que os princípios da Maçonaria, que, na verdade, eram inteiramente independentes de qualquer organização social, são contemporâneos ao nascimento do mundo; e quando Deus disse: “Que haja luz”, a luz material então produziu um antítipo da luz espiritual que deve ter incidido sobre a mente do candidato quando seu mundo intelectual, portanto, “sem forma e vazio”, foi adornado e povoado com os pensamentos vigorosos e os princípios divinos que constituem o grande sistema da Maçonaria Especulativa, e quando o espírito da instituição, considerando a vasta profundidade de seu caos mental, o trouxe da escuridão intelectual à luz intelectual.¹³

Nas lendas do grau de Mestre e do Arco Real há uma mistura do mito histórico e da história mítica, o que requereu um profundo julgamento e a discriminação desses diferentes elementos. Por exemplo, a lenda do terceiro grau é, em alguns de seus detalhes, indubitavelmente mítica – em outros, apenas e tão somente histórica. A dificuldade, no entanto, de separar uma da outra, e de distinguir o fato da ficção, necessariamente produziu uma diferença de opinião sobre o assunto entre os escritores maçônicos. Hutchinson e, depois dele, Oliver, consideraram a lenda toda uma alegoria ou um mito filosófico. Eu estou inclinado, como Anderson e os escritores antigos, a supor que esta seja uma história mítica. No grau do Arco Real, a lenda da reconstrução do templo é claramente histórica; mas há tantas circunstâncias ao redor, que não são oficiais, exceto pela tradição oral, que dão à narrativa toda a aparência de uma história mítica. A lenda particular dos *três peregrinos exaustos* com certeza é um mito e, talvez, meramente filosófico, ou a enunciação de uma idéia – uma recompensa pela perseverança bem-sucedida que enfrenta todos os perigos em busca da verdade divina.

“Criar e interpretar símbolos”, diz o sábio Creuzer, “era a principal ocupação do antigo clero.” Sobre o maçom estudioso a mesma tarefa de interpretação recai. Aquele que deseja apreciar adequadamente a profunda sabedoria da instituição da qual é discípulo com credulidade não inquisitiva, não se deve dar por satisfeito em aceitar todas as tradições que lhe são transmitidas como histórias verdadeiras; nem, com incredulidade não filosófica, em rejeitá-las em massa, como invenções fabulosas. Nesses

extremos há o mesmo erro. “O mito”, diz Hermann, “é a representação de uma idéia”. Ele faz parte da idéia que o estudante deve buscar nos mitos da Maçonaria. Sob cada um deles há algo mais rico e mais espiritual que a mera narrativa.¹⁴ É a essência espiritual que ele deve aprender a extrair de um estado bruto no qual, como um metal precioso, permanece incrustado. É isso que constitui o verdadeiro valor da Maçonaria. Sem seus símbolos e seus mitos ou lendas, e as idéias e conceitos que residem em sua origem, o tempo, o trabalho e o gasto incorrido na perpetuação da instituição seriam desperdiçados. Sem eles, seria um “show vazio e vazio”. Seus signos não valeriam nada, exceto para propósitos sociais, como meros meios de reconhecimento. Então, assim também seriam suas palavras simbólicas, se elas não fossem o que são em sua maior parte. Seus hábitos sociais e seus atos de caridade não passariam de pontos incidentais de sua constituição – de fato bons para si mesmos, mas capazes de ser alcançados de forma mais simples. Seu valor verdadeiro, como uma ciência, consiste em seu simbolismo – pelas grandes lições de verdade divina que ensina e pela maneira admirável com a qual transmite seus ensinamentos. Cada um, portanto, que deseja ser um habilidoso maçom, não deve supor que a tarefa realizada em busca do conhecimento perfeito seja mera fraseologia do ritual, para um pronto abrir e fechar loja, nem para uma indiferente capacidade de conferir graus. Todas as tarefas são necessárias em seus propósitos, mas sem o significado interno, elas não passarão de mera brincadeira de criança. Deve-se estudar os mitos, as tradições e os símbolos da ordem, e aprender sua verdadeira interpretação, pois só isso constitui a ciência e a filosofia – o fim, o objetivo e o propósito da Maçonaria Especulativa.

Noaquidas, ou noaquitas, os descendentes de Noé. Como este patriarca preservou o nome verdadeiro e a adoração a Deus entre uma raça de idólatras ímpios, os maçons reivindicam ser seus descendentes, porque eles preservaram a religião pura que distinguia este segundo pai da raça humana do resto do mundo. (Ver o *Lexicon da Maçonaria* do autor.) Os operários de Tiro no Templo de Salomão eram descendentes da outra divisão da raça que ocorreu em Sinar, da verdadeira adoração, e repudiaram os princípios de Noé. O povo de Tiro, no entanto, como muitos outros místicos antigos, recuperou uma parte da luz perdida, e a recuperação completa foi

finalmente alcançada pela sua união com os maçons judeus, que eram os noaquidas.

“A mythis omnis priscorum hominum tum historia tum philosophia procedit.” – Ad Apollod. Biblioteca de Aten. not. f. p. 3. – Faber diz: “Alegoria e personificação eram bastante adequadas ao gênio da antiguidade; e a simplicidade da verdade foi continuamente sacrificada no santuário de decoração poética.” – No Cabiri.

Ver Grote, *História da Grécia*, vol. I. Cap. XVI. p. 479, de onde esta definição foi substancialmente derivada. As definições de Creuzer, Hermann, Buttmann, Heyne, Welcker, Voss e Müller não são melhores, e algumas nem são tão boas.

Hist. da Grécia, vol. I. Cap. XVI. p. 579. A idéia da existência de um povo iluminado, que viveu em uma era remota, e veio do Oriente, foi uma noção muito prevalente entre as antigas tradições. Corrobora disso que a palavra hebraica קֵדֶם, *kedem*, significa, com respeito ao local, *o Oriente*, e, com relação a tempo, *tempo passado, dias antigos*. A frase em Isaías XIX. 11: “Eu sou o filho do sábio, o filho dos reis antigos”, poderia ter sido assim traduzida: “o filho dos reis do Oriente”. Em uma nota à passagem de Ezequiel XLIII. 2, “a glória do Deus de Israel veio do caminho do Oriente”, Adam Clarke diz: “Todo conhecimento, toda religião, e todas as artes e ciências viajaram, de acordo com o *curso do sol*, DO ORIENTE AO OCIDENTE!” Bazot nos diz (em seu *Manuel du Franc-maçon*, p. 154) que “a veneração que os maçons têm pelo Oriente confirma uma opinião previamente anunciada de que o sistema religioso da Maçonaria veio do Oriente, e faz referência à *religião primitiva*, cuja primeira corrupção foi a adoração do sol”. Por fim, o leitor maçônico recordará a resposta dada no Manuscrito Leland à questão com relação a origem da Maçonaria: “Isso começou (eu modernizei a ortografia) com os primeiros homens do Oriente, que surgiram antes dos primeiros homens do Ocidente; e vindo ocidentalmente, trouxe consigo consolo aos selvagens e sem conforto”. O comentário de Locke sobre sua resposta pode concluir esta observação: “Parece que os maçons acreditam que havia homens no Oriente antes de Adão, que eram chamados de ‘primeiro homem do Ocidente’, e que as artes e ciências começam no Oriente. Alguns autores notáveis pela experiência,

tinham a mesma opinião; certamente a Europa e a África (que, com respeito à Ásia, podem ser chamados de continentes ocidentais) ainda eram desertas e selvagens muito tempo depois de as artes e a delicadeza nas maneiras alcançarem um estado de perfeição na China e nas Índias”. Os talmudistas fazem as mesmas alusões à superioridade do Oriente. Então, Rabbi Bechai diz, “Adão foi criado com sua face em direção ao Oriente para que pudesse contemplar a luz e o sol nascente, de onde o Oriente foi a ele a parte anterior do mundo”.

Strauss fez uma divisão de mitos em histórico, filosófico e poético. – *Leben Jesu*. – Seu mito poético com minha primeira divisão, seu filosófico com meu segundo, e seu histórico com meu terceiro. Mas eu me oponho à palavra *poética* como um termo distintivo porque todos os mitos têm sua fundação na idéia poética.

Ulmann, por exemplo, faz distinção entre o mito e a lenda – o primeiro contendo bastante ficção combinado com história, e o último alguns poucos ecos da história mítica.

Em seu *Prolegomena zu einer wissenschaftlichen Mythologie*, Cap. IV. Esta importante obra foi traduzida em 1844, por John Leitch.

Landmarks Históricas, I. 53.

Ver artigo do autor sobre *As Landmarks Não-Escritas da Maçonaria*, no primeiro volume da *Miscelânea Maçônica*, na qual este assunto é tratado detalhadamente.

Como uma questão de algum interesse ao curioso leitor, eu acrescento a lenda conforme publicada no *Gentleman's Magazine*, em junho de 1815, de um rolo de pergaminho escrito no início do século XVII, e que, se for o caso, foi muito provavelmente copiada em uma data ainda mais antiga: “Além do mais, quando Abraão e sua esposa Sara foram ao Egito, aprenderam as Sete Ciências de um professor como Euclides, aprenderam tão bem a ponto de se tornarem mestres das sete ciências liberais. Em seus dias sobreveio que o senhor e os escravos do reino haviam feito muitos filhos com suas esposas e outras senhoras do reino; pois esta é uma terra

quente e propícia à procriação. Eles não tinham como ter uma vida digna com seus filhos; motivo pelo qual se preocupavam muito. Então o Rei da terra reuniu um grande conselho e um parlamento para que pudessem criar seus filhos honestamente como cavaleiros. E de maneira nenhuma conseguiam encontrar um bom caminho. Então eles clamaram por todo esse reino que se houve qualquer homem que pudesse prepará-los, que viesse até eles, pois seria recompensado por seu trabalho, o que o manteria satisfeito. Depois desse clamor, o respeitoso Sr. Euclides apareceu e disse ao Rei e a todos seus senhores: ‘Se desejar, leve-me seus filhos para eu os ensinar e ministrar a eles uma das Sete Ciências, por meio da qual eles consigam viver honestamente como cavaleiros devem viver, sob a condição de que conceda-me uma comissão para que eu possa ensiná-los da maneira que a ciência deve ser ensinada’. Que o Rei e todo seu conselho concedam apenas a ele, e selem sua comissão. Assim tomou para ele os filhos dos senhores e lhes ensinou a ciência da Geometria na prática para trabalharem nas pedras de todas as maneiras possíveis, construindo igrejas, templos, castelos, torres, mansões e todas as outras formas de construção”.

Antigo Egito sob os Faraós, vol. I p. 393.

1 Reis VI. 8.

Uma alusão a este simbolismo consta em um dos mais bem conhecidos lemas da ordem – *Lux e tenebris*.

“Uma alegoria é aquilo que, sob personagens e alusões emprestadas, transmite alguma ação real ou instrução moral; ou, para manter mais estritamente a sua derivação (ἄλλος, *alius*, e (ἄγορεύω *dico*), é por meio dela que uma coisa é relatada e outra entendida. Dessa forma fica aparente que uma alegoria deve ter dois sentidos – o literal e místico; e por esta razão sua instrução deve ser transmitida sob personagens e alusões emprestados do mundo todo.” – *A Antiguidade, Evidência e Certeza do Cristianismo Debatido* ou *A Análise do Dr. Middleton dos Discursos sobre a Profecia do Bispo de Londres*. ANSELM BAYLY, LL.B., Cânon Minor de São Paulo. Londres, 1751.

XXVI

A Lenda das Escadas em Espiral

Antes de prosseguir com a análise das lendas míticas mais importantes que pertencem ao grau do Mestre, não será, eu acho, desagradável ou pouco instrutivo considerar a única coisa que está ligada ao grau de Companheiro – que se refere ao ascendente alegórico das Escadas em Espiral à Câmara do Meio e o pagamento simbólico do salário dos operários.

Embora a lenda das Escadas em Espiral seja uma tradição importante da Antiga Arte da Maçonaria, a única alusão a isso nas Escrituras deve ser encontrada em um único verso no sexto capítulo do *Primeiro Livro de Reis*: “A porta para a câmara do meio estava do lado direito da casa; e eles subiram pelas escadas em espiral à câmara do meio, e saíram da do meio para a terceira.” Desse escasso material foi criada uma alegoria que, se adequadamente considerada em suas relações simbólicas, revelará uma beleza inigualável. Mas é apenas como um símbolo que nós podemos considerar esta tradição toda, pois os fatos históricos e os detalhes arquitetônicos igualmente impediram-nos, por um momento, de supor que a lenda, como é realizada no segundo grau da Maçonaria, não passaria de um magnífico mito filosófico.

Permita-nos inquirir ao verdadeiro propósito desta lenda, e aprender a lição de simbolismo que se pretende ensinar.

Na investigação do verdadeiro significado de todos os símbolos e alegorias maçônicas, devemos ser guiados pelo único princípio de que o desígnio completo da Maçonaria como uma ciência especulativa é a investigação da verdade divina. Para este grande objetivo tudo é subsidiário. O maçom é, desde o momento de sua iniciação como Aprendiz até o momento em que recebe toda a fruição da luz maçônica, um investigador – um operário na pedreira e no templo – cuja recompensa deve ser a Verdade. Todas as cerimônias e tradições da ordem tendem a este derradeiro fim. Que luz podemos encontrar lá? É a luz intelectual da

sabedoria e da verdade. Há uma palavra a ser buscada? Esta palavra é o símbolo da verdade. Há uma perda de algo que havia sido prometido? Esta perda é típica da falha do homem, na enfermidade de sua natureza, em descobrir a verdade divina. Há um substituto a ser apontado para essa perda? Ela é uma alegoria e nos ensina que neste mundo o homem pode apenas se aproximar do conceito completo da verdade.

Sendo assim, sempre há na Maçonaria Especulativa um progresso, simbolizado por suas cerimônias peculiares de iniciação. Há um avanço de um estado inferior para um estado superior – da escuridão para a luz – da morte para a vida – do erro para a verdade. O candidato sempre ascende; ele nunca fica parado; ele nunca volta atrás, mas cada passo que ele dá o leva a alguma nova iluminação mental – ao conhecimento de algumas das doutrinas mais elevadas. O ensinamento do Mestre Divino é, com respeito a este progresso contínuo, o ensinamento da Maçonaria: “Nenhum homem que tenha posto as mãos no arado e olhado para trás é digno do reino dos céus.” E similar a isso é o preceito de Pitágoras: “Quando for viajar, não volte, pois se você fizer isso as fúrias o acompanharão.”

Este princípio de simbolismo maçônico é aparente em muitos dos lugares e em cada um dos graus. No grau de Aprendiz, o encontramos sob a forma de uma escada teológica, que, ficando na terra, seu topo leva até os céus, então passando a idéia da ascensão de uma esfera inferior para uma superior como objeto do trabalho maçônico. No grau de Mestre, nós o encontramos em suas formas mais religiosas, na restauração da morte à vida – na mudança da obscuridade da sepultura ao santo dos santos da Divina Presença. Em todos os graus encontramos isso apresentado como na cerimônia de circum-ambulação, na qual há uma inquisição gradual, e uma passagem de um oficial inferior para um superior. E por fim, a mesma idéia simbólica é transmitida no grau de Companheiro Maçom, na lenda das Escadas em Espiral.

Em uma investigação do simbolismo das Escadas em Espiral, somos levados à verdadeira explicação acerca da referência de sua origem, seu número, os objetos que elas lembram, e seu término, mas acima de tudo por uma consideração do grande propósito que a ascensão sobre elas queira realizar.

Acredita-se que os degraus da Escada em Espiral começavam no pórtico do templo, ou seja, em sua verdadeira entrada. Mas nada é mais certo na ciência maçônica do que o templo ser um representante do mundo

purificado pela Shekinah, ou Presença Divina. O mundo do profano não tem templo; o mundo do iniciado está dentro de suas paredes sagradas. Assim, entrar no templo e passar por dentro do pórtico para se tornar maçom, e nascer no mundo da luz maçônica, são todos sinônimos e termos conversíveis. Aqui, então, começa o simbolismo das Escadas em Espiral.

O Aprendiz, tendo adentrado o pórtico do templo, começa sua vida maçônica. Mas o primeiro grau na Maçonaria, como o menor dos Mistérios dos antigos sistemas de iniciação, é apenas uma preparação e uma purificação para algo superior. O Aprendiz é a criança na Maçonaria. As lições que recebe pretendem simplesmente purgar o coração e preparar o recipiente para a iluminação mental que deve ser feita nos graus sucessivos.

Como um Companheiro Maçom, ele avançou outro degrau, e como o grau é emblemático da juventude, então é aqui que a educação intelectual do candidato começa. Portanto, este é o lugar que separa o Pórtico do Santuário, onde a infância termina e a idade adulta começa, ele encontra diante de si uma escada em espiral que o convida a ascender, e que, como o símbolo do discípulo e da instrução, ensina-lhe onde deve começar seu trabalho maçônico – aqui ele deve iniciar as pesquisas gloriosas, embora difíceis, que o levarão à posse da verdade divina. As Escadas em Espiral começam depois que o candidato passou por dentro do Pórtico e entre as colunas de Força da Instituição, como um símbolo significativo elas ensinam que quando os anos da infância irracional passarem e ele adentrar a vida principal a tarefa laboriosa do autodesenvolvimento é a primeira obrigação que lhe será imposta. Ele não poderá ficar parado, se digno de sua vocação; seu destino como um ser imortal requer que ele ascenda, passo a passo, até que alcance o cume, onde os tesouros do conhecimento o aguardam.

O número de degraus em todos os sistemas tem sido ímpar. Vitruvius observa – e a coincidência é ao menos curiosa – que os antigos templos foram sempre ascendidos por um número ímpar de degraus, e determina racionalmente que, começando como o pé direito no degrau inferior, o adorador chegaria com o mesmo pé ao entrar no templo, o que foi considerado um presságio afortunado. Mas o fato é que o simbolismo de números foi emprestado pelos maçons de Pitágoras, em cujo sistema de filosofia ele desempenha um papel importante, e cujos números ímpares foram considerados como mais perfeitos que os pares. Sendo assim, por todo sistema maçônico vamos encontrar uma predominância de números

ímpares; e, enquanto três, cinco, sete, nove, quinze e vinte e sete, são símbolos importantes, raramente encontraremos referência a dois, quatro, seis, oito ou dez. O número ímpar nas escadas tinha o intuito de simbolizar a idéia de perfeição, objetivo que o aspirante almeja atingir.

Como o número particular de escadas, isso variou em períodos diferentes. Tábuas de delinear do último século foram encontradas, nas quais apenas *cinco degraus* são delineados, e outras nas quais eles são *sete*. As leituras de Preston, usadas na Inglaterra no início deste século, deram o número completo como 36, dividindo-os em séries de um, três, cinco, sete, nove e onze. O erro de usar um número par, que foi uma violação do princípio pitagórico de números ímpares como símbolo da perfeição, foi corrigido nas leituras de Hemming, adotadas na união das duas Grandes Lojas da Inglaterra, ao eliminar o onze, que também foi repreensível, pois recebeu uma explicação sectária. Nos Estados Unidos, o número foi ainda mais reduzido a *quinze*, dividido em três séries de *três*, *cinco* e *sete*. Eu adotarei esta divisão americana ao explicar o simbolismo, embora, apesar de tudo, o número particular de degraus, ou o método peculiar de sua divisão em séries, não afetará de forma alguma o simbolismo geral da lenda.

O candidato, então, no segundo grau da Maçonaria, representa um homem começando a jornada da vida, com a grande tarefa de auto-aprimoramento. Para o desempenho fiel dessa tarefa uma recompensa é prometida, e que consiste no desenvolvimento de todas as suas faculdades intelectuais, a elevação moral e espiritual de seu caráter e a aquisição da verdade e do conhecimento. Alcançar esta condição moral e intelectual supõe uma elevação de caráter, uma ascensão de uma vida inferior a uma vida superior, e uma passagem do trabalho e da dificuldade, por meio de rudimentar instrução, à total fruição da sabedoria. Muito bem simbolizado pelas Escadas em Espiral, em cuja base o aspirante se apronta para subir o cansativo escarpado, enquanto no ápice se situa “aquele brilho hieroglífico que somente os maçons da arte já viram”, como o emblema da verdade divina. Um distinto escritor disse que “esses degraus, como os símbolos maçônicos, são ilustrativos do discípulo e da doutrina, assim como da ciência natural, da matemática e da metafísica, e nos abrem uma ampla gama de investigação moral e especulativa”.

O candidato, incitado pelo amor à virtude e pelo desejo de conhecimento, e com grande ânsia pela recompensa da verdade que lhe é oferecida,

finalmente começa a fatigante subida. Em cada lance de escadas ele recebe a instrução do simbolismo que se lhe apresentam.

Na primeira pausa que faz, é instruído na organização peculiar da ordem da qual se tornou discípulo. Mas essa informação, se tomada de forma crua e literal, é improdutiva e indigna de seu trabalho. O nível dos oficiais que governam e os nomes dos graus que têm na instituição podem dar a ele nenhum conhecimento a mais do que possuía antes. Portanto devemos procurar qualquer significado simbólico que faça alusões ao valor a ser extraído dessa parte da cerimônia.

A referência à organização da instituição maçônica pretende lembrar o aspirante da união dos homens na sociedade e o desenvolvimento da natureza do estado social. Então ele é alertado bem no início dessa jornada, das bênçãos que surgem da civilização, e dos frutos da virtude e do conhecimento que se originam dessa condição. A própria Maçonaria é resultado da civilização; enquanto, em contrapartida, ela foi um dos meios mais importantes de extensão daquela condição da humanidade.

Todos os monumentos da antiguidade que foram poupados da destruição pela ação do tempo, contribuem para provar que o homem não havia emergido antes do estado selvagem ao estado social, que ele começou a organização dos mistérios religiosos, e a distinção, por um tipo de instinto divino, do sagrado para o profano. Então a invenção da arquitetura tornou-se um meio de fornecer residências convenientes e abrigos necessários às inclemências e vicissitudes das estações, com todas as artes mecânicas ligadas a isso; e, por fim, a geometria, como uma ciência necessária para que os agricultores pudessem medir e estabelecer os limites de suas posses. Todas essas formaram as chamadas características peculiares da Maçonaria Especulativa, que podem ser consideradas um símbolo da civilização, a primeiro mantendo a mesma relação com o mundo profano assim como a última faz em relação ao estado selvagem. Imediatamente vemos a oportunidade do simbolismo iniciar o progresso ascendente do aspirante no cultivo do conhecimento e na busca da verdade, relembrando sua mente da condição da civilização e a união social da humanidade como preparações necessárias para ele atingir aqueles objetivos. Nas alusões aos oficiais de uma Loja, e aos graus da Maçonaria como explicação da organização dessa própria sociedade, abarcamos com a nossa própria linguagem simbólica a história da organização da sociedade.

Avançando em seu progresso, o candidato é convidado a contemplar outra série de instruções. Os sentidos humanos, como os canais apropriados para recebermos todas as idéias de percepção e que, portanto, constituem as fontes mais importantes de nosso conhecimento, são aqui referidos como símbolos de cultivo intelectual. Arquitetura, a mais importante das artes que conduzem ao conforto da humanidade, é também aludida, não simplesmente porque está tão intimamente ligada à instituição operativa da Maçonaria, mas também como o símbolo de todas as outras artes úteis. Em sua segunda pausa, na ascensão das Escadas em Espiral, o aspirante é lembrado da necessidade do cultivo do conhecimento prático.

Até então, as instruções que recebeu estavam relacionadas à sua própria condição na sociedade como membro do grande acordo social, o que para ele significa tornar-se, por um conhecimento das artes da vida prática, um membro necessário e útil daquela sociedade.

Mas este lema será “Excelso”, pois ainda progredirá e regredirá. A escada ainda está diante dele; seu cume ainda não foi alcançado, e mais tesouros de sabedoria devem ser buscados, ou a recompensa não será ganha, nem a *câmara do meio*, o local permanente da verdade, será alcançada.

Em sua terceira pausa, ele chega ao ponto no qual o círculo completo da ciência humana deve ser explicado. Nós sabemos que os símbolos são arbitrários e seu significado convencionalizado, e o círculo completo da ciência humana deve ser também simbolizado por qualquer outro signo ou série de doutrinas, assim como pelas sete artes e ciências liberais. Mas a Maçonaria é uma instituição antiga, e esta seleção das artes e ciências liberais como um símbolo de completude da aprendizagem humana é uma das evidências mais férteis que temos de sua antiguidade.

No século VII, e por um longo tempo depois, o círculo de instrução ao qual toda a aprendizagem das mais eminentes escolas e dos mais distintos filósofos ficou confinada, estava limitado ao que foi então chamado de artes e ciências liberais, e que consistia de dois ramos, o *trívio* e o *quadrívio*.¹ O *trívio* incluía a gramática, a retórica e a lógica; o *quadrívio* compreendia a aritmética, a geometria, a música e a astronomia.

“Essas sete diretrizes”, diz Enfield, “supostamente incluíam o conhecimento universal. Quem fosse mestre dessas artes não precisava de um preceptor para explicar nenhum livro ou para resolver quaisquer questões situadas no compasso da razão humana, o conhecimento do *trívio*

fornecia-lhe a chave de toda linguagem, e o *quadrívio* abria-lhe as leis secretas da natureza”.²

Em um período, diz o mesmo escritor, quando poucos foram instruídos no *trívio*, e poucos estudaram o *quadrívio*, ser mestre de ambos era o suficiente para completar o caráter de um filósofo. A conveniência de adotar as sete artes e ciências liberais como um símbolo da completude da aprendizagem humana é aparente. Supõe-se que o candidato, tendo alcançado este ponto, agora tenha completado a tarefa para a qual ele foi iniciado – ao alcançar o último degrau, ele agora estará pronto para receber a total fruição da aprendizagem humana.

Até então, fomos capazes de compreender o verdadeiro simbolismo das Escadas em Espiral. Elas representam o progresso de uma mente investigadora com os trabalhos e labores do estudo e do cultivo intelectual, e a aquisição preparatória de toda ciência humana, como passos preliminares para o alcance da verdade divina, que devemos lembrar, ela sempre é simbolizada na Maçonaria pela *palavra*.

Aqui me permito novamente aludir ao simbolismo dos números, que é pela primeira vez apresentado à consideração do estudante maçônico na lenda das Escadas em Espiral. A teoria dos números com os símbolos de determinadas qualidades foi originalmente agregado pelos maçons da escolada de Pitágoras. Será impossível no momento presente, entretanto, desenvolver esta doutrina em toda sua extensão, pois o simbolismo numérico da Maçonaria constitui materiais por meio de um ensaio amplo. Será suficiente advertir ao fato de que o número total de degraus, num total de *quinze*, no sistema americano, é um símbolo significativo. Pois *quinze* foi um número sagrado entre os orientais, uma vez que as letras do nome sagrado *Jah*, יה, era, em valor numérico, equivalente a quinze; assim uma figura na qual os nove dígitos eram dispostos para totalizar quinze em qualquer direção perpendicular, horizontal ou diagonal, constituía um dos seus mais sagrados talismãs.³ Os quinze degraus nas Escadas em Espiral são, portanto, símbolos do nome de Deus.

Mas nós ainda não acabamos. Uma recompensa foi prometida a toda essa ascensão fatigante das Escadas em Espiral. Agora, quais são as recompensas do Maçom Especulativo? Nem dinheiro, nem milho, nem vinho, nem óleo. Todos esses são símbolos. Sua recompensa é a *Verdade*, ou a aproximação mais apropriada ao grau em que ele foi iniciado. Esta é uma das mais belas e ao mesmo tempo das mais recônditas doutrinas da

ciência do simbolismo maçônico, na qual o Maçom ainda está em busca da verdade, mas nunca a encontrará. A verdade divina, objeto de todos os seus trabalhos, é simbolizada pela PALAVRA, da qual sabemos que ele poderá apenas obter uma *substituta*; pretende-se, assim, ensinar a humilhante, mas necessária lição de que o conhecimento da natureza de Deus e a relação do homem com ele constitui a verdade divina que nunca poderá ser adquirido nesta vida. Somente quando as portas do túmulo se abrirem para nós, e nos derem passagem para uma vida mais perfeita, este conhecimento será atingido. “Feliz é o homem”, diz o pai da poesia lírica, “que desce abaixo da esfera terrena, tendo contemplado os mistérios; e sabe o fim, ele conhece a origem da vida”.

A Câmara do Meio simboliza esta vida, onde apenas o símbolo da palavra pode ser fornecido, onde a verdade deve ser alcançada somente por aproximação, e nós ainda estamos por aprender que a verdade consistirá em um conhecimento perfeito do *G.A.D.U.* Esta é uma recompensa do maçom investigativo; nisto consistem as recompensas de um Companheiro Maçom; ele está direcionado à verdade, mas deve viajar mais adiante e ascender ainda mais para atingi-la.

É, então, como um símbolo, apenas como um símbolo, que devemos estudar a bela lenda das Escadas em Espiral. Se tentarmos adotá-la como um fato histórico, o absurdo de seus detalhes nos encara, e os homens sábios se espantarão com a nossa credulidade. Seus inventores não tinham desejo de se impor sobre a nossa tolice, mas ofereciam-na como um grande mito filosófico, por um momento eles não supuseram que nós deveríamos ignorar seus ensinamentos morais sublimes para aceitar a alegoria como uma narrativa histórica, sem significado, totalmente incompatível com os registros das Escrituras e oposto a todos os princípios possíveis. Supor que 8.000 operários fossem pagos semanalmente em estreitos precintos das câmaras do templo, é simplesmente presumir um absurdo. Mas para acreditar que toda essa representação ilustrada de uma ascensão pela Escadaria em Espiral situa onde os pagamentos pelo trabalho eram recebidos foi uma alegoria para nos ensinar a ascensão mental da ignorância, por todos os trabalhos de estudo e as dificuldades em se obter conhecimento, recebendo aqui e ali um pouco, acrescentando algo ao estoque de nossas idéias a cada passo, até que, no meio da câmara da vida – na total fruição da idade adulta – a recompensa seja alcançada, e o intelecto purificado e elevado seja investido com a recompensa na direção de como

buscar Deus e a verdade de Deus – acreditar nisso é acreditar e saber o verdadeiro desígnio da Maçonaria Especulativa, o único desígnio que o torna digno de estudo a um homem bom ou sábio.

Seus detalhes históricos são difíceis, mas seus símbolos e alegorias como instrução são férteis.

As próprias palavras são puramente clássicas, mas os significados a elas aqui atribuídos são de uma latinidade medieval ou corrupta. Entre os romanos antigos, um *trívio* significa um local onde três caminhos se encontram, e um *quadrívio* seriam quatro, ou o que nós agora chamamos de *cruzamento*. Quando falamos dos *caminhos de aprendizado*, nós prontamente descobrimos a origem do significado que os filósofos escolásticos deram a esses termos.

Hist. da Filos. vol. II. p. 337.

3Tal talismã tinha a seguinte configuração:

8	1	6
3	5	7
4	9	2

XXVII

A Lenda do Terceiro Grau

O mais importante e significativo dos símbolos lendários da Maçonaria é, com certeza, aquele que relata o destino de Hirão Abif, geralmente chamado de, “com o objetivo de excelência”, Lenda do Terceiro Grau.

O primeiro registro escrito que eu consegui encontrar desta lenda consta da segunda edição das Constituições de Anderson, publicada em 1738:

“Isso (o templo) foi finalizado no curto espaço de tempo de sete anos e seis meses, para o assombro de todos; quando a cumeeira foi celebrada pela fraternidade com grande alegria. Mas a alegria foi logo interrompida pela morte repentina de seu grande querido mestre, Hirão Abif, o qual foi dignamente enterrado na Loja próxima ao templo, de acordo com o costume antigo.”¹

Na próxima edição da mesma obra, publicada em 1756, poucas circunstâncias adicionais estão relacionadas, como a presença do Rei Salomão muito triste, e o fato de o rei de Israel ter “ordenado que suas exéquias fossem conduzidas com grande solenidade e decência”.² Com essas exceções e pelas citações das mesmas passagens feitas por autores subsequentes, a narrativa nunca foi registrada, ela foi transmitida, de era em era, por meio da tradição oral.

A lenda foi considerada de tamanha importância que seu simbolismo tem sido preservado em todos os ritos maçônicos. Não importa quais modificações ou alterações o sistema geral possa ter sofrido – não importa o quanto a ingenuidade ou a imaginação dos fundadores dos ritos pode ter pervertido ou corrompido outros símbolos, abolindo os antigos e substituindo os novos –, a lenda do Construtor do Templo sempre permaneceu intocável, para se apresentar em toda a integridade de sua antiga forma mítica.

Qual, então, é o significado deste símbolo, tão importante e tão difundido? Qual interpretação daremos àquilo que será relatado e aceito no

mundo todo? Como é que isso se tornou intimamente relacionado com a Maçonaria de modo a constituir, aparentemente, uma parte de sua verdadeira essência, e tem sido sempre indissociável dela?

Para responder a essas perguntas satisfatoriamente é necessário traçar, em uma breve investigação, a origem remota da instituição da Maçonaria e a sua conexão com os antigos sistemas de iniciação.

O grande objetivo de todos os ritos e mistérios que constituem a “Maçonaria Espúria” da antiguidade foi ensinar a doutrina para consolidar a imortalidade da alma.³ Este dogma, brilhando como um farol de luz quase solitário na obscuridade ao redor da escuridão pagã, certamente recebeu do povo ou do clero⁴ antigo o que foi chamado de sistema da “Maçonaria Pura”, e entre os quais ele provavelmente existiu apenas na forma de uma proposição abstrata ou de uma tradição simples e sem adornos. Mas nas mentes mais lascivas dos filósofos pagãos e místicos, a idéia, quando apresentada aos iniciados em seus Mistérios, sempre foi transmitida na forma de uma representação cênica.⁵ A influência, também, da antiga adoração sabeísta do sol e dos corpos celestes, na qual a órbita solar foi adorada, em sua ressurreição, a cada manhã, e na morte aparente de seu poente, à tarde, fez com que o sol nascente fosse adotado na maioria dos antigos Mistérios como um símbolo da regeneração da alma.

Então, nos Mistérios Egípcios, nós encontramos uma representação da morte e da subsequente regeneração de Osíris; nos fenícios, de Adônis; nos sírios, de Dionísio; em todos os mistérios o aparato cênico de iniciação pretendeu doutrinar o candidato ao dogma de uma vida futura.

Será suficiente aqui nos referirmos apenas ao fato de que, por meio da ajuda dos operários de Tiro no templo do Rei Salomão, os ramos espúrio e puro do sistema maçônico foram unidos em Jerusalém, e que o mesmo método de representação cênica da Maçonaria Pura foi adotado pela Maçonaria Espúria, e que a narrativa do construtor do templo foi substituída pela de Dionísio, o mito peculiar dos mistérios praticados pelos operários de Tiro.

A idéia a ser comunicada no mito dos antigos Mistérios foi a mesma que é transmitida atualmente na lenda maçônica do Terceiro Grau.

Hirão Abif é, no sistema maçônico, um símbolo da natureza humana, conforme o desenvolvimento nesta vida e na vida futura; então, enquanto o templo foi, como eu mostrei até agora, o símbolo visível do mundo, seu

construtor se tornou o símbolo mítico do homem, o habitante e o operário daquele mundo.

Agora, o mesmo simbolismo não ficará evidente a cada mente reflexiva?

O homem, partindo na viagem da vida, com faculdades e poderes adequados graças ao devido exercício de suas obrigações e a cujo desempenho ele foi chamado, conseguirá se manter hábil caso seja “um operário curioso e perspicaz”⁶ em todos os propósitos morais e intelectuais (e é apenas esse tipo de homem que o construtor do templo simboliza). Dentro da compreensão de sua realização, o conhecimento de toda a verdade divina foi transmitida a ele como relíquia de família da sua raça – o que lhe permitiu observar, com exaltada fisionomia, as alturas;⁷ cuja verdade divina é simbolizada pela *Palavra*.

Então munido da palavra da vida, ele ocupa seu tempo com a construção de um templo espiritual, e viaja internamente para obter a liberação de todas as suas obrigações, estabelecendo seus desígnios sobre a tábua de delinear o futuro e invocando a assistência e a orientação de Deus.

Contudo, será seu caminho sempre cheio de campinas floridas e alamedas agradáveis? Não haverá nenhum inimigo escondido para obstruir seu progresso? Tudo diante dele será claro e calmo, pontuado pelo alegre brilho do sol e de zéfiros refrescantes? Ó, Deus, nem tanto! “O homem nasceu para o problema, como as sarças voam para cima.” No verdadeiro “portão da vida” – como os orientistas belamente chamaram as diferentes eras –, ele é cercado pelo perigo. Tentações seduzem sua juventude, desgraças escurecem o caminho de sua maturidade, e sua antiga época está cheia de enfermidade e doença. Vestido com a armadura da virtude, ele pode resistir à tentação; pode deixar a desgraça de lado e se erguer triunfantemente acima dela; mas por fim, o horrendo e mais inexorável inimigo de sua raça deve eventualmente recuar; e dilacerado pela morte, ele afunda prostrado na sepultura, *e é enterrado no entulho* de seu pecado e de sua fragilidade humana.

Na Maçonaria isso foi chamado de *afanismo*⁸ dos Mistérios antigos. O ensinamento da lição amarga, mas, necessária, da morte. A alma viva, como o corpo sem vida que a envolvia, desapareceu, e *não pôde ser encontrada em lugar algum*. Tudo é escuridão, confusão e desespero! A Verdade divina – a *palavra* – por um tempo estará perdida, e o Mestre Maçom pode agora dizer, na linguagem de Hutchinson, “Eu preparo meu sepulcro. Eu faço a minha cova na poluição da terra. Eu estou sob a sombra da morte.”

Mas se o simbolismo mítico acabar aqui, com esta lição de morte, então o ensinamento ficaria incompleto, o que poderia ser vão e inútil – e além disso, seria corrupto e pernicioso –, mas deveria parar um pouco antes da consciência e do instinto inato para outra existência. Assim as demais partes da lenda pretendem transmitir o simbolismo sublime de uma ressurreição da tumba e de um novo nascimento para uma vida futura. A descoberta do corpo, que nas iniciações dos antigos Mistérios foi chamada de *eurese*,⁹ e a sua remoção para um local honrado e sagrado dentro dos precintos do templo, da tumba imunda para a qual foi arrastado, simbolizam profunda e belamente a grande verdade, cuja descoberta foi objeto de todas as antigas iniciações, pois ela é quase o desígnio completo da Maçonaria. Quando o homem tiver atravessado os portões da vida e se retirado para o inexorável decreto da morte, então ele deverá (não no ritual descrito de uma Loja terrena, mas na realidade de uma Loja eterna cuja antiga não passa de um antítipo) ser elevado, na palavra do Grão-Mestre do Universo, do tempo para a eternidade; da tumba da corrupção às câmaras da esperança; da escuridão da morte aos raios celestiais da vida; e que seu espírito desincorporado seja transmitido tão próximo ao santo dos santos da presença divina quanto à humanidade sempre pode se aproximar de Deus.

Assim eu concebo ser a verdadeira interpretação do simbolismo da lenda do Terceiro Grau.

Dito que esta história mística do construtor do templo foi universal em todas as nações e ritos, e que em lugar nenhum e em momento algum ela, por alteração ou acréscimo, adquiriu qualquer forma essencialmente nova ou diferente – o mito sempre permaneceu o mesmo.

Todavia não é o que acontece com a sua interpretação. A que eu acabei de dar, por exemplo, e que concebo como correta, tem sido bastante adotada pelos maçons do meu país. Mas em outros lugares, e por vários escritores, outras interpretações surgiram muito diferentes em seu caráter, embora sempre mantendo a idéia geral de uma ressurreição ou regeneração, ou de uma restauração de algo pertencente a uma esfera ou função inferior a uma superior.

Assim alguns desses escritores continentais supuseram que o mito era um símbolo de destruição da Ordem dos Templários, considerando a restauração da riqueza e das dignidades originais como sendo profeticamente simbolizadas.

Em alguns dos graus altamente filosóficos é ensinado que a lenda toda se refere aos sofrimentos e à morte, com a subsequente ressurreição de Cristo.¹⁰

Hutchinson, que teve a honra de ser o primeiro escritor filosófico sobre a Maçonaria na Inglaterra, supõe que se pretendeu incorporar a idéia da decadência da religião judaica, e a substituição pelo cristão e sobre suas ruínas.¹¹

Dr. Oliver, *clarum et venerabile nomen*, acredita que a lenda advém do assassinato de Abel por Caim, e que simbolicamente ela se refere à morte universal de nossa raça por meio de Adão, e da ressurreição do Redentor,¹² de acordo com a expressão do apóstolo: “Como em Adão nós todos vivemos, então em Cristo nós todos vivemos.”

Ragon faz de Hirão um símbolo do sol furtado de seus raios vigorosos e do poder frutificador pelos três meses de inverno, e de sua restauração ao calor gerador pela estação da primavera.¹³

Finalmente, Des Etangs, adotando, em parte, a interpretação de Ragon, acrescenta outra leitura, que ele chama de simbolismo moral da lenda, e supõe que Hirão não passa da razão eterna cujos inimigos são os vícios que depravam e destroem a humanidade.¹⁴

A cada uma dessas interpretações me parece que há importantes objeções, embora talvez a algumas menos do que a outras.

Para aqueles que procuram uma interpretação astronômica da lenda, cujas mudanças anuais do Sol estão simbolizadas, com o passar do tempo, a ingenuidade com a qual exibem seu argumento só pode ser admirada, então fica evidente que, por esta interpretação, eles recusam todo o desenvolvimento religioso adquirido pela Maçonaria nas eras passadas e recaem na corrupção e na perversão do Sabeísmo do qual ela foi o objeto, até mesmo na Maçonaria Espúria da antiguidade, para resgatar seus discípulos.

A interpretação templária do mito deve ser imediatamente descartada se evitarmos as dificuldades do anacronismo, a menos que neguemos a existência da lenda antes da abolição da Ordem dos Cavaleiros Templários, e que essa negação tenha sido fatal à antiguidade da Maçonaria.¹⁵

Com relação à adoção da referência cristã, Hutchinson, e depois dele Oliver, profundamente filosóficas são as especulações maçônicas de ambos que incorreram, fico constrangido em acreditar, em um grande erro ao chamar o grau de Grão-Mestre de uma instituição cristã. É certo que ele

engloba dentro de seu esquema as grandes verdades do Cristianismo sobre o assunto da imortalidade da alma e a ressurreição do corpo, mas isso devia ser presumido, porque a Maçonaria é verdade, e o Cristianismo também, e toda verdade deve ser idêntica. Porém a origem de cada doutrina é diferente; suas histórias se assemelham. A instituição da Maçonaria precedeu o advento do Cristianismo. Seus símbolos e suas lendas derivam do templo de Salomão, e do povo que os antecedeu. Sua religião vem do antigo clero. Sua fé primitiva veio de Noé e de seus descendentes imediatos. Se a Maçonaria era simplesmente uma instituição, os judeus e os muçulmanos, os brâhmanes e os budistas não partilharam conscientemente de sua iluminação; mas sua universalidade é a sua ostentação. Os cidadãos de todas as nações podem conversar em suas próprias línguas; seu altar permite que homens de todas as religiões se ajoelhem, e a este credo discípulos de todas as fés podem contribuir.

Embora não se possa negar, desde o advento do Cristianismo um elemento cristão tem sido quase imperceptivelmente infundido no sistema maçônico, ao menos entre os maçons cristãos. Aconteceu pela necessidade, pois é uma tendência de toda religião predominante estender suas influências àquilo que a rodeia, ou está prestes a rodeá-la, seja religioso, político ou social. O fenômeno surge de uma necessidade do coração humano. Ao homem profundamente imbuído do espírito de sua religião há um desejo quase inconsciente de acomodar e adaptar todos os negócios e distrações da vida, os trabalhos e os empregos de sua existência diária, à fé que habita a sua alma.

Por reconhecer e apreciar justamente as grandes doutrinas ensinadas na Maçonaria, e agradecendo pelas doutrinas terem sido preservadas no âmago de sua antiga ordem em uma época onde elas eram desconhecidas pelas várias nações vizinhas, o maçom cristão ainda está ansioso por impregná-las de um caráter cristão, para investir nelas, em alguma medida, as peculiaridades de seu próprio credo, e para aproximar seus próprios sentimentos religiosos da interpretação de seu simbolismo.

O sentimento é instintivo, pertence a mais nobre das aspirações da natureza humana; por isso encontramos escritores maçônicos cristãos cedendo quase a um excesso injustificado, e pela extensão de suas interpretações sectárias, materialmente afetando o caráter cosmopolitano da instituição.

Essa tendência à cristianização tem sido universal, em algumas instâncias prevaleceu por um período tão longo que determinados símbolos e mitos acabaram profunda e perfeitamente imbuídos do elemento cristão que deixou aqueles que não penetraram na causa dessa peculiaridade, em dúvida se deveriam atribuir ao símbolo uma origem cristã antiga ou moderna.

Como uma ilustração da idéia aqui apresentada, e como um exemplo notável do resultado de uma interpretação gradualmente cristianizada de um símbolo maçônico, eu me referirei ao mito subordinado (subordinado, eu quero dizer, à grande lenda do Construtor) que relata as circunstâncias ligadas à sepultura sobre “*a encosta de uma pequena montanha próxima ao Monte Moriá*”.

Agora, o mito ou a lenda de uma sepultura e a dedução íntima do simbolismo da antiga Maçonaria Espúria é análogo ao *Pasto, Cama*, ou *Caixão*, que devia ser encontrado no ritual de todos os Mistérios pagãos. Em todas essas iniciações, o aspirante era colocado em uma cela ou sobre uma poltrona, na escuridão, e por um período diferente, nos diversos ritos, dos três dias dos Mistérios gregos aos 50 dos persas. Esta cela ou poltrona, tecnicamente chamada de “pasto”, foi adotada como um símbolo do ser cuja morte, ressurreição ou apoteose seria representada na lenda.

O versado Faber diz que esta cerimônia foi sem dúvida a mesma da descida ao Hades¹⁶ e que, quando o aspirante entrava na cela mística, ele era induzido a se deitar sobre a cama que era projetada pela tumba do Patriarca, ou Noé, a quem Faber se refere em todos os antigos ritos. “Enquanto estendido sobre a poltrona sagrada”, continua a observar, “imita seu falecido primeiro modelo figurativo, acredita-se que ele tenha sido envolvido pelo profundo sono da morte. Sua ressurreição da cama foi sua restauração à vida ou sua regeneração ao novo mundo”.

Agora fica fácil de ver como prontamente um simbolismo seria emprestado pelos maçons do templo, e adequado imediatamente à *sepultura na encosta da montanha*. Em primeiro lugar, a interpretação, assim como a que a derivou, seria cosmopolitana; isso se encaixaria exatamente nos dogmas gerais da ressurreição do corpo e a imortalidade da alma.

Mas com o advento do Cristianismo, o espírito da nova religião foi infundido no antigo sistema maçônico e todo o simbolismo da sepultura acabou afetado. A mesma interpretação de uma ressurreição ou restauração à vida, derivada do antigo “pasto”, foi, de fato, preservada; mas os fatos que o próprio Cristo promulgou às multidões vieram do mesmo dogma

consolador, e que o Monte Calvário, “o lugar de um crânio”, foi o local em que o Redentor, por sua própria morte e ressurreição, testemunhou a verdade da doutrina, imediatamente sugerindo aos antigos maçons cristãos a idéia de cristianizar o antigo símbolo.

Examinaremos de forma breve como essa idéia foi finalmente desenvolvida.

Em primeiro lugar, é necessário identificar o ponto exato onde a tumba “recém construída” foi descoberta no Monte Calvário, o local do sepulcro de Cristo. Isso pode ser facilmente feito por poucas, mas evidentes analogias, que concederão, eu imagino, convicção a qualquer mente pensante.

1. O Monte Calvário era uma *pequena montanha*.¹⁷
2. Estava situado na *direção oeste* em relação ao templo, e *próximo ao Monte Moriá*.
3. Estava situado na Estrada direta de Jerusalém para Joppa, e é, portanto, um conveniente lugar onde um *irmão cansado*, viajando por aquela estrada, *sentaria para descansar e se refrescar*.¹⁸
4. Ficava *fora* do portão do templo.
5. Ficava em *uma fenda na rocha*, ou caverna, local que subseqüentemente se tornou o sepulcro de nosso Senhor. Mas raramente é necessário insistir nesta coincidência, pois toda vizinhança tem muitas fendas rochosas, que correspondem às condições da lenda maçônica.

Ao tentar expressar esse raciocínio analógico de uma forma mais expressiva, observa-se que se uma parte das pessoas estava para partir do templo de Jerusalém e viajar na direção oeste, rumo ao porto de Joppa, o Monte Calvário seria a primeira montanha a ser encontrada; e possivelmente pode ter sido usado como um local de sepultamento, cujo nome Gólgota¹⁹ é de grande importância, nós podemos supor que ele foi o verdadeiro lugar aludido no Terceiro Grau onde os operários, em seu caminho para Joppa, descobriram a acácia sempre-verde.

Vamos olhar um pouco para o simbolismo agora que a analogia foi traçada.

O Monte Calvário sempre ocupou um lugar importante na história lendária da Maçonaria, e há muitas interessantes tradições ligadas a ele.

Uma delas afirma que o Monte Calvário foi o local de sepultamento de Adão, ou seja, a velha lenda diz que o causador da ruína da humanidade está enterrado no mesmo local em que o Salvador do mundo, após ter sofrido e morrido foi sepultado. Sir R. Torkington, que publicou uma peregrinação a Jerusalém em 1527, diz que “sob o Monte Calvário há outra capela de Nossa Senhora e de São João, o Evangelista, que foi chamada de Gólgota; e lá bem abaixo do encaixe da cruz foi encontrada a cabeça de nosso patriarca, Adão”.²⁰ Gólgota significa, em hebraico, “o local de um crânio”; e pode haver alguma relação entre sua tradição e o nome Gólgota, segundo dizem os evangelistas, como o Monte Calvário era conhecido no tempo de Cristo. Calvário e Calvaria têm o mesmo significado em latim.

Outra tradição declara ter sido dentro do Monte Calvário que Enoque ergueu sua abóbada de nove arcos, e depositou sobre a pedra de fundação da Maçonaria o Nome Inefável, cuja investigação, como um símbolo da verdade divina, é o grande objeto da Maçonaria Especulativa.

Uma terceira tradição detalha a descoberta subsequente do depósito de Enoque pelo Rei Salomão, enquanto fazia escavações no Monte Calvário, durante a construção do templo.

Neste lugar santificado, o Cristo Redentor foi assassinado e enterrado. E foi lá também que, levantando ao terceiro dia do sepulcro, Cristo demonstrou a evidência da ressurreição do corpo e da imortalidade da alma.

Foi ali também que a Maçonaria ensinou a mesma grande lição – a mesma verdade sublime –, cujo desenvolvimento evidentemente constitui os desígnios do Terceiro Grau do Grão-Mestre.

Há nas analogias entre os dois sistemas – da Maçonaria e do Cristianismo – uma beleza sublime e uma maravilhosa coincidência, que devem, em um período anterior, atrair a atenção dos maçons cristãos.

O Monte Calvário é consagrado ao cristão como o lugar em que seu crucificado Senhor deu a última grande prova da segunda vida, ali onde se estabeleceu completamente a doutrina da ressurreição que ele havia ensinado. Foi o sepulcro dele:

“Cujo cativo levou ao cativoiro,
Aquele que afana o túmulo da vitória,
E leva o golpe da morte.”

É consagrado ao Maçom, também, como a cena da *eurese*, o local da descoberta, onde as mesmas doutrinas consolidadas da ressurreição do

corpo e da imortalidade da alma são seguidas de forma profundamente simbólica.

Essas grandes verdades constituem a verdadeira essência do Cristianismo, diferindo e sobrepujando todos os sistemas religiosos que o precederam; elas constituem, também, o fim, o objetivo e a causa de toda Maçonaria, mais especialmente o Terceiro Grau, cuja lenda peculiar, simbolicamente considerada, ensina que há uma parte imortal e melhor em nós, que, como uma emanção do espírito divino que penetra toda natureza, não pode morrer.

A identificação do lugar onde a verdade divina foi promulgada em ambos os sistemas – o cristão e o maçônico – permite uma ilustração admirável da prontidão com que o espírito religioso da primeira pode ser infundida ao simbolismo da última. Hutchinson, perfeitamente imbuído dessas visões cristãs da Maçonaria, considerou a ordem de Mestres Maçons como um grau cristão, e então cristianizou todo o simbolismo de sua história mítica.

“O Grande Pai de tudo, condoendo-se das misérias do mundo, enviou seu único Filho, que era *inocente*, para ensinar a doutrina da salvação – pela qual o homem foi ressuscitado do pecado à vida de retidão –, da tumba de corrupção até a câmara de esperança, da escuridão de desespero aos raios celestiais de fé; e não apenas lutando pela nossa redenção, mas fazendo conosco a aliança da regeneração; quando nos tornamos as crianças da Divindade e herdeiros dos reinos dos céus.

“Nós, maçons, descrevendo o estado deplorável da religião sob a lei judaica, falamos por meio de analogias: ‘Sua tumba foi arrancada do lixo e da imundície do templo, e a acácia contorce seus galhos sobre seus monumentos’; akakia é a palavra grega para inocência, ou o ser livre de pecado; implicando que os pecados e corrupções da antiga lei, e os devotos do altar judaico, tivessem escondido a Religião de quem a procurava, ela só seria encontrada onde a inocência sobrevivesse, sob a bandeira do Cordeiro Divino e, como nós mesmos, que devemos professar distinção por nossa Acácia, ou como verdadeiros Acácios em nossa fé e dogmas religiosos.

A aquisição da doutrina da redenção é expressa no caráter típico de Hiram (do grego: Eu o encontrei), e pelas aplicações daquele nome aos maçons, está implícito que descobrimos o conhecimento de Deus e sua salvação, e fomos redimidos da morte do pecado e do sepulcro de poluição e da injustiça.

Então o Mestre Maçom representa um homem que é, sob a doutrina cristã, salvo do túmulo da iniquidade e educado na fé da salvação.”

É desta forma que a Maçonaria tem, por uma espécie de processo inevitável (quando observamos os sentimentos religiosos de seus intérpretes), sido cristianizada por alguns dos mais ilustres e versados escritores sobre ciência maçônica – por homens competentes como Hutchinson e Oliver na Inglaterra; Harris, Scott, Salem Towne e vários outros nos Estados Unidos.

Eu não questiono o sistema quando a interpretação mesmo não sendo detalhada é plausível, consistente e gera os mesmos resultados que foram obtidos no exemplo do Monte Calvário: tudo que afirmei com relação a isso é que essas interpretações são modernas e não pertencem ao sistema antigo, embora geralmente possam ser deduzidas dele.

Mas a antiga interpretação da lenda maçônica universal – para todos os países e eras – certamente entende que o destino do construtor do templo é senão um símbolo da peregrinação do homem na terra, passando por testes e tentações, pelo pecado e pelo infortúnio, até sua derradeira queda sob o sopro da morte e sua gloriosa ressurreição para a vida eterna.

Constituições de Anderson, 2ª ed. 1738, p. 14.

Constituições de Anderson, 3ª ed. 1756, p. 24.

“As doutrinas ocultas da unidade da Divindade e da imortalidade da alma estavam originalmente em todos os Mistérios, mesmo nos de Cupido e Baco.” – WARBURTON, *Anedotas de Spence*, p. 309.

“A interpretação alegórica dos mitos foi ligada, por vários experientes estudiosos, especialmente por Creuzer, à hipótese de um antigo grupo de sacerdotes altamente instruídos, que se originou tanto no Egito como no Oriente, e que comunicou às rudes e bárbaras religiões gregas o conhecimento físico e histórico sob o véu dos símbolos.” – GROTE, *Hist. da Grécia*, vol. I. Cap. XVI. p. 579. – Chevalier Ramsay corrobora com esta teoria: “Vestígios das mais sublimes verdades devem ser encontrados nos sábios de todas as nações, tempos e religiões, tanto sagradas como profanas, e esses vestígios são emanações da tradição antediluviana e de Noé, de certa forma distinta e adulterada.” – *Princípios Filosóficos de Religião Natural e Revelada em uma Ordem Geométrica*, vol. 1, p. IV.

Há abundante evidência em todos os escritores antigos e modernos sobre os Mistérios. Apuleio cuidadosamente descreve sua iniciação aos Mistérios de Ísis: “Eu me aproximei aos confins da morte, e ao pisar na soleira de Proserpina, eu voltei de lá, renascido por todos os elementos. À meia-noite eu vi o sol brilhando com sua luz radiante; senti a presença dos deuses abaixo e dos deuses do céu, aproximei-me deles e os adorei.” – *Metam.* lib. VI. O contexto mostra que essa narrativa derivou de uma representação cênica.

Aish hakam iodea binah, “um homem perspicaz, imbuído com entendimento”, é a descrição dada pelo rei de Tiro de Hirão Abif. Ver 2 Crôn. II. 13. Não é necessário dizer que “perspicácia” é uma antiga palavra saxônica que significa *habilidoso*.

*Pronaque cum spectent animalia cætera terram;
Os homini sublime dedit: coelumque tueri
Jussit, et erectos ad sidera tollere vultus.*
OVÍDIO, *Met.* I. 84.

“Então, enquanto a criação muda curvou-se para baixo
Sua vista, e a sua mãe terrena cultivou,
O homem olhou para o alto, e com olhos erguidos
Contemplou seus próprios céus hereditários.”

“Ἀφανισμὸς, desaparecimento, destruição, maldição, morte, de ἀφανίζω, remover da visão de alguém, ocultar.” – *Schrevel. Lex.*

“Εὑρεσις, uma descoberta, invenção, descoberta.” – *Schrevel. Lex.*

Um escritor francês do último século, falando do grau de “*Très Parfait Maître*”, diz: “*C’est ici qu’on voit réellement qu’Hiram n’a été que le type de Jésus Christ, que le temple et les autres symboles maçonniques sont des allegories relatives à l’Eglise, à la Foi, et aux bonnes moeurs.*” – *Origem e Objeto da Franco-Maçonaria*, por F.B. Paris, 1774.

“Esta nossa ordem é uma contradição positiva à cegueira e à infidelidade judaica, e testemunha nossa fé concernente à ressurreição do corpo.” –

HUTCHINSON, *Espírito da Maçonaria*, leit. IX. p. 101. – A leitura completa se ocupa em avançar e apoiar sua teoria peculiar.

“Dessa forma parece que a referência histórica da lenda da Maçonaria Especulativa, em todas as épocas do mundo, foi – para a nossa morte em Adão e vida em Cristo. Que, então, foi a origem de nossa tradição? Ou, em outras palavras, àquele incidente particular a lenda de iniciação se referiu antes do dilúvio? Eu a considero a oferenda e assassinato de Abel por seu irmão Caim; a fuga do assassino; a descoberta do corpo pelos seus pais desconsolados, e seu enterro subsequente, sob uma certa crença de sua ressurreição final da morte, e a detecção e punição de Caim pela vingança divina.” – OLIVER, *Landmarks Históricas da Maçonaria*, vol. II. p. 171.

“*Le grade de Maître va donc nous retracer allegoriquement la mort du dieu-lumière – mourant en hiver pour reparaître et ressusciter au printemps.*” – RAGON, *Cours Philos. et Interp. des Init.* p. 158.

“*Dans l’ordre moral, Hiram n’est autre chose que la raison éternelle, par qui tout est pondéré, réglé, conservé.*” – DES ETANGS, *OEuvres Maçonniques*, p. 90.

Com o mesmo argumento eu satisfaço a hipótese de que Hirão era o representante de Charles I da Inglaterra – uma hipótese agora tão geralmente abandonada, que eu não achei importante noticiar no texto.

“A iniciação aos Mistérios”, ele diz, “cenicamente representou o descendente mítico ao Hades e o retorno desse lugar à luz do dia; pelo qual foi significado a entrada à Arca e a subsequente liberação de sua clausura negra. Tais Mistérios foram estabelecidos em quase todas as partes do mundo pagão; e aqueles de Ceres foram substancialmente os mesmos das Orgias de Adônis, Osíris, Hu, Mitras e Cabiri. Todos eles igualmente relacionados ao desaparecimento alegórico, morte, ou degradação do patriarca no início, e para sua invenção, ressurreição, ou retorno do Hades, na conclusão deles”. – *Origem da Idolatria Pagã*, Vol. IV. Livro IV. Cap. V. p. 384 – Mas esta teoria arquita, como ela era chamada, não foi ao encontro da aprovação geral dos escritores subsequentes.

O Monte Calvário é uma pequena montanha ou elevação, situada oeste do Monte Moriá sobre o qual o Templo de Salomão foi construído. Ele foi originalmente um outeiro de eminência notável, mas nos tempos modernos foi bastante reduzido pelas escavações feitas nele para a construção da Igreja do Santo Sepulcro. Buckingham, em seu *Palestina*, p. 283, diz: “A rocha presente, chamada Calvário, que abriga dentro de si a Igreja do Santo Sepulcro, contém marcas, em toda parte em que está indefesa, de ter sido uma formação redonda de rocha acima do nível comum da superfície.”

Dr. Beard, no art. “Gólgota”, da *Encic. de Lit. Bib. de Kitto*, raciocina de uma forma semelhante com relação ao local da crucificação, e supõe que os soldados, com medo de um tumulto popular, poderiam apressar a ida de Jesus ao local mais conveniente para execução, diz: “Então a Estrada para Joppa ou Damasco seria mais conveniente, e provavelmente nenhum lugar na vizinhança seria tão adequado como a menor elevação que contém o nome de Calvário.”

Algumas suposições afirmam que o local foi assim chamado por ser um lugar de execução pública. *Gulgoleth* em hebraico, ou *gogultho* em siríaco, significa *um crânio*.

Citado em Oliver, *Landmarks*, vol. I. p. 587.

XXVIII

O Ramo de Acácia

Intimamente ligada à lenda do terceiro grau está a história mítica do Ramo de Acácia.

Não há símbolo mais interessante ao estudante maçônico que o Ramo de Acácia, não apenas por conta de seu significado peculiar, mas também porque ele nos introduz a um campo abrangente e prazeroso de pesquisa que engloba o simbolismo das plantas sagradas. Em todos os antigos sistemas de religião, e nos Mistérios de Iniciação, havia sempre algumas plantas consagradas, nas mentes dos adoradores e participantes, por um simbolismo peculiar, que desfrutavam de extraordinária veneração como um emblema sagrado. Então a hera foi usada nos Mistérios de Dionísio, o mirtilo nos de Ceres, a érica nos de Osíris, e a alface nos de Adônis. Voltarei a este assunto abordando-o de forma mais completa em outro momento desta investigação.

Antes de começar uma análise do simbolismo da *Acácia*, deve-se identificar a verdadeira planta que ocupa um lugar tão importante no ritual da Maçonaria.

Vale salientar brevemente que é um grande erro designar a planta simbólica da Maçonaria pelo nome de “Cássia” – erro que surgiu, originalmente, de um ambiente comum a pessoas iletradas e que não pronunciavam a letra *a* no início das palavras. Por exemplo, ouvimos constantemente,¹ na conversa entre pessoas ignorantes, as palavras *potecário* e *prendiz* para *apotecário* e *aprendiz*, então também é possível encontrar *cássia* usada para *acácia*.² Infelizmente, esta corrupção de *acácia* em *cássia* nem sempre ficou confinada aos iletrados, mas o uso prolongado da forma corrompida foi introduzida, em alguns casos, mesmo entre alguns de nossos escritores. Mesmo o venerável Oliver, embora bem familiarizado com o simbolismo da acácia, e tendo pesquisado muito para escrever, às vezes, se permitiu o uso da corrupção objetável, influenciando de forma

inconsciente, muito provavelmente, uma também freqüente adoção da forma corrompida da palavra nas Lojas inglesas. Nos Estados Unidos, pouquíssimo maçons incorrem no erro de falar *Cássia*. O ensino adequado de *Acácia* é bem assimilado.³

A *cássia* dos antigos era, na verdade, uma planta ignóbil sem significado místico e sem caráter sagrado que nunca foi elevada a uma função superior e, como Virgílio nos informa, que não teve a mesma utilidade de outras ervas de cheiro na composição de uma guirlanda:

“...violetas pálidas,
O rubor da papoula e do endro que perfuma a tempestade,
Cássia, jacinto e narciso,
Com calêndulas amarelas a diadema preenchem.”⁴

Alston diz que a “*Cassia lignea* dos antigos eram os maiores galhos da árvore de cinamomo, cortados com a casca e enviados aos boticários; a *cássia-imperial*, ou *Syrinx*, era o mesmo cinamomo em casca apenas”; mas Ruæus diz que algumas vezes também denotava a lavanda ou alecrim.

Nas Escrituras, a *cássia* é mencionada apenas três vezes,⁵ duas como tradução da palavra hebraica *kiddak* e outra como restituição de *ketzioth*, mas sempre se referindo a uma planta aromática que compunha algum perfume. Há, na verdade, forte razão para se acreditar que a *cássia* é apenas outro nome para uma grosseira preparação do cinamomo, e também se observa que ela não crescia na Palestina, mas foi importada do Oriente.

A *acácia*, pelo contrário, foi estimada com uma árvore sagrada. É a *acacia vera* de Tournefort, e a *mimosa nilotica* de Lineu. Ela florescia com abundância nas proximidades de Jerusalém,⁶ onde ainda pode ser encontrada, e é familiar a nós todos, em seus usos modernos ao menos, como a árvore da qual a goma arábica é obtida.

A *acácia*, que nas Escrituras é sempre chamada de *sita*⁷ e tem como plural *sitim*, foi estimada como uma madeira sagrada entre os hebreus. Com a qual Moisés foi ordenado a fazer o tabernáculo, a arca da aliança, a mesa para o pão sagrado e o restante da mobília sagrada. Isaías, ao recontar as promessas de misericórdia de Deus aos israelitas em seu retorno do cativeiro, conta-lhes que, entre outras coisas, ele plantará na floresta, para alívio e refrigério deles, o cedro, a *acácia* (ou como é referido em nossa versão comum, a *sita*), o abeto e outras árvores.

A primeira coisa que notamos no símbolo da acácia é que ela sempre foi consagrada, entre as outras árvores da floresta, com o propósito de devoção. Para os judeus, a árvore cuja madeira construiu o santuário do tabernáculo e a arca sagrada nunca deveria ser vista como mais sagrada que as árvores comuns. Os primeiros maçons, portanto, muito naturalmente se apropriaram desta planta santificada com o mesmo propósito sagrado de um símbolo que ensina uma importante verdade divina em todas as eras vindouras.

Tendo falado brevemente da história natural dessa planta, agora podemos prosseguir com a análise de suas relações simbólicas.

Em primeiro lugar, a acácia, no sistema mítico da Maçonaria, é predominantemente o símbolo da *Imortalidade da Alma* – a importante doutrina que a instituição deve ensinar. A natureza evanescente da flor que “nasce e é cortada” nos lembra a natureza transitória da vida humana, então a renovação perpétua da planta sempre-verde, que sempre aparenta juventude e vigor, é adequadamente comparada à vida espiritual cuja alma, livre da companhia corruptível do corpo, desfrutará da eterna primavera e da juventude imortal. Nos rituais funerários grandiosos de nossa ordem se diz: “Esta sempre-verde é um emblema de nossa fé na imortalidade da alma. Por meio dela somos lembrados da parte imortal que carregamos, deve sobreviver ao túmulo, e nunca, nunca, nunca deverá morrer.” Novamente, nas sentenças de encerramento da leitura monitória do Terceiro Grau, o mesmo sentimento é repetido, e nós somos ensinados que pelo “ramo sempre-verde e sempre-verde” o maçom é fortalecido “com confiança e compostura para buscar uma imortalidade abençoada”. Esta interpretação do símbolo é fácil e natural; ela surge imediatamente à mente menos reflexiva e, conseqüentemente, de uma forma ou de outra, é encontrada em todas as épocas e nações. Era um costume antigo que mesmo agora ainda não caiu em desuso, as pessoas de luto carregam nos funerais um ramo de sempre-verde, geralmente cedro ou cipreste, e o depositam no túmulo do morto. Segundo Dalcho,⁸ os hebreus sempre plantavam um ramo de acácia na cabeceira do túmulo de um amigo falecido. Potter nos conta que os antigos gregos “tinham um costume de enfeitar as tumbas com ervas e flores⁹,” Todos os tipos de flores roxas e brancas eram oferecidas ao morto, mas principalmente o amaranto e o mirtilo. O verdadeiro nome da primeira planta, que significa “nunca esmaecer”, parecia indicar o verdadeiro significado simbólico do uso, embora os arqueólogos geralmente supusessem que ela fosse apenas uma demonstração de amor da parte dos

viventes. Ragon diz que os antigos substituíam a acácia por todas as outras plantas porque acreditavam que ela era incorruptível, e não suscetível à injúria dos ataques de qualquer tipo de inseto ou outro animal – simbolizava a natureza incorruptível da alma.

Dessa forma, nós vemos a propriedade de colocar o ramo de acácia, como um emblema de imortalidade entre os símbolos do terceiro grau, onde todas as cerimônias querem nos ensinar a grande verdade, que “a vida do homem, regulada pela moralidade, fé e justiça, será recompensada na última hora pelo prospecto de alegria eterna”.¹⁰ Assim, portanto, diz Dr. Oliver, quando o Grão-Mestre exclama: “Meu nome é Acácia”, equivale a dizer: “Eu estive na sepultura, eu triunfei sobre ela ao levantar dos mortos, e sendo regenerado neste processo, eu tenho uma declaração para a vida duradoura.”

O ramo de acácia, então, em seu significado mais ordinário, apresenta-se ao Grão-Mestre como um símbolo de imortalidade da alma, querendo lembrá-lo, por sua natureza imutável e sempre verde, da melhor parte espiritual dentro de nós, que, como uma emanção do Grande Arquiteto do Universo, nunca pode morrer. Sendo o significado mais ordinário e ainda o mais aceito, ele também é o mais importante; assim, como símbolo peculiar de imortalidade, ele se torna o mais apropriado a uma ordem cujos ensinamentos pretendem ensinar a grande lição de que a “vida se eleva da sepultura”. Mas secundário a esta acácia há duas interpretações que vale a pena investigar.

Em segundo lugar, então, a acácia é um símbolo de *Inocência*. O simbolismo aqui é de um caráter peculiar e não usual, não pendendo sobre qualquer analogia real na forma ou uso do símbolo à idéia simbolizada, mas simplesmente sobre um significado duplo ou composto da palavra. Pois $\alpha\chi\alpha\chi\iota\alpha$, em grego, significa tanto a planta em questão como a qualidade moral de inocência ou pureza de vida. Neste sentido, o símbolo se refere àquele sobre cuja sepultura solitária a acácia foi plantada. A sua conduta virtuosa, integridade de vida e fidelidade ao que lhe foi confiado sempre foram apresentados como padrões à Arte, e conseqüentemente a todos os Grãos-Mestres, que, pela mesma interpretação do símbolo, são convidados a seguir o seu exemplo.

Hutchinson, agindo de acordo com a tendência teórica de cristianizar a Maçonaria, quando chega a este significado do símbolo, amplia a interpretação: “Nós, *maçons*, descrevendo o estado deplorável da religião

sob a lei judaica, falamos por meio de analogias: ‘Sua tumba foi arrancada do lixo e da imundície do templo, e a *acácia* contorce seus galhos sobre seus monumentos’; *akakia* é a palavra grega para inocência, ou ser livre de pecado; implicando que os pecados e corrupções da antiga lei, e os devotos do altar judaico, tivessem escondido a Religião daquele que a procurava, e ela só seria encontrada onde a *inocência* sobrevivesse, e sob a bandeira do Cordeiro Divino e, como nós mesmos, professar que devemos ser distintos pela nossa *Acácia*, ou como verdadeiros *Acácios* em nossas fé e dogmas religiosos.”¹¹

Entre as nações da antiguidade era comum simbolizar as virtudes e as outras qualidades da mente por meio de plantas. Em muitos exemplos o simbolismo se perdeu entre os modernos, mas em outros ele foi retido, e é bem entendido, mesmo atualmente. Então a oliveira acabou adotada como o símbolo de paz pela razão apontada por Lee: “este óleo é bastante útil, de uma forma ou de outra, em todas as artes manuais que principalmente floresceram em tempos de paz”.¹²

O marmelo entre os gregos foi o símbolo do amor e da felicidade;¹³ sendo assim, pelas leis de Sólon, nos casamentos atenienses, a noiva e o noivo deviam comer um marmelo juntos.

A palma era o símbolo da vitória;¹⁴ então, nas catacumbas de Roma, no local de enterro de vários cristãos da antiguidade, a folha da palmeira era constantemente encontrada como um emblema do triunfo cristão sobre o pecado e a morte.

O alecrim era um símbolo de lembrança, portanto era usado tanto em casamentos como em funerais, a memória do passado igualmente apropriada a ambos os ritos.¹⁵

A salsa foi consagrada à tristeza; sendo assim, todos os gregos adornavam suas tumbas com ela; e ela foi usada para coroar os conquistadores nos jogos Nemeus, que tinham caráter de funeral.¹⁶

Mas não há necessidade de multiplicar os exemplos deste simbolismo. Ao adotar a acácia como um símbolo de inocência, a Maçonaria apenas estendeu o princípio de um uso antigo e universal, que então foi consagrado a plantas específicas, a um significado místico para representar virtudes particulares.

Por fim, a acácia é considerada um símbolo de *Iniciação*. Isso acontece por conta do grande interesse sobre essas interpretações, e ainda, nós tínhamos toda razão para acreditar, por ela ser o primeiro e original

símbolo, os outros seriam apenas secundários. Isso nos levou imediatamente à investigação do significativo fato ao qual eu já aludi, que em todas as iniciações antigas e nos mistérios religiosos havia alguma planta, peculiar a cada um, que foi consagrada pelo seu próprio significado esotérico, e que ocupou uma posição importante na celebração dos ritos; então a planta, seja ela qual for, por seu constante e proeminente uso nas cerimônias de iniciação, veio a ser adotada como símbolo daquela iniciação.

Uma referência a algumas dessas *plantas sagradas* – pois esse foi o caráter que elas assumiram – e uma investigação de seu simbolismo, na ligação com o assunto deste artigo, talvez não seja interessante ou útil.

Nos Mistérios de Adônis, que se originaram na Fenícia, e foram posteriormente transferidos para a Grécia, a morte e a ressurreição dele eram representadas. Uma parte da lenda que acompanha esses mistérios conta que, quando Adônis foi morto por um porco-domato, Vênus deitou o seu corpo em uma cama de alface. Em memória a esse suposto fato, no primeiro dia de celebração, quando os ritos funerários se realizaram, alfaces *recém plantadas* em leiras de terra foram carregadas na procissão. A alface se transformou na planta sagrada de Adônia, ou dos Mistérios Adônicos.

A lótus era a planta sagrada dos ritos brahmânicos da Índia, e foi considerada o símbolo de sua trindade elementar – terra, água e ar – porque, como planta aquática, ela derivava sua nutrição de todos esses elementos combinados, suas raízes sendo plantadas na terra, seu caule se erguendo pela água e suas folhas expostas ao ar.¹⁷ Os egípcios, que basearam uma grande parte de seus ritos religiosos no Oriente, adotaram o lótus, que também era nativo em seu país, como uma planta mística, e a fizeram símbolo de sua iniciação, ou do nascimento de sua luz celestial.

Champollion observa, geralmente, que sobre os monumentos egípcios havia uma representação do deus Phre, ou do sol, como que nascido dentro do cálice expandido do lótus. O lótus tem uma flor semelhante a da papoula, embora com folhas largas e em forma de língua ele flutue sobre a superfície da água. Como os egípcios observaram que a planta abria quando o Sol surgia, e fechava quando ele se punha, eles adotaram-na como um símbolo dessa estrela; como o astro luminoso foi o principal objeto da adoração popular, o lótus se tornou em todos os seus ritos uma planta consagrada e mística.

Os egípcios também selecionaram a érica,¹⁸ ou urze, como uma planta sagrada. A origem da consagração desta planta nos apresenta uma coincidência singular, que será peculiarmente interessante ao estudante maçônico. Nós fomos informados por uma lenda dos mistérios de Osíris, relatando que Ísis, quando em busca do corpo de seu marido assassinado, descobriu-o enterrado na encosta de uma montanha, próximo de uma érica, ou urze, a viu crescer; e, após a recuperação do corpo e da ressurreição do deus, quando ela estabeleceu os mistérios para comemorar sua perda e sua recuperação, ela adotou a érica como uma planta sagrada,¹⁹ em memória disso apontou o lugar em que os *restos mortais* de Osíris foram escondidos.²⁰

O visco era a planta sagrada do Druidismo. Seu caráter consagrado derivou de uma lenda da mitologia escandinava, e é relatada no Edda, ou livros sagrados. O deus Balder, filho de Odin, sonhou que estava correndo perigo de morrer, então Friga, sua mãe, exigiu um juramento de todas as criaturas dos reinos animal, vegetal e mineral, afirmando que elas não causariam mal ao filho dela. Como o visco, de tamanho insignificante e frágil, foi negligenciado, dele nenhum juramento de imunidade se pediu. Lok, o gênio do mal, ou deus da Escuridão, tomando conhecimento do fato, colocou uma flecha feita de visco nas mãos de Holder, o irmão cego de Balder, num determinado dia em que os deuses estavam atirando nele por esporte, e se surpreendeu com a inabilidade em feri-lo com quaisquer armas com que o atacassem. Mas, ao ser atingido com uma flecha de visco, ela infligiu-lhe feridas fatais, e Balder morreu.

Depois que o visco foi reverenciado como uma planta sagrada, consagrada aos poderes da escuridão, ele se tornou um rito importante entre os druidas que anualmente iam floresta adentro em sua busca, ao serem encontrados, eram cortados pelo arquidruída, e suas partes, após um sacrifício solene, eram distribuídas entre as pessoas. Clavel²¹ muito engenhosamente observa que fica evidente, na referência à lenda, como Balder simbolizava o deus-sol, e Lok, a Escuridão, a busca pelo visco pretendia privar o deus da Escuridão do poder de destruir o deus da Luz. E a distribuição dos fragmentos do visco entre seus adoradores devotados era para assegurá-los de que a partir daquele momento uma tentativa semelhante de Lok seria evitada, então ele foi privado dos meios para efetuar seus desígnios.²²

O *mirtilo* desempenhou o mesmo papel simbólico nos Mistérios da Grécia que a *lótus* no Egito, ou o visco entre os druidas. O candidato, nessas iniciações, era coroado com *mirtilo*, porque, de acordo com a teologia popular, o *mirtilo* foi consagrado a Proserpina, a deusa da vida futura. Todo estudioso clássico irá se lembrar do galho dourado que Enéias recebeu de Sibila antes de prosseguir em sua jornada às regiões infernais²³ – viagem que é agora universalmente admitida como uma representação mítica das cerimônias de iniciação.

Em todos os antigos Mistérios, enquanto a planta sagrada foi símbolo de iniciação, a própria iniciação era símbolo da ressurreição a uma vida futura e da imortalidade da alma. Nesta visão, a Maçonaria está para nós no lugar das antigas iniciações, e a *acácia* é substituída pelo *lótus*, pela *érica*, pela *hera*, pelo visco e pelo *mirtilo*. A lição de sabedoria é a mesma; a forma de transmitir tudo isso é que mudou.

Voltando, então, para a *acácia*, entendemos que ela nos traz três explicações. Ela é símbolo da imortalidade, da inocência e da iniciação. Mas os três significados estão intimamente relacionados, e essa ligação deve ser observada, se desejarmos obter uma interpretação justa do símbolo. Então, neste único símbolo, nós aprendemos que na iniciação da vida, da qual a iniciação no terceiro grau é simplesmente emblemática, a inocência deve, por um tempo, permanecer na sepultura, contudo, sendo depois chamada, pela palavra do Grão-Mestre do Universo, para uma imortalidade abençoada. Combinado com a lembrança do local onde o ramo de *acácia* foi plantado, e que eu até aqui demonstrei ser o Monte Calvário, o local de sepultamento *Daquele* que “trouxe vida e imortalidade à luz”, e que, na Maçonaria cristã, é designado pelas Escrituras como o “leão da tribo de Judá”, vale lembrar, também, que no mistério de sua morte, a madeira da cruz substitui a *acácia*, e com este pequeno e aparentemente insignificante símbolo, verdadeira e realmente o mais importante e significativo na ciência maçônica, nós temos uma bela sugestão de todos os mistérios da vida e da morte, do tempo e da eternidade, do presente e do futuro. Portanto ler (e assim todos os nossos símbolos devem ser lidos) Maçonaria prova algo mais aos discípulos do que um mero grupo social ou uma associação de caridade. Ela se torna uma “lanterna aos nossos pés”, cuja luz espiritual brilha sob a escuridão do leito de morte, e dissipa as sombras obscuras da sepultura.

Esta obra, o segundo volume da tradução *The Symbolism of Freemasonry*, escrita por Albert G. Mackey, foi publicada em 1869. Sendo assim, toda e qualquer alusão à temporalidade refere-se àquela época. (Nota do editor)

A idéia de Oliver (*Landmarks*, II. 149) que *cássia* foi, desde o ano 1730, sendo corrompida em *acácia*, é contrária a toda experiência etimológica. Palavras são corrompidas, não pelo alongamento, mas por sua abreviação. Os incultos e descuidados são sempre passíveis de cortar uma sílaba, não de acrescentar uma nova.

Embora eu tenha sido surpreendido ao ver, uma ou duas vezes, a palavra “Cássia” adotada como o nome de uma Loja. “Cinamomo” ou “madeira de sândalo” teria sido apropriada a qualquer significado ou simbolismo maçônico.

Ecolog. II. 49.

*“Pallentes violas et summa papavera carpens,
Narcissum et florem jungit benè olentis anethi:
Tum casia, atque aliis intexens suavibus herbis,
Mollia luteola pingit vaccinia, caltha.”*

Êxod. XXX. 24, *Ezeq.* XXVII. 9, e *Salmos.* XLV. 8.

Oliver diz que “não há o menor traço de qualquer árvore do tipo crescendo ao norte de Jerusalém” (*Landm.* II. 136); mas esta declaração é refutada pela autoridade do Tenente Lynch, que viu a florescer em abundância em Jericó, e ainda mais ao norte. – *Exped. ao Mar Morto*, p. 262. – O Rabbi Joseph Schwarz, que é excelente autoridade, diz: “A Árvore Acácia (Sitim), Al Sunt, é encontrada na Palestina de diferentes variedades; ela se parece com a amoreira, atinge uma grande altura, e possui uma madeira dura. A goma que é obtida dela é a goma arábica.” – *Geografia Descritiva e Esboço Histórico da Palestina*, p. 308, tradução de Leeser. Phila., 1850. – Schwarz residiu durante 16 anos na Palestina, e escreveu a partir de observação pessoal. O testemunho de Lynch e Schwarz deveria, portanto, sempre estabelecer a questão de existência da acácia na Palestina.

Calmet, Parkhurst, Gesenius, Clarke, Shaw e todas as maiores autoridades, concorrem em dizer que o *otzi shittim*, ou madeira sitim do Êxodo, foi a acácia comum ou *mimosa nilotica* de Lineu.

“O costume entre os hebreus surge desta circunstância. De acordo com suas leis, os corpos dos mortos não podiam ser enterrados nas paredes da cidade; e como os Cohens, ou sacerdotes, eram proibidos de pisar um túmulo, foi necessário colocar marcas para que pudessem evitar a situação. A acácia foi usada com esse propósito.” – DALCHO, *Oration*, p. 27, nota. – Eu objeto a razão apontada por Dalcho; mas da existência do costume não se pode haver dúvida, não obstante a negação ou dúvida do Dr. Oliver. Blount (*Viagens no Levante*, p. 197), falando de costumes funerários judeus, “os que depositam uma pedra de mármore sobre qualquer [túmulo] fazem um buraco de 90 centímetros por 30 de largura, no qual *plantam uma sempre-verde*, que parece crescer do corpo, e é cuidadosamente observada”. Hasselquist (*Viagens*, p. 28) confirma seu testemunho. Eu copiei as citações de Brown (*Antiguidades dos Judeus*, Vol. II. p. 356), mas verifiquei a referência a Hasselquist. A obra de Blount eu não consegui consultar.

Antiguidades da Grécia, p. 569.

Dr. Crucefix, MS., citado por Oliver, *Landmarks*, II. 2.

Espírito da Maçonaria, leit. IX. p. 99.

O Templo de Salomão, cap. IX. p. 233.

É provável que o marmelo derivou deste simbolismo, como a acácia, de seu nome; pois parece haver alguma ligação entre a palavra grega *χυδώνιος*, que significa *um marmelo*, e o particípio *χυδίων*, que significa *regozijar, exaltar*. Mas esta deve ter sido uma idéia que ocorreu posteriormente, pois o nome é derivado de Sídön, em Creta, de cuja ilha o marmelo é um nativo.

Desprez, falando da palmeira como um emblema de vitória, diz (*Coment. em Horac. Od. I. I. 5*), “*Palma verò signum victoriae passim apud omnes statuitur, ex Plutarcho, propterea quod ea est ejus natura ligni, ut urgentibus opprimentibusque minimè cedat. Unde est illud Alciati*

epigramma, ‘Nititur in pondus palma, et consurgit in altum: Quoque magis premitur, hoc magè tollit onus.’”

É no oitavo livro de seu Simpósio que Plutarco declara a propriedade peculiar da palmeira a resistir à opressão de qualquer sobrepeso e se levantar contra ele, por isso ela foi adotada como símbolo da vitória.

Cowley também alude a isso em seu *Davideis*.

“Bem sabe ele como as palmeiras são estimuladas pela opressão Vitoriosa, e o prêmio sagrado da vitória.”

“Acreditava-se que o alecrim fortalecia a memória e não era levada a funerais, mas usada em casamentos.” – STEEVENS, *Notas sobre Hamlet*, a. IV. s. 5. – Douce (*Ilustrações de Shakespeare*, I. 345) traz a seguinte antiga canção como referência a este assunto:

“Alecrim é para a lembrança
Entre nós dia e noite,
Desejando que eu sempre possa ter
Você presente em minha visão.”

Santa Cruz (*Recherches sur les Mystères*, I. 56) diz que nos Mistérios da Samotrácia era proibido colocar salsa sobre a mesa, porque, de acordo com os mistagogos, ela seria produzida pelo sangue de Cadmilo, que foi assassinado por seus irmãos.

“Os hindus”, diz Faber, “representam seu lótus mundano, com quatro folhas largas e quatro folhas pequenas colocadas alternadamente, enquanto do centro das flores surge uma protuberância. A xícara circular formada pelas oito folhas é considerada um símbolo da terra, flutuando sobre a superfície do oceano, e consistindo de quatro largos continentes e quatro ilhas intermediárias menores; enquanto a protuberância central é vista por eles como a representação de seu Monte Menu sagrado.” – *Comunicação aos Gent. Mag.* vol. LXXXVI. p. 408.

A erica arborea ou árvore pagã.

Ragon então alude a seu evento místico: “Ísis encontrou o corpo de Osíris na vizinhança de Biblos, e próximo a uma planta alta chamada *érica*. Oprimida pela tristeza, ela sentou-se às margens de uma fonte, cujas águas

jorravam de uma rocha. Esta rocha é a *pequena montanha* mencionada no ritual; a érica foi substituída pela acácia, e o luto de Ísis foi trocada por aquela dos companheiros.” – *Cours des Initiations*, p. 151.

É singular, e talvez significante que a palavra *eriko*, em grego, ἐρίκω, de onde *érica* provavelmente derivou, significa *quebrar em pedaços, mutilar*.

História Pitoresca das Religiões, t. I. p. 217.

De acordo com Toland (*Obras*, I. 74), o festival de procura, corte e consagração do visco, realizou-se a 10 de março, ou no dia de Ano Novo. “Esta”, ele diz, “é a cerimônia a qual Virgílio se refere, por seu *ramo dourado*, no sexto livro da Eneida.” Não há dúvida quanto a isso, pois todas as plantas sagradas tinham uma origem comum em alguma idéia simbólica antiga e geral.

“Sob este ramo é figurado a grinalda do mirtilo, com o qual o iniciado foi coroado na celebração dos Mistérios.” – WARBURTON, *Procuração Divina*, vol. I. p. 299.

XXIX

O Simbolismo do Trabalho

Esta é uma das mais belas características da Instituição Maçônica, que nos ensina não apenas a necessidade, mas a nobreza do trabalho. Entre as primeiras ferramentas cujo uso emblemático instrui os neófitos na Tábua de Delinear, o reconhecimento do símbolo da Lei Divina, de acordo com o decreto¹ que instituiu o trabalho originalmente como o destino comum de tudo; portanto a elogiável lição que está intimamente ligada a este símbolo é para trabalhar bem e verdadeiramente, trabalhar honesta e persistentemente, este é o objetivo principal de toda humanidade.

Executar bem a tarefa que foi colocada diante de nós é a nossa maior obrigação, e deve constituir nossa grande felicidade. Todos os homens, então, devem ter suas tábuas de delinear, pois os princípios que nos guiam na dispensa de nossa obrigação – os esquemas que planejamos, os planos que propomos – são a tábua de delinear, cujos desígnios nós seguimos, para o bem ou para o mal, em nosso labor da vida.

A terra cria a cada primavera vindoura, e dentro de seu seio prolífico planeja a semente brotando, a planta crescendo e a árvore acabada, sobre sua tábua de delinear.

O velho oceano sempre criou – incansável e murmurante – e ainda cria corajosamente, vendavais e tempestades, os purificadores da natureza estagnada estão inscritos nesta tábua de delinear.

E o próprio Deus, o Grande Arquiteto, o Mestre Construtor do mundo, criando desde a eternidade, e agindo pelo seu desejo onipotente, inscreve seu plano no espaço ilimitado, pois o universo é sua tábua de delinear.

Há um ditado antigo dos monges que é digno de meditação. Eles ensinaram *laborare est orare*, trabalho é adoração, porém nem sempre praticaram este sábio preceito. Eles nem sempre fizeram do trabalho uma parte de sua religião. Como Santo Onofre, que viveu 60 anos, dentre eles dez no deserto, sem voz humana, ou simpatia humana para animá-lo, pois

não havia aprendido que o homem foi feito para o homem, aqueles velhos ascetas foram para o deserto, e construíram celas, e ocuparam-se da meditação solitária e do pensamento inútil. Eles rezavam muito, mas não trabalhavam. Então passaram suas vidas sem demonstrar piedade, ajuda ou consolo aos seus semelhantes, sem acrescentar nada ao tesouro do conhecimento humano, e deixaram o mundo, quando sua própria peregrinação terminou, sem fazer uma única contribuição, no trabalho da mente ou do corpo para o bem-estar comum.²

Os homens, vendo a inutilidade das vidas ascéticas, evitam esses exemplos e se voltam ao sábio ensinamento de que cumpre melhor a vontade de Deus aquele que melhor faz a obra de Deus. Agora o mundo sabe que o céu não é servido a homens ociosos – que o *dolce far niente*, embora possa servir para um crápula italiano, não se encaixa a um corajoso homem cristão, e que eles deveriam fazer isso direito, e agir bem da parte deles, tomando este dístico por seu lema:

*“Com esta mão trabalho, e com a outra eu rezo,
E Deus abençoará a ambas todos os dias.”*

A doutrina de que trabalho é adoração, é a verdadeira doutrina que tem sido apresentada e mantida, desde um tempo imemorial, como o dogma principal da Ordem da Maçonaria. Não há nenhuma outra instituição humana sob o Sol que tenha estabelecido este grande princípio em tal ousada reparação. Nós ouvimos constantemente sobre a Maçonaria como uma instituição que inculca moralidade, que encoraja o sentimento social, que ensina o amor fraterno... E tudo isso é bom, porque é verdade! Mas nós nunca devemos esquecer que desde a sua pedra de fundação até o seu pináculo, tudo sobre o seu vasto templo está inscrito em símbolos de luz viva, na grande verdade que *trabalho é adoração*.

Foi suposto que, porque falamos da Maçonaria como um sistema especulativo, isso não tem nada a ver com a prática da instituição. Mas este é um grande erro. A Maçonaria é uma ciência especulativa, mas baseada na arte operativa. Todos os seus símbolos e alegorias se referem a esta ligação. Sua verdadeira linguagem é emprestada da arte, e sugere singularmente que a iniciação de um candidato em seus mistérios é chamada, em sua fraseologia peculiar, de *obra*.

Eu repito que esta expressão é singularmente sugestiva. Quando a Loja está engajada em ler petições, escutar relatórios, debater questões

financeiras, diz-se que ficou ocupada com *negócios*; mas quando está engajada na forma e na cerimônia de iniciação em qualquer um dos graus, diz-se que ela está em *trabalho*. A iniciação é um trabalho maçônico. Esta fraseologia sugere imediatamente a ligação de nosso sistema especulativo com a arte operativa que o precedeu, e sobre a qual ele foi fundado. Esta arte operativa forneceu seu formato, características e organização. Se o sistema especulativo foi fundado apenas sobre os princípios filosóficos e éticos, se ele derivou de alguns grupos de filósofos antigos ou modernos – estóicos, epicuristas ou platônicos do mundo pagão, ou de qualquer uma das divisões dos estudiosos da idade média –, esta origem certamente deve ter afetado sua organização interna assim como sua forma externa, e nós devemos ver nossas modernas reuniões maçônicas assumindo o estilo de academias ou escolas. Sua linguagem técnica – como todas as instituições isoladas das preocupações ordinárias e gerais da humanidade, ela deveria ter tido seu próprio dialeto técnico – teria sido emprestada, o que é facilmente rastreável, da fraseologia peculiar dos grupos filosóficos que lhe deram origem. Houve os *sofistas* e os *filósofos*; os *gramatistas* e os *gramarianos*; os acadêmicos, os *mestres* e os *doutores*. Havia as escolas de *trívio e quadrívio*; sua ocupação teria sido a pesquisa, o experimento ou a investigação; em uma palavra, suas características todas teriam sido *coloridas* por uma característica gramatical, retórica ou matemática, conseqüentemente derivada de um grupo no qual uma dessas disciplinas era a influência predominante.

A aparência da organização da Maçonaria, tal como ela se apresenta nos dias de hoje, é totalmente diferente. Seus graus são expressivos, não quanto ao progresso de suas realizações filosóficas, mas no progresso de uma busca puramente mecânica. Seu maior grau é o de *Mestre de Obra*. Seus locais de encontro não são as escolas, mas as *Lojas*, locais onde os operários antigamente se alojavam, especialmente na vizinhança da construção em que trabalhassem. Isso não forma teorias, mas constrói templos. Ela não sabe nada das regras dos dialéticos – do silogismo, do dilema, do entimema, ou dos soritas –, mas recorre às rudes ferramentas de sua antepassada operativa e aos seus métodos de instrução, como a linha de prumo que inculca retidão de conduta e extrai lições de moralidade do compasso do operário. Ela vê no Deus Supremo que adora não um *numen divinum*, mas um poder divino, não um *moderator rerum omnium*, mas um controlador de todas as coisas, como os antigos filósofos o designaram: um

Grande Arquiteto do Universo. A idéia maçônica de Deus se refere a Ele como o Construtor Poderoso deste globo terrestre e de todos os incontáveis mundos que o rodeiam. Ele não é o *ens entium*, ou o *theion*, ou qualquer outro dos milhares de títulos com os quais a especulação antiga e moderna o investiu, mas simplesmente o Arquiteto – como os gregos o tinham, ἄρχὼς, chefe dos operários – sob quem nós somos todos também operários;³ e assim nosso trabalho é sua adoração.

Esta idéia de trabalho maçônico está intimamente ligada com a história da organização da instituição. Quando nós dizemos “a Loja está em trabalho”, reconhecemos que ela está em prática legítima daquela ocupação para a qual foi originalmente criada. Os maçons que estão nela não estão ocupados em pensar, especular ou raciocinar, mas simples e enfaticamente em trabalhar. A obrigação de um maçom como este, em sua Loja, é trabalhar. Fazendo isso ele cumpre com o destino de sua Ordem, cumpre bem a sua obrigação com o Grande Arquiteto usando o “*laborare est orare*” maçônico: “trabalho é adoração”.

Uma vez que a importância do trabalho maçônico foi demonstrada, a próxima questão que surge com a natureza deste trabalho é: “Qual o trabalho que um maçom é chamado a realizar?”

A construção do templo foi a ocupação original de nossos antigos irmãos. Deixando de fora o sistema de ética e filosofia religiosa, a busca pela verdade, as doutrinas da unidade de Deus e da imortalidade da alma, que também distinguem os Antigos mistérios e a instituição maçônica, e que ambos devem derivar de uma origem comum – muito provavelmente de algum clero da antiguidade – e deixar a nossa atenção ser exclusivamente dirigida, até o presente, àquele período, tão familiar a todo maçom, quando, sob a suposta Grã-Maestria do Rei Salomão, a Maçonaria assumiu “um local de habitação e um nome” na cidade sagrada de Jerusalém. Lá o trabalho dos israelenses e a habilidade dos tiranos se ocuparam da construção do nobre templo cujo esplendor e magnificência de decoração fez com que ele fosse considerado uma das maravilhas do mundo.

Aqui vemos duas nações unidas dirigindo sua atenção, com surpreendente harmonia, à tarefa da construção do templo. Os operários de Tiro, vindo imediatamente do seio da sociedade mística dos artífices dionisíacos – cujo único emprego foi a construção de edifícios sagrados por toda a Ásia Menor –, doutrinaram os judeus com uma parte de sua habilidade arquitetônica, e forneceram-lhes também um conhecimento dos

Mistérios sagrados que haviam praticado em Tiro, e dos quais se acredita que a presente forma interior da Maçonaria tenha derivado.

Ainda assim, se houver alguém tão incrédulo que recuse seu assentimento à tradição maçônica universalmente recebida sobre o assunto, se houver alguém que possa negar toda ligação do Rei Salomão com a origem da Maçonaria, exceto se for um sentido mítico ou simbólico, como o desejo de incredulidade, não afetará de forma alguma o argumento corrente que estou disposto a usar. Pois não será negado que as associações de construtores na idade média, homens conhecidos como “Maçons Viajantes”, eram substanciais e corpóreas, e que as catedrais, abadias e palácios, cujas ruínas ainda são objeto de admiração a todos os observadores, portam testemunho conclusivo de que a sua existência não foi nada além de um mito, e que seus trabalhos não foram apócrifos. Mas esses Maçons Viajantes (sejam levados pelo erro, se for erro; por uma leitura equivocada da história; ou uma reverência supersticiosa para a tradição) sempre estimaram o Rei Salomão como o fundador de sua Ordem. Então os primeiros detalhes absolutamente históricos que nós temos da instituição maçônica a liga a idéia de um “templo”. É apenas por essa idéia, que eu defendo – pois ela prova que os primeiros maçons dos quais possuímos registro autêntico, sejam eles de Jerusalém ou da Europa, ou de milhares de anos antes ou milhares de anos depois do nascimento de Cristo –, que ela sustenta que a construção do templo era a especialidade peculiar de sua arte, e que seu trabalho era a construção de templos nos tempos antigos, e de catedrais e igrejas na era Cristã.

Então voltamos para a última proposição com a qual eu comecei: “A construção do templo foi a ocupação original de nossos antigos irmãos!” A isso se acrescenta o fato de que, depois de um longo período de séculos, um grupo de homens da idade média foi universalmente reconhecido como maçons, e que direcionaram a sua atenção e habilidade para a mesma ocupação, e se engajaram na construção de catedrais, abadias e outros edifícios sagrados: substitutos cristãos para os templos pagãos ou judaicos.

Quando nós vemos a história da Ordem assim desenvolvida em suas origens e seus desígnios, estamos justificados em dizer que, em todas as épocas passadas, seus membros foram reconhecidos como homens de trabalho, e que seu trabalho foi a construção do templo.

Mas nossos antigos irmãos trabalharam tanto na Maçonaria operativa como especulativa, enquanto nós trabalhamos apenas na especulativa. Eles

trabalhavam com as mãos; nós trabalhamos com o cérebro. Eles lidavam com o material; nós com o espiritual. Eles usavam madeira e pedras; nós usamos pensamentos, sentimentos e afeições. Dedicamo-nos ao trabalho, mas o objeto e o modo do trabalho são diferentes.

Os rituais franceses nos deram a tônica à explicação do que é o trabalho maçônico quando eles dizem que os “maçons ergueram templos para a virtude e masmorras para o vício”.

Os maçons modernos, como os maçons de antigamente, são engajados na construção de um templo mas com esta diferença: o templo dos antigos era material; e o dos atuais, espiritual. Quando a arte operativa era a característica predominante da Ordem, os maçons se engajavam na construção de templos materiais e terrenos. Mas quando a arte operativa cessava, e a ciência especulativa tomava seu lugar, então os maçons simbolizavam os trabalhos de seus predecessores ao engajar-se na construção de um templo espiritual em seus corações, que era para ser tão puro que pudesse se tornar a morada *Daquele* que é toda pureza. Era para ser “uma casa não construída com as mãos”, onde a pedra talhada fosse um coração purificado.

Este simbolismo, que representa o homem como um templo, uma casa, uma construção sagrada na qual Deus deve residir, não é novo, nem peculiar à ciência maçônica. Ele era conhecido do sistema judeu, e ainda é reconhecido pelo cristão. Os talmuldistas tinham um ditado que dizia que a repetição três vezes das palavras “Templo de Jeová”, no capítulo sete e verso quarto do livro de Jeremias, foi entendido como uma alusão à existência de três templos; então em um desses tratados é dito: “Dois templos foram destruídos, mas o terceiro perdurará para sempre”, no qual está manifestado a que eles se referem no templo da alma imortal no homem.

Por uma alusão semelhante, que os judeus de forma deliberada escolhem entender equivocadamente, Cristo declarou: “Destruam este templo, e em três dias eu o reconstruirei.” E o amado discípulo, que registra essa conversa, não nos permitiu duvidar do significado do Salvador.

“Então disseram os judeus: este templo foi construído em 46 anos, e vós o reconstruirás em três dias?

“Mas ele falou do templo do seu corpo.”⁴

Em mais de um lugar o apóstolo Paulo cuidadosamente insistiu nesta metáfora. Então conta aos coríntios que eles são a “construção de Deus”, e

se autodenomina o “sábio mestre construtor”, aquele que deveria estabelecer a fundação em sua verdadeira doutrina, sobre a qual eles deveriam erguer o edifício.⁵ E diz a eles imediatamente depois: “Ainda não sabeis que sois o templo de Deus, e que o espírito de Deus reside em vós?”

Em consequência dos ensinamentos dos apóstolos, a idéia de que o corpo era um templo se impregnou, dos tempos mais remotos até os dias de hoje, no sistema cristão ou no simbolismo teológico. Na verdade, algumas vezes ele foi levado a um excesso quase fantástico. Então Samuel Lee, nesta curiosa e rara obra antiga, “O Templo de Salomão, retratado pela Luz das Escrituras”, explica este simbolismo do templo:

“A *fundação* deste templo pode ser baseada na humildade e no arrependimento do espírito, cujo habitante da eternidade deleitou-se em morar; nós podemos nos referir ao *pórtico* pronunciado por um santo, onde em cada santo Jacob ergue as *colunas* do louvor de Deus, evocando e abençoando seu nome pelas graças recebidas; quando as canções de libertação são pronunciadas nas *portas* de seus lábios. O *local sagrado* é trazido à mente, e as *janelas* podem denotar a iluminação divida das alturas, prevenindo um santo de que eles seriam escurecidos com a fumaça da raiva, com a névoa do sofrimento, com a poeira da glória-vã, ou com a lama imunda dos cuidados mundanos. Os *candelabros dourados*, os hábitos introduzidos pelo conhecimento divino permitido dentro da alma. O pão-sagrado, a palavra de graça exibida nas premissas para a preservação da vida e da glória de um cristão. O *altar de ouro* de odores, aspirações, sofrimentos e rumores conforme Deus, pronto para apresentar-se em Abba, Pai. As *veiles*, a justiça de Deus. O *santo dos santos* pode revelar a consciência purificada das obras mortas e induzir à uma moldura celestial.”⁶ Então ele prossegue, simbolizando cada parte e ferramentas do templo como se aludisse a alguma emoção ou afeição do homem, mas em linguagem muito tediosa pela citação.

Em uma disposição semelhante o célebre John Bunyan, autor de *Progresso do Peregrino*, prosseguiu em seu *Templo de Salomão Espiritualizado* para se referir em todas as partes da construção de um significado e seleção simbólicos, à igreja, ou congregação de homens bons; em vez do homem individual, como o objeto do simbolismo.

Na Idade Média os filósofos herméticos parecem ter dado a mesma interpretação ao templo, e Swedenborg, em seus escritos místicos, adota a idéia.

Hitchcock, que escreveu uma obra admirável sobre Swedenborg, considerava-o um filósofo hermético. Então, alude ao seu assunto, à sua linguagem, como sendo de um sábio e perspicaz investigador, vale a pena citar:

“Para, talvez, a maioria dos leitores, o tabernáculo de Moisés e o Templo de Salomão tenham sido meras construções; muito magnificente sem dúvida, mas ainda meras construções para a adoração de Deus. Alguns são tocados por muitas partes do relato da sua construção, admitindo uma interpretação moral; enquanto os prédios eram permitidos permanecer (ou ter permanecido) objetos visíveis, esses intérpretes têm prazer em encontrar indicadores de que Moisés e Salomão, ao construir os templos, eram sábios no conhecimento de Deus e do homem; de cujo ponto não é difícil passar também sobre o significado moral, e afirmar que o prédio que foi construído sem ‘o barulho de um martelo ou machado, ou qualquer ferramenta de ferro’, foi também uma construção moral – uma construção de Deus, não feita com as mãos. Resumindo, muitos vêem na história do templo de Salomão uma representação simbólica do Homem como o templo de Deus, com seu santo dos santos residindo profundamente no centro do coração humano.”⁷

Os maçons franceses não foram desatentos com este simbolismo. A citação já mencionada de que os “maçons ergueram templos para a virtude e masmorras para o vício” refere-se muito claramente ao seu simbolismo, o que seus mais distintos escritores nunca perderam de vista.

Então Ragon, um dos mais versados historiadores franceses em Maçonaria, em sua leitura ao Aprendiz, diz que os fundadores da nossa Ordem “chamaram a si mesmos maçons, e proclamaram que estavam construindo um templo à verdade e à virtude”.⁸ A seguir ele se dirigiu ao candidato que havia recebido o grau de Mestre com as seguintes palavras:

“Aproveite tudo que tem sido revelado à você. Aprimore seu coração e sua mente. Direcione suas paixões para o bem geral; combata seus preconceitos; observe seus pensamentos e suas ações; ame, instrua e ajude o seu irmão; e você terá aperfeiçoado o templo do qual você é o arquiteto, o material e o construtor.”⁹

Rebold, outro historiador francês de grande erudição, disse: “Se a Maçonaria parou de construir templos, e com a ajuda de seus *designs* arquitetônicos eleva todos os corações à Divindade, e todos os olhos e esperanças aos céus, ela não desistiu de sua obra de construção moral e intelectual”; ele acha que o sucesso da instituição justificou esta mudança de propósito e a separação dos caracteres especulativo e operativo da Ordem.¹⁰

Eliphas Levi, que escreveu de forma obscura e mística sobre a Maçonaria e suas ciências colaterais, vê muito claramente um desígnio alegórico e um real na instituição, o primeiro sendo a reconstrução do Templo de Salomão, e o último o aprimoramento da raça humana por uma reconstrução de seus elementos sociais e religiosos.¹¹

Os maçons da Alemanha elaboraram esta idéia com toda a exaustividade que é peculiar à mente alemã, onde a literatura maçônica abunda em ensaios, palestras e tratados, nos quais o tópico proeminente é a construção do Templo de Salomão, referindo-se à construção de um templo moral.

Então o Ir. Rhode, de Berlim, escreve:

“Assim que qualquer um tiver recebido a consagração de nossa Ordem, nós dizemos a ele que estamos construindo um templo místico”; e ele acrescenta que “este templo que nós maçons estamos construindo é aquele que conduzirá à maior felicidade possível da humanidade”.¹²

Outro irmão alemão, Von Wedekind, declara que “nós apenas trabalhamos em nosso templo quando fazemos do homem o nosso objeto predominante, quando unimos a bondade do coração com as maneiras polidas, verdade com beleza, virtude com graça”.¹³

Novamente Reinhold nos diz que, na verdadeira expansividade teutônica da expressão, “pelo templo místico de Salomão nós entenderemos o grande ideal ou arquétipo da humanidade na melhor condição possível de aprimoramento social, em que cada inclinação má é superada, cada paixão é resolvida no espírito do amor, e onde cada uma por todas, e todas por uma, de bom grado se esforçam para funcionar”.¹⁴

Os maçons alemães chamam esse esforço de um resultado quase milenar do *trabalho no templo*.

Os maçons ingleses, embora não tenham investigado o simbolismo da Ordem de uma forma difícil de compreender, o que era distinto da Alemanha e da França, ainda não tinham sido insensíveis a idéia de que a construção do templo de Salomão pretendia indicar o cultivo do caráter humano. Então Hutchinson, um dos primeiros escritores simbólicos da Inglaterra, mostra um conceito do significado místico do templo bastante competente para a época que viveu; e os escritores posteriores aprimoram suas idéias iniciais. Deve-se, no entanto, reconhecer que nem Hutchinson nem Oliver, nem qualquer outro escritor maçônico ilustre da Inglaterra, insistiram no simbolismo peculiar de um templo moral com aquela apreciação honesta da idéia que deve ser encontrada nas obras dos maçons

franceses e alemães. Embora as alusões sejam bastante casuais e incidentais, a teoria simbólica é evidentemente reconhecida.¹⁵

Meu próprio país produziu muitos estudantes de simbolismo maçônico que captaram profundamente este nobre pensamento e trataram-no com eloquência e erudição.

Cinquenta anos atrás Salem Towne escreveu: “A Maçonaria Especulativa, de acordo com esta acepção, possui uma última referência à construção espiritual feita pela virtude no coração, e resumidamente implica o arranjo e a perfeição dos princípios sagrados e sublimes pelos quais a alma está ajustada a se encaixar no templo de Deus, em um mundo de imortalidade.”¹⁶

Charles Scott dedicou um de seus artigos na “Analogia da Antiga Maçonaria à Religião Natural e Revelada” a uma consideração completa deste assunto. O trecho é muito longo para citar, mas o símbolo foi bem interpretado por ele.¹⁷

Mais recentemente¹⁸, o Dr. John A. Loclor tratou o tópico em um ensaio, que eu lamento não ter tido uma circulação maior. Uma única e breve passagem pode demonstrar o espírito da produção e como isso sustenta completamente a idéia do simbolismo.

“Nós podemos camuflar o caráter, como faremos,” diz o Ir. Lodor, “nós podemos nos esquivar da sua análise detalhada; mas nosso caráter, da forma como é, com suas falhas e deformidades, sua fraqueza e enfermidade, seus vícios e manchas, junto com seus traços redentores e suas melhores partes, é o nosso templo especulativo.” Ele continua a expandir a idéia simbólica: “Como o templo exemplar sobre o Monte Moriá, deveria ser preservado como um santuário sagrado e guardar com o mesmo vigilante cuidado. Esta deve ser a jóia preciosa a defender com muralhas e proteções, ao mesmo tempo em que o impuro, o vicioso, o culpado e o profano sejam banidos do templo judaico, até mesmo de suas cortes externas. Um fiel guarda deve ser colocado em cada portão, um sentinela em cada muralha, e à menor aproximação de um auxiliar de pedreiro ou curioso ele será imediatamente recebido e contido.”

Ensinaamentos como o de Carlyle são tão comuns que todos os maçons americanos que estudaram o simbolismo de sua Ordem acreditam: “há apenas um templo no mundo, e que é o corpo do homem”.

Esta investigação ao significado e ao objeto de trabalho, como um símbolo maçônico, nos trazem as seguintes conclusões:

1. Nossos antigos irmãos trabalharam tanto quanto a arte operativa predominante na instituição nos templos materiais, dos quais o mais proeminente foi o templo do Rei Salomão.
2. Quando a ciência especulativa tomou o lugar da arte operativa, os maçons modernos que trabalhavam em templos materiais ainda mantinham o pensamento sagrado e a idéia reverencial de um templo sagrado – uma casa do Senhor a ser construída –, e começaram a trabalhar em templos vivos e a fazer do homem a verdadeira casa do Senhor, o tabernáculo para a morada do Espírito Santo.
3. Para todos os maçons que compreendem a sua arte corretamente, a construção de um templo vivo é o seu trabalho.

“Trabalho”, diz Gadicke, o lexicógrafo alemão maçônico, “é uma palavra importante na Maçonaria; na verdade, nós podemos considerá-la a mais importante. Pois isso, e somente isso, faz com que um homem se torne um maçom. Todos os outros objetos são secundários ou incidentais. O trabalho é o desígnio habitual de toda reunião de Loja. Mas este significado nem sempre fornece evidência de aplicação? O trabalho de um maçom operativo é visível, e ele recebe a sua recompensa por isso, mesmo que a construção feita possa, na próxima hora, ser derrubada por uma tempestade. Ele sabe que fez seu trabalho. E assim deve ser o trabalho do maçom. Seu trabalho deve ser visível a ele mesmo e aos seus irmãos, ou, ao menos, deve conduzir à sua própria satisfação interna. Como nós não construímos um templo de Salomão visível nem uma pirâmide egípcia, nossa dedicação deve se tornar visível nos trabalhos que são eternos, de forma que quando desaparecemos aos olhos dos mortais, pode-se dizer que o nosso trabalho foi bem feito.”

Lembrando do que o apóstolo disse, nós somos o templo de Deus, e o Espírito de Deus reside em nós, sabemos que o nosso trabalho é construir o templo que irá se tornar digno de seu Morador divino.

Por fim, nós podemos compreender aquele velho ditado dos monges: “trabalho é adoração”; e como maçons nós trabalhamos na Loja, trabalhamos para nos tornar uma construção perfeita, sem manchas, com a esperança de perfeição, quando a casa de nosso tabernáculo terreno for terminada, quando a *Palavra Perdida* da verdade divina for finalmente descoberta, e quando nós nos encontrarmos na perfeição de ter feito o

serviço de Deus graças aos nossos próprios esforços. Pois tão verdadeiro é o significado daquelas nobres palavras – *Trabalho é Adoração*.

“Comerás o teu pão com o suor de vossa face”. *Gen.* III. 19. Bush interpreta o decreto como “algumas cansativas espécies de ocupação são o destino de todos os homens”.

Aristóteles diz: “Aquele que não pode se associar a outros, ou que, por causa da sua própria auto-suficiência (αὐτάρχειαν), não necessita disso, não faz parte da comunidade, mas é também um animal selvagem ou um deus.”

“*Der Arbeiter,*” diz Lenning, “*ist der symbolische Name eines Freimaurers.*” – Operário é o nome simbólico de um Maçom. – *Encyclop. der Fraumererei.*

João III. 19-21.

I Corínt, III. 9.

Orbis Miraculum, ou o *Templo de Salomão*, retratado à Luz da Escritura, cap. IX. p. 192. Londres, 1659.

Swedenborg, um Filósofo Hermético etc. p. 210. O objetivo do autor é mostrar que o sábio suíço era um adepto, e que seus escritos podem ser interpretados do ponto de vista da filosofia hermética.

Cours Philosophique et Interprétatif des Initiations Anciennes et Modernes, p. 99.

Ibid., p. 176.

Histoire Générale de la Franc-maçonnerie, p. 52.

Histoire de la Magie, liv. V. cap. VII. p. 100.

“*Vorlesung über das Symbol des Tempels*”, *Jarbüchern der Gross. Loja Roy. York zur Freundschaft*, citado por Lenning, Encic., voc. *Tempel*.

Em um *Ensaio sobre a Idéia Maçônica do Destino do Homem*, citados por Lenning, *ut supra*, de Altenburg *Zeitschrift der Freimaurerei*.

Citado por Lenning, *ut sup*.

Dr. Oliver, ao tratar da relação do templo com a Loja, alude brevemente a este importante símbolo: “Como nossos antigos irmãos ergueram um templo material, sem o uso de machado, martelo ou ferramenta de metal, este é o nosso templo moral construído.” – *Landmarks Históricas*, leit. XXXI.

Sistema de Maçonaria Especulativa, cap. VI. p. 63.

Sobre o Templo Especulativo – um ensaio lido em 1861 diante da Grande Loja do Alabama.

Ver nota 1 do **Capítulo 28**. (Nota do editor)

XXX

A Pedra de Fundação¹

A Pedra de Fundação constitui um dos símbolos mais importantes e complexos de todos os símbolos da Maçonaria. Ela é citada em várias lendas e tradições, não apenas dos maçons, mas também dos rabinos judeus, dos escritores talmúdicos, e até mesmo dos doutores muçulmanos. Muitas delas, deve-se confessar, são aparentemente pueris e absurdas; mas algumas delas, especialmente as maçônicas, possuem um significado alegórico muito interessante.

A Pedra de Fundação é um símbolo dos graus superiores. Ele faz sua primeira aparição no Arco Real, e constitui, na verdade, o símbolo mais importante daquele grau. Ela está intimamente relacionada, em sua história lendária, à construção do Templo de Salomão, e deve ser considerada parte da Antiga Maçonaria, embora restrinja o âmbito de suas investigações aos primeiros três graus, não conseguirá, dentro daquele limite estreito, apreciar adequadamente o simbolismo da Pedra de Fundação.

Como preliminar a esta investigação que está para ser instituída, é necessário distinguir a Pedra de Fundação, tanto em seu simbolismo como em sua história lendária, de outras pedras que desempenham um papel importante no ritual maçônico, mas que são inteiramente distintas dela. Como a *pedra angular*, que sempre foi colocada no extremo nordeste da construção sobre a qual seria erguida, e a qual tão bela referência é feita nas cerimônias do primeiro grau; ou a *pedra fundamental*, que constitui uma parte interessante do grau de Mestre de Marca; ou, por fim, a *cumeeira*, sobre a qual todo o ritual do Mais Excelente grau de Mestre se encontra. Elas são todas, em seus locais adequados, símbolos altamente interessantes e instrutivos, mas não tem qualquer ligação com a Pedra de Fundação, ou seu simbolismo. Embora se diga que a Pedra de Fundação, por razões peculiares, tinha uma forma cúbica, ela não deve ser confundida com a pedra chamada pelos maçons continentais de *pedra cúbica* – a *pierre*

cubique dos franceses, a *cubik Stein* dos alemães, mas que no sistema inglês é conhecida como o *ashlar perfeito*.

A Pedra de Fundação tem uma história lendária e um significado simbólico que lhe são peculiares, e que diferem da história e do significado pertence às outras pedras.

Permita-nos definir a Pedra de Fundação maçônica, então edificar as lendas que se referem a ela, e depois investigar o seu significado como símbolo. Ao maçom que tem prazer em um estudo dos mistérios de sua instituição, a investigação não pode ser interessante, se for conduzida sem habilidade.

Bem no princípio, como uma preliminar necessária a qualquer investigação deste tipo, deve ser bem entendido que tudo o que é dito da Pedra de Fundação na Maçonaria deve ser estritamente considerado em um sentido mítico ou alegórico. Dr. Oliver, o mais sábio dos escritores maçônicos, mesmo sabendo que se tratava apenas de um símbolo, escreveu livremente sobre isso, como se fosse uma realidade substancial; dessa forma, se as passagens em *Landmarks Históricas*, e em suas outras obras que mencionaram a celebrada pedra, forem entendidas pelos leitores com um sentido literal, elas apresentarão os absurdos e puerilidades que não devem ocorrer se a Pedra de Fundação for recebida, como ela realmente é, como um mito filosófico, transmitindo um simbolismo mais belo e profundo. Leia com este espírito, como todas as lendas da Maçonaria devem ser lidas, a história mítica da Pedra de Fundação que se torna uma das mais importantes e interessantes de todos os símbolos maçônicos.

A teoria que a estabelece supõe que, certa vez, a Pedra de Fundação foi colocada dentro dos alicerces do Templo de Salomão e, depois disso, durante a construção do segundo Templo, transportada ao *Santo dos Santos*. A pedra tinha o formato de um cubo perfeito e estava inscrito sobre a sua face superior, com um delta ou um triângulo, o tetragramaton sagrado, ou o Nome Inefável de Deus. Oliver, falando com a solenidade de um historiador, diz que Salomão acreditou ter tornado sua casa digna de Deus, assim como um adorno humano poderia fazer pela morada de Deus, “quando depositou a celebrada Pedra de Fundação, sobre a qual o nome sagrado foi misticamente gravado, com cerimônias solenes, nos depositários sagrados sobre o Monte Moriá, junto com as fundações de Dan e Asher, o centro do Mais Sagrado Local, onde a arca foi ofuscada pela shekinah de Deus”.² Os talmudistas hebreus, que pensaram tanto sobre esta

pedra, e que têm tantas lendas sobre ela quanto os talmudistas maçônicos, chamou-a de *eben shatijah*³ ou “Pedra de Fundação”, porque, como eles disseram, ela foi depositada por Jeová como a fundação do mundo; e dessa forma o livro apócrifo de Enoque fala da “pedra que sustenta os extremos da terra”.

A idéia de pedra fundamental do mundo foi mais provavelmente derivada da esplêndida passagem do Livro de Jó, na qual o Todo Poderoso exige do patriarca aflito:

*“Onde estavas tu, quando eu depusitei a fundação da terra?
Declarai, pois vós tendes este conhecimento!*

*Quem fixou essas dimensões, que vós conheceis?
Ou quem as delimitou?*

*Sobre quais fundações ela foi fixada?
E quem depositou sua pedra angular,
Quando as estrelas da manhã despontaram juntas,
E todos os filhos de Deus gritaram de alegria?”*⁴

Noyes, cuja bela tradução eu adotei não diferindo substancialmente da versão comum, mas que é mais poética e mais tendenciosa que o original, explica as alusões da pedra de fundação: “Era costume celebrar a colocação da pedra angular de uma construção importante com música, canções, gritaria etc. Assim as estrelas da manhã são representadas celebrando a colocação da pedra angular da Terra.”⁵

Sobre esta rara declaração se acumularam mais tradições que pertencem a outros símbolos maçônicos. Os rabinos, como já havia sido declarado, dividem a glória dessas histórias apócrifas com os maçons; na verdade, há boa razão para uma suspeita de que quase todas as lendas maçônicas devem sua existência ao gênio imaginativo dos escritores do Talmude judaico. Contudo há esta diferença entre as tradições hebraicas e maçônicas de que o acadêmico talmúdico recitou-as como histórias verdadeiras, e aceitou em um ato de fé todas as suas impossibilidades e anacronismos, enquanto o estudante maçônico as recebeu como alegorias, cujo valor não está nos fatos, mas nos sentimentos transmitidos.

A partir do entendimento de seu significado, prosseguiremos com uma comparação dessas lendas.

No “*Toldoth Jeshu*” ou “Vida de Jesus”, obra blasfemadora escrita no século XII ou XIV supõe-se que haja o seguinte relato desta pedra maravilhosa:

“No momento em que [na época de Jesus] havia na Casa do Santuário [ou seja, o templo] uma Pedra de Fundação, que é a verdadeira pedra ungida com óleo por nosso Pai Jacó, como foi descrito no capítulo XXVIII do livro do Gênesis. Sobre aquela pedra as letras do tetragramaton foram inscritas, e qualquer um dos israelenses que aprendesse o nome seria capaz de dominar o mundo. Para impedir, portanto, qualquer um de aprender essas letras, dois cães de ferro foram colocados sobre as duas colunas em frente ao Santuário. Se qualquer pessoa, tendo adquirido o conhecimento dessas letras, desejasse partir do Santuário, o latido dos cães, pelo poder mágico, inspiraria tanto medo, que a pessoa repentinamente esqueceria o que havia aprendido.”

Esta passagem é citada por Buxtorf, em seu *Lexicon Talmudicum*;⁶ mas na cópia do *Toldoth Jeshu* que eu tive a sorte de possuir (pois está entre os mais raros livros), eu achei outra passagem que dá mais detalhes:

“Naquela época havia no templo o nome inefável de Deus, inscrito sobre a Pedra de Fundação. Pois quando o Rei Davi foi escavar a fundação do templo, ele encontrou nas profundezas das escavações uma determinada pedra, sobre a qual o nome de Deus foi inscrito. Ele a removeu e depositou no Santo dos Santos.”⁷

A mesma história pueril dos cães ladrantes é repetida, ainda mais demoradamente. A declaração seguinte não é pertinente a esta investigação, mas por fins de curiosidade, pode-se dizer que o livro escandaloso, que é por toda parte uma difamação blasfemadora de nosso Salvador, afirma que ele obteve com perspicácia um conhecimento do tetragramaton a partir da Pedra de Fundação, e por essa influência mística foi capaz de realizar os milagres.

As lendas maçônicas da Pedra de Fundação, baseadas nesses e em outros pensamentos rabínicos, são do mais extraordinário caráter se consideradas como histórias, mas prontamente reconciliáveis com um sentido seguro se olhadas apenas à luz de alegorias. Elas apresentam uma sucessão ininterrupta de eventos, na qual a Pedra de Fundação é responsável por uma parte proeminente, de Adão a Salomão, e de Salomão a Zerubabel.

Então a primeira dessas lendas, em ordem cronológica, relata que a Pedra de Fundação foi possuída por Adão enquanto no Jardim do Éden; e que ele a usou como um altar e a reverenciou e, ao ser expulso do Paraíso, ele a

carregou consigo para o mundo no qual ele e seus descendentes fossem posteriormente ganhar o pão com seu próprio suor.

Outra lenda informa-nos que de Adão a Pedra de Fundação descendeu a Set. De Set ela passou por sucessão regular até Noé, que a levou consigo na arca, e depois da subsistência ao dilúvio, fez dela a primeira oferenda de graças. Noé deixou-a sobre o Monte Ararat, onde ela foi encontrada por Abraão, que a removeu e usou-a como um altar de sacrifício. Seu neto Jacó levou-a consigo quando fugiu para a casa de seu tio Labão na Mesopotâmia, e usou-a como um travesseiro quando, próximo à Luz, ele teve sua célebre visão.

Aqui há uma repentina interrupção na história lendária da pedra, e não temos meios de conjecturar como isso passou da posse de Jacó à de Salomão. Acredita-se que Moisés, isso é verdade, teria levado-a consigo para fora do Egito por ocasião do êxodo, e pode ter sido assim que ela finalmente chegou a Jerusalém. Dr. Adam Clarke⁸ repete o que ele adequadamente chama de “tradição tola”, a pedra sobre a qual Jacó descansou sua cabeça havia depois sido trazida para Jerusalém, e após um grande espaço de tempo foi levada à Espanha, de lá para a Irlanda, aí para a Escócia, onde ela foi usada como um assento sobre o qual os reis se sentavam para ser coroados. Edward I, nós sabemos, trouxe uma pedra, a qual essa lenda está ligada, da Escócia à Abadia de Westminster, onde, sob o nome de Travesseiro de Jacó, ela ainda permanece, sendo sempre colocada sobre a cadeira em que os soberanos britânicos sentam para ser coroados, porque há um velho dístico que declara que, enquanto essa pedra seja encontrada, os reis escoceses reinarão.⁹

Mas essa tradição escocesa afastaria a Pedra de Fundação de todas as suas ligações maçônicas, sendo rejeitada como uma lenda maçônica.

As lendas recém relatadas são, em muitos aspectos, contraditórias e insatisfatórias, e outras séries, iguais às antigas, são agora muito geralmente adotadas pelos estudiosos maçônicos por serem mais bem adaptadas ao simbolismo que explica essas lendas.

A série de lendas começa com o patriarca Enoque, que se diz ter sido o primeiro consagrador da Pedra de Fundação. A lenda de Enoque é tão interessante e importante na ciência maçônica para justificar algo mais que uma breve referência aos incidentes que ela detalha.

A lenda toda é a seguinte: Enoque, sob a inspiração do Altíssimo, e em obediência às instruções que ele havia recebido em uma visão, construiu um

templo sob o solo do Monte Moriá, e dedicou-o a Deus. Seu filho, Matusalém, construiu o prédio, embora não fosse familiarizado com os motivos de seu pai para a construção. O templo consistia de nove abóbadas, situadas perpendicularmente uma abaixo da outra, e comunicadas pelas aberturas deixadas em cada uma delas.

Enoque então ordenou a construção de uma tábua triangular de ouro, com cada lado na forma de um longo cúbito; ele enriqueceu-a com as mais preciosas pedras, e incrustou a tábua sobre uma pedra de ágata do mesmo formato. Sobre a tábua ele entalhou o verdadeiro nome de Deus, ou o tetragramaton, e colocou-o sobre uma pedra cúbica, conhecida posteriormente como a Pedra de Fundação, depositando-a dentro do arco menor.

Quando esta construção subterrânea foi completada, ele fez uma porta de pedra e prendeu-a com um anel de ferro, por meio do qual ela poderia ser erguida. Ele colocou sobre ela a abertura do arco superior, e depois a cobriu para que a abertura não fosse descoberta. O próprio Enoque não podia adentrá-la mais de uma vez ao ano, e depois dele, o mesmo aconteceu com Matusalém e Lameque, e até a destruição do mundo pelo dilúvio, todo conhecimento da catacumba ou do templo subterrâneo, e da Pedra de Fundação, com o nome sagrado e inefável inscrito sobre ela, ficou perdida durante eras no mundo.

Na construção do primeiro templo de Jerusalém, a Pedra de Fundação novamente surgiu. Referência já foi feita à tradição judaica de Davi que, ao escavar as fundações do templo, encontrou uma determinada pedra, sobre a qual o nome inefável de Deus estava inscrito, e cuja pedra ele disse ter sido removida e depositada no Santo dos Santos. Lá, o Rei Davi deixou as fundações do templo sobre o qual a superestrutura foi subsequente erguida por Salomão, é a teoria favorita dos comerciantes de lendas do Talmude.

A tradição maçônica é substancialmente a mesma que a dos judeus, mas ela substitui Salomão por Davi, dando um grande ar de probabilidade à narrativa ao fazer isso; ela supõe que a pedra então descoberta por Salomão era idêntica àquela que havia sido depositada em sua catacumba secreta por Enoque. A Pedra de Fundação, declara a tradição, foi posteriormente removida pelo Rei Salomão e depositada em um local secreto e seguro.

A tradição maçônica novamente concorda com a judaica, pois nós encontramos no terceiro capítulo do “Tratado sobre o Templo”, escrito pelo

celebrado Maimônides, a seguinte narrativa:

“Havia uma pedra no Santo dos Santos, do seu lado oeste, sobre a qual foi colocada a arca da aliança, e diante disso o pote de maná e o cajado de Aarão. Mas quando Salomão construiu o templo e previu que seria, em algum tempo futuro, destruído, ele construiu uma profunda e arejada catacumba sob o solo, com o propósito de esconder a arca, onde Josias posteriormente, como podemos ler no Segundo Livro de Crônicas, XXXV, 3, depositou-a junto com o pote de maná, o cajado de Aarão, e o óleo de unção.”

O livro talmúdico *Yoma* cita a mesma tradição e diz que “a arca da aliança foi colocada no centro do Santo dos Santos, sobre uma pedra levantando três dedos de largura acima do chão a ser, como era, um pedestal para ela”. “Esta pedra”, diz Prideaux,¹⁰ “os rabinos chamam de Pedra de Fundação, e nos dão uma grande quantidade de besteira a respeito disso.”

Há muita controvérsia sobre a questão da existência de qualquer arca no segundo templo. Alguns dos escritores judaicos afirmam que uma nova foi feita; outros que a antiga foi encontrada onde Salomão a escondeu; e outros novamente afirmam que não havia arca nenhuma no templo de Zerubabel, mas que o lugar fora ocupado com a Pedra de Fundação sobre a qual ele originalmente descansou.

Os maçons do Arco Real sabem bem como todas essas tradições tentam se conciliar com a lenda maçônica, na qual a arca substituta e a Pedra de Fundação desempenham um papel importante.

No XXIº grau do Rito Antigo e Aceito, a Pedra de Fundação é evidente como o local de descanso do delta sagrado.

Na Arca Real e nos graus dos Mestres Seleccionados do americanizado Rito de York, a Pedra de Fundação constitui a parte mais importante do ritual. Em ambos ela é o receptáculo da arca, sobre a qual o nome inefável está inscrito.

Lee, em seu *Templo de Salomão*, dedicou um capítulo à Pedra de Fundação, recapitulando as tradições talmúdicas e rabínicas sobre o assunto:

“Vãos e fúteis são os sonhos exaltados dos antigos rabinos concernente à Pedra de Fundação do templo. Alguns declaram que Deus colocou esta pedra no centro do mundo, para uma base futura e consiste ser estabelecida na terra. Outros consideraram esta pedra como a primeira matéria, da qual todos os belos seres visíveis do mundo se originaram e vieram à luz. Outros relatam que esta foi a mesma pedra usada como travesseiro por Jacó, na noite em que ele teve uma visão angelical de Betel, e depois a ungiu e consagrou-a a Deus. Quando Salomão a encontrou (certamente por meio de revelação forjada, ou alguma de busca tediosa, como o Rabbi Selemoh), ele não se atreveu apenas a deixá-la segura,

como a principal Pedra de Fundação do Templo. Ao contrário, eles dizem também, ter ordenado que fosse gravado sobre ela o tetragramaton, ou o Nome Inefável de Jeová.”¹¹

Será visto que as tradições maçônicas sobre o assunto da Pedra de Fundação não difere muito materialmente das rabínicas, embora elas dêem poucas circunstâncias adicionais.

Na lenda maçônica, a Pedra de Fundação faz a sua primeira aparição, como eu já disse, no tempo de Enoque, que a colocou nas entranhas do Monte Moriá. Lá subsequenteemente ela foi descoberta pelo Rei Salomão, que a depositou em uma cripta do primeiro templo, onde permaneceu escondida até que as fundações do segundo templo fossem depositadas, quando ela foi descoberta e removida para o Santo dos Santos. Mas o ponto mais importante da lenda da Pedra de Fundação está em sua ligação íntima e constante com o tetragramaton, ou o nome inefável. É este nome, inscrito sobre ela, dentro do delta sagrado e simbólico, que dá à pedra todo o seu valor e significado maçônico. Todo seu simbolismo depende desse fato.

Olhando para as tradições em qualquer uma dessas narrativas históricas, nós somos compelidos a considerá-las e usá-las sob as palavras de Lee, “mas tantos conceitos tão inúteis e absurdos”. Nós devemos ir além da lenda, vendo-a apenas como uma alegoria, e estudar seu simbolismo.

O simbolismo da Pedra de Fundação da Maçonaria é o próximo tema de investigação.

Ao abordar isso, o mais obscuro, e um dos mais importantes símbolos da Ordem, nós ficamos imediatamente impressionados com sua aparente ligação com a antiga doutrina de adoração à pedra. Algumas breves considerações do tipo dessa cultura religiosa são necessárias para um entendimento apropriado do real simbolismo da Pedra de Fundação.

A adoração das pedras é um tipo de fetichismo que prevaleceu no início da religião, talvez mais abrangentemente do que qualquer outra forma de cultura religiosa. Lord Kames explica o fato supondo que as pedras erguidas como monumentos para os mortos se tornaram o local onde posteriormente se prestava veneração à memória deles e, finalmente o povo, perdendo de vista a significação emblemática, não entendia prontamente essas pedras monumentais que se tornaram objetos de adoração.

Outros tentaram encontrar a origem da adoração à pedra a uma similar que foi colocada e ungida por Jacó em Betel, e cuja tradição se estendeu às nações pagãs e se tornou corrompida. É certo que os fenícios adoravam

pedras sagradas sob o nome de *Baetylia*, cuja palavra é evidentemente derivada da hebraica *Betel*; e isso sem dúvida concede uma aparência plausível a essa teoria.

Mas uma terceira teoria supõe que a adoração às pedras derivou da falta de habilidade dos escultores primitivos, que, incapazes de dar forma, em consequência de seu pouco conhecimento de artes plásticas, a uma verdadeira imagem de Deus que eles adoravam, contentavam-se em substituí-la por uma pedra rude ou pouco lapidada. Então os gregos, segundo Pausânias, originalmente usaram pedras brutas para representar as suas divindades, 30 das quais o historiador diz ter visto na cidade de Pharas. Essas pedras tinham a forma cúbica e por um grande número delas ser dedicado ao deus Hermes, ou Mercúrio, receberam o nome genérico de *Hermaa*. Subseqüentemente, com o aprimoramento das artes plásticas, a cabeça foi acrescentada.¹²

Algumas dessas pedras consagradas foram colocadas diante das portas de quase todas as casas em Atenas. Eles também as colocaram em frente aos templos, no ginásio das escolas, nas bibliotecas, nas esquinas das ruas e dos cruzamentos das estradas. Quando dedicado ao deus Término elas eram usadas como *landmarks*, e colocadas como se estivessem sobre as linhas limítrofes das propriedades vizinhas.

Os tebanos adoravam Baco sob a forma de uma pedra bruta e quadrada.

Arnóbio¹³ diz que Cibele foi representada pela pequena pedra de cor negra. Eusébio cita Porfírio dizendo que os antigos representavam a divindade por uma pedra preta, porque sua natureza é obscura e incrustável. O leitor aqui será lembrado da pedra preta *Hadsjar el Aswad*, colocada no canto sudoeste da *kaaba* em Meca, que foi adorada pelos antigos árabes, e ainda é tratada com veneração religiosa pelos muçulmanos modernos. Os sacerdotes muçulmanos, no entanto, dizem que ela era originalmente branca e que tal esplendor surpreendente poderia ser visto a uma distância de quarto dias de caminhada, mas ela havia escurecido por causa das lágrimas dos peregrinos.

Os druidas, isso é bem conhecido, não tinham outra imagem de seus deuses além de pedras cúbicas, às vezes na forma de colunas, das quais Toland dá vários exemplos.

Os caldeus possuíam uma pedra sagrada, a qual eles tinham grande veneração, sob o nome de *Mnizuris*, e que sacrificaram com o propósito de evocar o *daimon* bom.

A adoração à pedra existiu entre as primeiras raças americanas. Squier cita Skinner afirmando que os peruanos costumavam depositar pedras brutas em seus campos e plantações, que eram adoradas como protetores de suas colheitas. Gam diz que no México o deus presidente da primavera geralmente era representado sem um corpo humano, e no lugar dele uma pilastra ou uma coluna quadrada, cujo pedestal estava coberto com várias esculturas.

Na verdade, tão universal foi a adoração da pedra, que Higgins, em seu *“Druidas Celtas”*, diz que “por todo mundo o primeiro objeto de idolatria parece ter sido uma pedra plana, bruta, colocada no solo como um emblema dos poderes geradores e procriadores da natureza”. Bryant, em seu *“Análise da Mitologia Antiga”*, declara que “há em todos os templos oraculares alguma lenda sobre a pedra”.

Sem demais citações de exemplos dos usos religiosos de outros países, admite-se que a pedra cúbica é uma parte importante da adoração religiosa das nações primitivas. Mas Cudworth, Bryant, Faber e todos os outros distintos escritores que trataram do assunto, desde então estabeleceram a teoria de que as religiões pagãs eram eminentemente simbólicas. Então, para o uso da linguagem de Dudley, a coluna ou a pedra “foram adotados como símbolo de força e firmeza – um símbolo, também, de poder divino, e, por uma inferência imediata, um símbolo ou ídolo da própria Divindade”.¹⁴ Este simbolismo é confirmado por Cornuto, que diz que o deus Hermes foi representado sem mãos ou pés, como uma pedra cúbica, porque a figura cúbica sinalizava sua solidez e estabilidade.¹⁵

Os fatos seguintes foram assim estabelecidos, mas não precisamente nesta ordem: primeiro, houve uma prevalência muito geral entre as nações da antiguidade da adoração de pedras como representantes de Divindade; em segundo lugar, em quase todos os antigos templos houve uma lenda de uma pedra sagrada ou mística; em terceiro, esta lenda é encontrada no sistema maçônico; e por fim, a pedra mística tinha recebido o nome de “Pedra de Fundação”.

Em todos os outros sistemas a pedra foi admitida como simbólica e a tradição ligada à sua mística, então nós somos compelidos a assumir os mesmos preceitos da pedra maçônica. Ela é, também, simbólica e a sua lenda é um mito ou uma alegoria.

Da fábula, mito ou alegoria, Bailly havia dito: “subordinada à história e à filosofia, ela apenas simula o que pode ser melhor para nos instruir. Fiel em

preservar as realidades que encerra, ela cobre com seu véu sedutor as lições de uma e as verdades da outra”.¹⁶ É deste ponto de vista que nós vemos a alegoria da Pedra de Fundação, constituindo um dos símbolos mais interessantes e importantes da Maçonaria.

O fato de a pedra mística em todas as antigas religiões ter sido um símbolo da Divindade levou-nos necessariamente à conclusão de que a Pedra de Fundação também foi um símbolo de Divindade. A mesma idéia simbólica é fortalecida pelo tetragramaton, ou o nome sagrado de Deus, que foi inscrito sobre ela. O nome inefável santifica a pedra sobre a qual está inscrito como o símbolo do Grande Arquiteto. Tira dela seu significado pagão como um ídolo, e a consagra à adoração do verdadeiro Deus.

A idéia predominante da Divindade, no sistema maçônico, conecta-se com seu poder criativo e formador. Deus é, para o maçom, *Al Gabil*, como os árabes o chamam, ou seja, *O Construtor*; ou, como expressado em seu título maçônico, o *Grande Arquiteto do Universo*, abreviado pelo senso comum na fórmula *G.A.D.U.* Agora, é evidente que nenhum símbolo poderia ser tão apropriado a ele em seu caráter como a Pedra de Fundação, sobre a qual ele supostamente erigiu seu mundo. Como um símbolo intimamente ligado à obra criativa de Deus, como um padrão e um exemplo, como a construção temporal feita pelo operário sobre uma pedra de fundação semelhante.

Mas essa idéia maçônica ainda deve ser mais abrangente. O grande objeto de todo trabalho maçônico é a *verdade divina*. A busca pela *palavra perdida* é a busca pela verdade. Mas a verdade divina é um termo sinônimo de Deus. O nome inefável é um símbolo da verdade, porque Deus, e apenas Deus, é verdade. É propriamente uma idéia escritural. O Livro dos Salmos abunda desse sentimento. Diz-se que a verdade do Senhor “alcançou as nuvens”, e que “sua verdade perdurou por todas as gerações”. Se, então, Deus é verdade, e a Pedra de Fundação é o símbolo maçônico de Deus, logo ele também deve ser símbolo da verdade divina.

Quando chegamos a este ponto em nossas especulações, nós já estamos prontos para demonstrar como todos os mitos e lendas da Pedra de Fundação podem ser racionalmente explicados enquanto partes dessa bela “ciência moral, velada em alegoria e ilustrada por símbolos”, que é a definição reconhecida da Maçonaria.

No sistema maçônico há dois templos: o primeiro templo, no qual os degraus da Antiga Maçonaria estão relacionados; e o segundo templo, com

o qual os graus superiores e, especialmente do Arco Real, se ligam. O primeiro templo é símbolo desta vida; o segundo, da vida futura. O primeiro, a vida presente: deve ser destruído, sobre as suas fundações; o segundo, a vida eterna: deve ser construído.

Mas a pedra mística foi colocada pelo Rei Salomão nas fundações do primeiro templo. O que quer dizer que o primeiro templo de nossa vida presente deve ser construído sobre a fundação segura da verdade divina, “pois outra fundação nenhum homem pode depositar”.

Embora a vida presente seja necessariamente construída sobre a fundação da verdade, nós nunca atingimos perfeitamente esta esfera sublunar. A Pedra de Fundação é escondida no primeiro templo, e o Mestre Maçom não sabe disso. Ele não tem a palavra verdadeira. Ele recebe apenas uma substituta.

Em um segundo templo da vida futura, nós deixamos a sepultura, que tem sido o fim de nossos trabalhos do primeiro templo. Nós removemos a sujeira e descobrimos que a Pedra de Fundação que ficou escondida de nossos olhos até então. Deixando de lado a substituta para recuperar a verdade que havia nos satisfeito no templo anterior, o esplendor brilhante do tetragramaton e a Pedra de Fundação são descobertos, e a partir de então nós nos tornamos os possuidores do mundo verdadeiro – da verdade divina. Dessa forma, a Pedra de Fundação, ou a verdade divina, escondida no primeiro templo, foi descoberta e trouxe luz ao segundo, explicando a passagem do apóstolo: “Pois agora nós vemos por meio de um vidro escurecido, mas face a face: agora eu conheço em parte; mas saberei também como eu sou conhecido”.

O resultado dessa investigação é que a Pedra de Fundação maçônica simboliza a verdade divina, sobre a qual toda Maçonaria Especulativa se constrói, e as lendas e as tradições que se referem a ela pretendem descrever, de uma forma alegórica, o progresso da verdade na alma, cuja busca é o trabalho do maçom, e cuja descoberta será sua recompensa.

Uma parte deste ensaio, mas de uma forma bastante abreviada, foi usada pelo autor em sua obra sobre “Maçonaria Crítica”.

Landmarks *Históricas*, li. 459, nota 52.

חכ"ה ש"ת (ver a Gemara e Buxtorf Lex). Talm., p. 2.541.

Jó XXXVIII. 4-7.

Uma nova tradução do *Livro de Jó*, notas, p. 196.

Em voc. *הייתש*, havia algumas outras curiosidades do Talmude e de alguns outros extratos curiosos dos escritores talmúdicos e do Talmude sobre o assunto da Pedra de Fundação.

Sepher Toldoth Jeshu, p. 6. O caráter vergonhoso desta obra surgiu da indignação dos cristãos, que no século XV, não se distinguiram pelo espírito de tolerância, e os judeus, ficando alarmados, esforçaram-se bastante para superar isso. Mas, em 1681, foi republicado por Wagenselius em seu *Tela Ignea Satanae*, com uma tradução latina.

Coment, sobre os *Gen.* XXVIII 18.

224. “*Ni fallit fatum, Scoti quocunque locatum Invenient lapidem, regnare tenentur ibidem.*”

Velho e Novo Testamentos relacionados, vol I p. 148.

O Templo de Salomão, retratado pela Luz das Escrituras, cap. IX. p. 194.
“Dos Mistérios confinados na Fundação do Templo”.

Ver Pausânias, lib. IV.

As “*Disputationes adversus Gentes*” de Arnóbio fornece-nos um fundo de informação sobre o simbolismo da mitologia clássica.

Naologia, cap. III. p. 119.

Cornut. de Nat. Deor. cap. 16.

Essais sur les Fables, t. I, let. 2. p. 9.

XXXI

A Palavra Perdida

A existência do último símbolo depende da sua conexão com um mito para o qual eu chamo a atenção, é a *Palavra Perdida*, e a busca por ela. Este símbolo é bastante adequado para encerrar as nossas investigações, pois inclui dentro de seu escopo abrangente todos os outros, sendo ele mesmo a verdadeira essência da ciência maçônica do simbolismo. Os outros símbolos requerem para a sua justa apreciação um conhecimento da origem da ordem, porque devem seu nascimento à sua relação com instituições semelhantes e anteriores. O simbolismo da Palavra Perdida faz referência exclusivamente ao propósito e aos objetivos da instituição.

Em primeiro lugar, definiremos o símbolo, e então investigaremos sua interpretação.

A história mítica da Maçonaria nos informa que já existiu uma *Palavra* de valor inigualável, que exige uma veneração profunda; esta Palavra era conhecida a poucos; e foi completamente perdida; então se adotou uma substituta temporária. Como a verdadeira filosofia da Maçonaria nos ensina que não pode haver morte sem ressurreição – não decair sem uma restauração subsequente –, seguindo o mesmo princípio, a perda da Palavra deve supor sua recuperação.

Isso é o que, precisamente, constitui o mito da Palavra Perdida e a busca por ele. Não importa qual era a palavra, não importa como ela foi perdida, nem por que uma substituta foi fornecida, nem quando nem onde foi recuperada. Esses são os pontos de importância secundária, por isso é necessário conhecer a história lendária, mas não necessariamente ter o entendimento do simbolismo. O único termo do mito considerado no estudo de sua interpretação é a idéia abstrata de uma palavra perdida e depois recuperada.

O que nos aponta o objetivo ao qual nós devemos dirigir nossos passos em busca da investigação.

O simbolismo, referindo neste caso, como eu já disse, solenemente ao grande desígnio da Maçonaria, a natureza desse desígnio imediatamente sugere a si mesma como um assunto preliminar na investigação.

Qual é o desígnio da Maçonaria? Uma grande maioria desses discípulos, olhando apenas para seus resultados práticos, vistos em suas tarefas diárias – às caridades nobres que ela dispensa, às lágrimas das viúvas que ele enxugou, aos choros de órfãos que ele aquietou, às necessidades das pessoas carentes que supriu – chega com muita rapidez à conclusão de que a Caridade, e que, também, em seu sentido menos exaltado a ajuda com esmolas, é o grande desígnio da instituição.

Outros, com uma visão ainda mais estreita, lembram-se das reuniões prazerosas em seus banquetes de Loja, das comunicações públicas encorajadas nessas ocasiões, e das obrigações solenes de confiança mútua e lealdade que são continuamente inculcadas, acreditam que a intenção é apenas promover os sentimentos sociais e os laços de amizade.

As leituras modernas nos informam que o Amor Fraternal e a Ajuda são dois dos “principais dogmas do ofício do maçom”, embora, com a mesma autoridade, nós aprendamos que a Verdade é a terceira e não menos importante; e Verdade, também, não em seu antigo significado anglo-saxônico de fidelidade aos compromissos,¹ mas no mais estritamente filosófico em que se opõe ao erro ou falsidade intelectual ou religiosa.

A Maçonaria Primitiva dos antigos foi instituída com o propósito de preservar a verdade que foi originalmente comunicada aos patriarcas, em toda a sua integridade, e à Maçonaria Espúria, ou os Mistérios, originada da mais honesta necessidade dos sábios, filósofos e sacerdotes em encontrar novamente a mesma verdade que se perdera nas multidões ao seu redor. A mesma verdade continua a ser o objetivo do Templo da Maçonaria, que foi formada pela união dos sistemas Primitivo, ou Puro, e Espúrio. Por fim, esta verdade está relacionada à natureza de Deus e à alma humana.

A busca pela verdade constitui o fim e o desígnio da Maçonaria Especulativa. Desde o início de sua carreira, o aspirante é dirigido à aquisição desta verdade divina por meio de símbolos significativos e instruções expressivas; e a lição toda, se não for completada, é ao menos bem desenvolvida nos mitos e lendas do grau de Mestre. *Deus e a alma* – a unidade de um e a imortalidade do outro – são as grandes verdades, cuja busca constitui a ocupação constante de todo Maçom, e que, quando encontrada, se torna a principal pedra angular, ou a Pedra de Fundação do

templo espiritual – “a casa não construída com as mãos” –, que ele está engajado em erigir.

A idéia de uma busca pela verdade é uma parte bastante proeminentemente na ciência da Maçonaria, que eu não consigo conceber melhor resposta, ou mais compreensível, para a pergunta: “O que é Maçonaria?”, do que dizer que esta é a ciência que está engajada na busca pela verdade divina.

A Maçonaria é eminentemente um sistema simbólico, e todas essas instruções são transmitidas pelos símbolos. Acredita-se que uma idéia tão proeminente e preponderante como esta – que constitui, como eu disse, o desígnio completo da instituição e que pode ser apropriadamente adotada como a verdadeira definição de sua ciência –, não poderia com qualquer consistência ser deixada sem o seu símbolo particular.

A *palavra*, portanto, eu concebo ser o símbolo da *Verdade Divina*, e todas as suas modificações – a perda, a substituição, e a recuperação – não passam de partes componentes do símbolo mítico que representa uma busca pela verdade.

Como este simbolismo é preservado? Como a história toda desta Palavra deve ser interpretada, de forma a sustentar, em todos os seus acidentes de tempo, lugar e circunstância, uma referência patente à idéia substantiva que tem sido simbolizada?

As respostas a essas perguntas englobam o que é, talvez, a mais intrincada e mais engenhosa e interessante parte da ciência do simbolismo maçônico.

Este simbolismo pode ser interpretado, tanto em uma aplicação a um sentido geral ou especial.

A aplicação geral englobará a história toda da Maçonaria, de seu início à sua consumação. A busca pela Palavra é um epítome do progresso intelectual e religioso da ordem, do período em que, pela dispersão de Babel, as multidões foram envolvidas na profundidade de uma escuridão moral onde a verdade foi aparentemente extinta para sempre. O verdadeiro nome de Deus se perdeu; sua verdadeira natureza não foi entendida; as lições divinas transmitidas pelo nosso pai Noé não são mais lembradas; as tradições antigas foram corrompidas; os antigos símbolos foram pervertidos. A verdade foi enterrada sob a imundície do Sabeísmo, e a adoração idólatra do Sol e das estrelas tomaram o lugar da antiga adoração ao verdadeiro Deus. Uma escuridão moral foi difundida sobre a face da

terra, como uma nuvem densa e impenetrável que obstruiu os raios do Sol espiritual e cobriu o povo com a mortalha obscura da noite intelectual.

Contudo, esta noite não durou para sempre. Uma aurora mais brilhante surgiu, e em meio às trevas e escuridão ainda se podiam encontrar alguns sábios nos quais o sentimento religioso, agindo neles com espasmos poderosos, partiram com determinação em busca da verdade. Havia, mesmo nos dias de escuridão intelectual e religiosa, artesãos que procuravam a *Palavra Perdida*. Embora eles fossem incapazes de encontrá-la, sua aproximação da verdade foi tão grande que o resultado dessa busca pode ser bem simbolizado pela *Palavra Substituta*.

A palavra se perdeu entre as multidões idólatras. Foi entre elas, também, que o Construtor foi atingido, e que as obras do templo espiritual foram suspensas; perdendo em cada estágio sucessivo de seu declínio cada vez mais o verdadeiro conhecimento de Deus e da mais pura religião que originalmente foi transmitida por Noé, eles finalmente chegam ao materialismo bruto e à idolatria, perdendo toda visão da existência divina. Foi isso que a verdade – a Palavra –perdeu; ou, para aplicar a citação de Hutchinson, modificada com relação à referência temporal, “nesta situação, pode muito bem ser dito que o guia aos céus foi perdido, e que o mestre das obras de retidão foi atingido. As nações tinham se entregado à mais bruta idolatria, e o serviço do verdadeiro Deus foi apagado da memória dos que tinham se rendido ao domínio do pecado”.

Havia entre os filósofos e sacerdotes nos antigos Mistérios, ou na Maçonaria Espúria, uma ansiedade para descobrir a verdade que levava à busca da Palavra Perdida. Esses foram os artesãos que viram o golpe fatal, os que sabiam que a Palavra estava perdida, mas desejavam ir adiante, corajosa e pacientemente, em busca da sua restauração. Os artesãos que, falhando em resgatá-la da sepultura de esquecimento na qual havia caído, por quaisquer esforços de seu próprio conhecimento incompleto, voltaram atrás nas tradições turvas que têm sido transmitidas desde os tempos primevos e ajudaram a encontrar uma substituta para a verdade em suas próprias religiões filosóficas.

Schmidtz, falando dos Mistérios do mundo pagão, chama-os de ruínas da religião do antigo Pelágio, e diz que “as associações das pessoas com o propósito de celebrá-los devem ter se formado no tempo em que a influência sobrepujante da religião helênica começou a conquistar superioridade na Grécia, e quando as pessoas que ainda dedicavam uma

reverência à adoração dos tempos antigos se uniram, com a intenção de preservar e desenvolver entre eles o máximo possível da religião de seus patriarcas”.

Aplicando essa interpretação em um sentido geral, a própria *palavra* é o símbolo da *Verdade Divina*, então a narrativa de sua perda e a busca por sua recuperação se torna um símbolo mítico da decadência e da perda da verdadeira religião entre as antigas nações, na dispersão sobre as planícies de Sinar e depois dela, e nas tentativas feitas por sábios, filósofos e sacerdotes para encontrar e guardar em seus Mistérios e iniciações secretas, que foram desde então designados como a Maçonaria Espúria da Antigüidade.

Há uma interpretação especial, ou individual, assim como uma geral. Este componente ou simbolismo duplo, se é que pode ser chamado assim, de forma alguma é inútil na Maçonaria. Eu já exibí uma ilustração disso no simbolismo do Templo de Salomão, onde, em um sentido geral, o Templo é visto como um símbolo do Templo Espiritual formado pela agregação da ordem toda, e na qual cada maçom é considerado uma pedra; em um sentido individual ou especial, o mesmo Templo é considerado um símbolo do Templo Espiritual ao qual cada maçom é convocado a erguer em seu coração.

Nesta interpretação especial ou individual, a palavra, com a perda de seu mito acompanhante, uma substituta e uma recuperação, torna-se um símbolo do progresso pessoal de um candidato desde a sua primeira iniciação à completude de seu percurso, quando ele recebe um desenvolvimento completo dos Mistérios.

O aspirante inicia a busca pela verdade, como um Aprendiz, na escuridão, busca a luz – a luz da sabedoria, a luz da verdade, a luz simbolizada pela *palavra*. Para esta importante tarefa, na qual ele começa a tatear, hesitar e duvidar na necessidade e na fraqueza, ele está preparado para uma purificação do coração, e está investido de uma primeira substituta para a verdadeira *palavra*, que, como a coluna que surgiu diante dos israelitas na imensidão, é para guiá-lo adiante em sua fatigante jornada. Ele será conduzido a pegar em sua jornada, com um bastão e um bernal, todas essas virtudes que engrandecem o coração e dignificam a alma. Sigilo, obediência, humildade, confiança em Deus, pureza de consciência e economia de tempo são todos inculcados pelos emblemas e símbolos impressionantes que ligam o primeiro grau ao período da juventude.

No grau de Companheiro, ele começa a sua jornada. A juventude passou e a idade adulta está se aproximando. Novas tarefas e obrigações maiores se impõem ao indivíduo. A fase da vida de pensar e trabalhar são simbolizados aqui. A ciência deve ser cultivada; a sabedoria deve ser adquirida; a Palavra – verdade divina – perdida ainda deve ser procurada, embora ainda não deva ser encontrada.

O Mestre Maçom vem, com todo o simbolismo da era antiga ao seu redor – julgamentos, sofrimentos, morte. O aspirante também tentando ir adiante, *sempre adiante*, ainda clama por “luz, mais luz”. A busca quase acabou, mas a lição, humilhante para a natureza humana que deve ser ensinada nesta vida – sombria e escura, terrena e carnal – é a verdade pura não ter um lugar fixo; satisfeita com uma substituta, e neste *segundo templo* de vida eterna, para a Palavra verdadeira, a Verdade divina, que nos ensinará tudo que devemos aprender de Deus e de sua emanção, a alma humana.

Então, o Mestre Maçom, recebendo esta substituta da Palavra perdida, espera com paciência pelo tempo em que ela será encontrada, e a sabedoria perfeita será atingida.

A Palavra simbólica – o conhecimento da Verdade divina – nunca é totalmente alcançada nesta vida, ou simbolicamente, na Loja do Mestre Maçom. As corrupções da mortalidade, que sobrecarregam e obscurecem o intelecto humano, escondem-na como com um véu fino dos olhos mortais. Apenas além da tumba, e quando liberto do fardo terreno da vida, o homem será capaz de reconhecer completamente e apreciar a revelação. Quando nós falamos da recuperação da Palavra, no grau superior que é um suplemento para a Maçonaria Antiga, declaramos que a parte sublime do sistema maçônico é uma representação simbólica do estado após a morte. Pois somente depois da decadência e da queda do templo da vida que, como maçons, nós construímos, das ruínas, profundamente abaixo de suas fundações, e no profundo abismo da sepultura, nós encontramos aquela verdade divina, em busca da qual a vida foi gasta, senão em vão, ao menos sem sucesso, e a chave mística que somente a morte poderia fornecer.

Nós sabemos por este simbolismo o que significa o *trabalho* maçônico, que, também, é ele próprio, outra forma do mesmo símbolo. A busca pela Palavra – para encontrar a Verdade divina – é, e somente ela é, uma obra maçônica, e a *Palavra* é a sua recompensa.

Trabalho, disseram os velhos monges, é adoração – *laborare est orare*; e assim em nossas Lojas nós adoramos, trabalhando pela Palavra, trabalhando

pela Verdade, sempre ansiando, sem olhar para trás, mas esperando jubilosos pela realização e pela recompensa do nosso trabalho, que é prometida a quem não se faz de preguiçoso.

Goethe – ele mesmo um maçom e poeta – sabia e sentia todo o simbolismo da vida e do trabalho de um maçom, quando escreveu o belo poema, que Carlyle expressou com sua própria e áspera porém impulsiva linguagem.

“Os caminhos do maçom são
Símbolo da existência,
E a sua persistência
É como os dias são
Humanos neste mundo.

O futuro esconde em si
Felicidade e sofrimento;
Nós não damos ensinamento,
Nada que nele sobreviva
Assustando-nos – adiante.

Solene diante de nós está
O velado portal negro,
Objetivo de todo mortal;
Estrelas silenciosas acima de nós descansam
Sepulturas sob nós calam.

Enquanto observa com cuidado
O prenúncio do terror,
Vem o fantasma e o erro,
Deixando perplexo o mais corajoso
Com dúvida e temor.

Mas as vozes são ouvidas,
Os sábios são ouvidos,
Os mundos e as eras;
‘Escolha bem; sua escolha é
Breve e mesmo assim eterna.’

Aqui os olhos realmente observam-no,
Na eternidade imóvel;
Aqui é tudo completo,
Você, digno de recompensa;
Trabalho e desespero não.”

Ao concluir esta obra, tão inadequada à importância dos assuntos que foram discutidos, uma dedução, ao menos, pode ser tirada de tudo que foi dito.

Ao traçar o progresso da Maçonaria, e detalhar seu sistema de simbolismo, descobriu-se que ela está intimamente relacionada à história da filosofia, da religião e da arte, em todas as eras do mundo. A convicção que surge imediatamente à mente permite concluir que nenhum maçom pode esperar compreender perfeitamente a sua natureza, ou apreciar seu caráter como uma ciência, a menos que se dedique, com algum trabalho e assiduidade, ao estudo de seu sistema. Sua habilidade consiste em repetir, com fluência e precisão, as leituras ordinárias, cumprir com todos os requisitos cerimoniais do ritual, ou dar, com exatidão suficiente, as formas de reconhecimento apontadas, pertencentes apenas aos verdadeiros rudimentos da ciência maçônica.

Há uma série mais nobre de doutrinas com a qual a Maçonaria está ligada, e que tem sido meu objeto, nesta obra, apresentar de alguma forma imperfeita. É isto o que constitui a ciência e a filosofia da Maçonaria, e somente isso dará retorno ao estudante que se dedica à tarefa, uma recompensa sétupla ao seu trabalho.

A Maçonaria, vista não mais como tem sido, como uma mera instituição social, assumiu sua posição original e indubitável como ciência especulativa. Enquanto o mero ritual é ainda cuidadosamente preservado, como o porta-jóias que contém tão brilhante tesouro; enquanto sua caridade ainda é considerada o resultado necessário, embora incidental de todos seus ensinamentos morais; enquanto suas tendências sociais ainda são cultivadas como um cimento inquebrantável que une tão sólida construção em simetria e força, a mente maçônica está em todo lugar começando a procurar e buscar por algo que, como o maná no deserto, deve nos alimentar, em nossa peregrinação, com alimento intelectual. O clamor universal, por todo mundo maçônico, é pela luz; nossas lojas de agora em diante devem ser

escolas; nosso trabalho deve ser estudo; nossas recompensas devem ser aprendido; os emblemas e símbolos, os mitos e alegorias da instituição estão começando a ser investigados com referência ao seu derradeiro significado; nossa história é traçada com investigações zelosas, assim como sua ligação com a antiguidade; e os maçons entendem perfeitamente a definição sempre citada de que a “Maçonaria é uma ciência de moralidade velada na alegoria e ilustrada por símbolos”.

Então aprender Maçonaria é conhecer nosso trabalho e fazê-lo bem. Qual maçom verdadeiro recusaria essa tarefa?

Bosworth (*Aug. Sax. Dict.*) define *verdade* como “fidelidade, honestidade, tratado, união, promessa e aliança”.

Índice Remissivo

A

AB. A palavra hebraica אב, AB, significa “pai”, e era entre os hebreus um título de honra. Acrescida do pronome possessivo, ela compõe a palavra *Abif* e significa “seu pai”, é aplicada ao Construtor do Templo.

ACÁCIA, RAMO DE. Nenhum símbolo é mais interessante ao estudante maçônico que o ramo de acácia. É a mesma *mimosa nilotica* de Lineu, a *sita* dos escritores hebreus, e cresce abundantemente na Palestina. É preeminentemente o símbolo da imortalidade da alma. Por esta razão foi plantada pelos judeus na cabeceira de uma sepultura – simbolismo que é atribuído ao fato da sempre-verde nunca esmaecer. É também um símbolo de inocência, derivado do duplo significado da palavra αχαχια, que em grego significa *planta* e *inocência*; sob este ponto de vista, Hutchinson cristianizou o símbolo. Planta sagrada da Maçonaria, ela é símbolo da iniciação – em todos os ritos antigos havia plantas sagradas, em cada rito, havia um respectivo símbolo de iniciação aos Mistérios; a idéia foi copiada pela Maçonaria.

ADORAÇÃO DA PEDRA. Uma forma bastante primitiva de fetichismo. Acredita-se que os pelagianos deram a seus estatutos de deuses a forma geral de pedras cúbicas, de onde nos tempos helênicos surgiu o Hermae, ou imagens de Hermes.

ALFACE. A planta sagrada dos Mistérios de Adônis; um símbolo da imortalidade, e análoga da acácia.

ALFADER. O pai de tudo, ou o Pai universal, é a principal divindade da mitologia escandinava. O Edda dá doze nomes de Deus, do qual Alfader é o primeiro e mais antigo, geralmente é o mais usado.

ARIMÃ ou ARIMANE. No sistema religioso de Zoroastro, o princípio do mal, ou escuridão, que estava perpetuamente se opondo a Ormuz, o princípio do bem, ou luz. Ver *Zoroastro*.

C

CADMILLUS. Um dos deuses de Cabiri que foi morto pelos seus irmãos, em cuja circunstância a lenda dos Mistérios cabíricos ou samotrácios é baseada. Ele é análogo ao Construtor na lenda hirâmica da Maçonaria.

CÂMARA DO MEIO. Uma parte do Templo de Salomão a que se tinha acesso por meio das escadas em espiral, mas que certamente não era apropriada ao propósito indicado no grau de Companheiro. A lenda das escadas em espiral é apenas um mito filosófico, um símbolo da vida e do trabalho.

CÁSSIA. Planta aromática sem caráter místico ou simbólico, corrupção grosseira de *Acácia*.

CATIVEIRO BABILÔNICO. Referência à destruição da cidade e do templo de Jerusalém pelo exército de Nabucodonosor, o que ocasionou a transferência dos habitantes do lugar como prisioneiros à Babilônia. Pode-se supor que, se houvesse alguma verdade na história maçônica, entre esses cativos havia muitos descendentes dos operários do templo. Caso se confirme essa tese, a partir do cativeiro os princípios da Maçonaria foram disseminados, o que fez da cidade da Babilônia o local de maior concentração da Maçonaria Especulativa durante muitos anos. Foi durante o cativeiro que o filósofo Pitágoras, que estava viajando em busca de conhecimento, visitou a Babilônia. Em função dessa busca, supõe-se que ele tenha feito entrevistas freqüentes com os líderes maçônicos que estavam entre os judeus cativos. Como ele mesmo havia sofrido para ser iniciado nos Mistérios do Egito, durante a sua visita àquele país, não é difícil imaginar que tenha procurado uma iniciação semelhante nos Mistérios maçônicos. O que contribui para as muitas analogias e semelhanças entre a Maçonaria e a escola de Pitágoras é que encontramos, além dos ensinamentos morais, dos símbolos e da organização peculiar, também os rituais de evocação do sábio de Samos “nosso antigo irmão”.

CONSAGRAÇÃO, ELEMENTOS DE. Coisas cujo uso na cerimônia é parte constituinte e elementar dela, necessárias ao aperfeiçoamento e à legalização dos atos de consagração. Na Maçonaria, os elementos de consagração são o *milho*, o *vinho* e o *óleo*.

CONSTRUTOR DO TEMPLO. O título pelo qual Hirão Abif é algumas vezes designado.

CRISTIANIZAÇÃO DA MAÇONARIA. A interpretação de seus símbolos sob um ponto de vista cristão. Erro ao qual Hutchinson e Oliver, na Inglaterra, e Scott e mais um ou dois americanos menos célebres, incorreram. É impossível derivar a Maçonaria do Cristianismo, porque a primeira precedeu o último na cronologia. Na verdade, os símbolos da Maçonaria são salomônicos e sua religião foi derivada do antigo clero. A introdução do elemento cristão foi, entretanto, um resultado natural das circunstâncias; embora sustentar isso seja fatal ao caráter cosmopolitano da instituição. Portanto, esta interpretação é moderna, não pertence ao sistema antigo.

D

DELTA. Nos mais altos graus da Maçonaria, o triângulo também é chamado assim por conta do nome da letra grega que tem uma forma triangular. Símbolo da Divindade, por ser a primeira figura perfeita na geometria, é a primeira figura cujo espaço é delimitado por linhas.

DESÍGNIO DA MAÇONARIA. Não é a caridade ou a esmola, nem o cultivo do sentimento social, pois ambos são meramente incidentais na organização. Caracteriza-se sim pela busca da verdade — pela unidade de Deus — e da imortalidade da alma.

DEUS, UNIDADE DE. Ver *Unidade de Deus*.

DIESEAL. Termo usado pelos druidas para designar a circumambulação ao redor dos cairns sagrados, é derivado de duas palavras que significam “à direita do sol” — a circumambulação representa o curso do sol através da aproximação da mão direita ao cairn ou altar.

E

ERA DA MAÇONARIA. A declaração lendária de que a origem da Maçonaria é contemporânea ao início do mundo, um mito filosófico para indicar a natureza eterna de seus princípios.

ÉRICA. A árvore pagã; uma planta sagrada entre os egípcios que era usada nos Mistérios de Osíris como o símbolo de imortalidade, análoga à acácia maçônica.

ESCADA BRAHMÂNICA. A escada simbólica usada nos Mistérios de Brahma. Possui sete degraus que simbolizam os sete mundos do universo indiano.

ESCADAS EM ESPIRAL, LENDA DAS. Uma lenda no grau de Companheiro que não tem verdade histórica, um mito filosófico ou símbolo lendário para comunicar um dogma maçônico. Simboliza um ascendente de uma esfera inferior para a superior. Tem início no pórtico do templo, que é um símbolo de entrada na vida. O número de degraus é sempre ímpar, porque os números ímpares simbolizam a perfeição. Os 15 degraus no sistema Americano são o símbolo do nome de Deus, *Jah*.

ESCADA ESCANDINAVA. A escada simbólica usada nos Mistérios góticos. Dr. Oliver relaciona-a ao Yggdrasil, ou freixo (árvore) sagrado. Seu simbolismo é tão obscuro quanto duvidoso.

ESCADA MITRAÍTICA. A escada simbólica usada nos Mistérios persas de Mitras. Possuía sete degraus que simbolizavam os sete planetas e os sete metais.

ESQUADRO, TESTE DO. Uma das ferramentas de trabalho de um Companheiro, simboliza a moralidade.

EXTREMO NOROESTE. Cerimônia importante do primeiro grau que se refere ao extremo noroeste da Loja, explicado pelo simbolismo da pedra angular. A pedra angular de uma construção é sempre depositada no extremo noroeste, por razões simbólicas. O ponto noroeste dos céus era especialmente sagrado entre os hindus. No simbolismo da Maçonaria, o norte se refere ao mundo exterior e profundo, e o leste ao mundo interno da Maçonaria; assim, o noroeste simboliza a dupla posição do neófito, parcialmente na escuridão do primeiro e à luz do último.

F

FILOSOFIA HERMÉTICA. Refere-se ao sistema dos Alquimistas, Adeptos, ou dos buscadores da pedra filosofal. Nenhum sistema foi mais mal compreendido do que este. Ele era secreto, esotérico e altamente simbólico. Ninguém revelou tão bem seu verdadeiro desígnio como E.A. Hitchcock, que, em sua espirituosa obra intitulada “Observações sobre a Alquimia e os Alquimistas” diz: “Os alquimistas genuínos eram homens religiosos, que passavam seu tempo em busca de causas legítimas, ganhando uma honesta subsistência, e em contemplação religiosa, estudando como realizar em si mesmos a união da natureza divina e humana, expressada no homem pela submissão iluminada à vontade de Deus; eles ensinavam e publicavam, de uma maneira muito própria, métodos de alcançar ou entrar no mesmo estado ou em descansar a alma”. Há grande similaridade entre suas doutrinas e as dos maçons; tanto que as duas associações são, algumas vezes, confundidas.

G

G. O uso da letra G no grau de Companheiro é um anacronismo. Ela é realmente uma corrupção ou, talvez, uma substituição para a letra hebraica *yod*, que é a inicial do nome inefável. Dessa forma, este é um símbolo do poder de Deus gerador e sustentador de vida.

G.A.D.U. Uma abreviação maçônica usada como um símbolo do nome de Deus, significa o *Grande Arquiteto do Universo*. Foi adotado pelos maçons de uma prática semelhante, entre todas as nações da antiguidade, de representar o Nome Divino com um símbolo.

H

HERMAE. Pedras de forma cúbica, originalmente não polidas, com as quais os gregos primitivamente representaram todas as suas divindades. Com o passar do tempo, elas passaram a ser especialmente dedicadas pelos gregos ao deus Hermes, de onde surgiu o nome, e pelos romanos ao deus Término, que presidiu sobre as *landmarks*?

HIRÃO DE TIRO. Rei de Tiro, amigo e aliado do Rei Salomão, foi ele que forneceu homens e materiais para a construção do templo. No recente, ou no que estou inclinado a chamar de o grande simbolismo da Maçonaria do estudioso (um tipo de simbolismo que não me interessa muito), Hirão de Tiro é um símbolo de força, e Hirão Abif, de beleza. Não é que eu duvide da antiguidade ou da autenticidade desse simbolismo. Hirão de Tiro só pode ser considerado, historicamente, necessário à completude do mito e do simbolismo de Hirão Abif. O rei de Tiro é um personagem histórico, e não há necessidade de transformá-lo em um símbolo, enquanto seu caráter histórico atribui crédito e validade ao mito filosófico do terceiro grau da Maçonaria.

HISTÓRIA MÍTICA. Um mito ou lenda cujo verdadeiro valor histórico preponderava sobre as invenções ficcionais.

HO. O nome sagrado de Deus entre os druidas, Bryant supõe que era o do Patriarca Noé; mas é bem provável que esta denominação tenha sido uma modificação do tetragramaton hebraico, representando pela última sílaba lida cabalisticamente (ver *ho-hi*) — se refere ao grande princípio masculino da natureza. Mas HU, em hebraico הוּא, é tido pelos escritores talmúdicos como um dos nomes de Deus; na passagem em Isaías XIII. 8, no original *ani Jehovah, Hu shemi*, cuja versão mais comum é “Eu sou o SENHOR; este é o meu nome”, eles interpretam como “Eu sou Jeová, meu nome é Hu”.

HO-HI. Uma pronúncia cabalista do tetragramaton ou inefável nome de Deus; é mais provavelmente o verdadeiro; e, como significa literalmente ELE-ELA, supõe-se que denote a essência hermafrodita de Jeová, contendo dentro de si mesmo o princípio masculino e feminino, a energia de criação geradora e fecunda.

I

IH-HO. Ver *Ho-hi*.

J

JAH (em hebraico יהי). Maimônides o chama de “nome de duas letras”, referência a uma abreviatura do tetragramaton. Outros afirmaram que *Jah* é um nome independente de Jeová, mas expressando a mesma idéia de essênio divino. Ver Gataker, *De Nom. Tetrag.*

L

LENDA DO GRAU DO ARCO REAL. Grande parte dessa lenda é uma história mítica; somente uma parte dela é, sem dúvida, um mito filosófico. A destruição e a reedificação do templo, o cativo e o retorno dos cativos são questões da história; mas muitos detalhes foram inventados com o propósito de dar forma a uma idéia simbólica.

LÓTUS. Planta sagrada dos Mistérios bramâhnicos, é análoga à acácia. Também sagrada entre os egípcios.

M

MAÇONARIA PRIMITIVA. A Maçonaria Primitiva dos antediluvianos é uma designação que se deve a Oliver, embora a mesma distinção tenha sido cogitada pelos escritores antigos, entre eles Chevalier Ramsay. Significa que os princípios e as doutrinas da Maçonaria surgiram nos primórdios do mundo e foram praticados por um povo ou clero primevo sob o nome de Maçonaria Primitiva ou Pura. A doutrina religiosa inculcada por essa instituição foi, depois do dilúvio, corrompida pelos filósofos e sacerdotes pagãos, e, recebendo o título da *Maçonaria Espúria*, foi exibida nos antigos Mistérios. Os noaquidas, contudo, preservaram os princípios da Maçonaria Primitiva, e transmitiram-nos ao longo de sucessivas eras, quando assumiram o nome de *Maçonaria Especulativa*. A Maçonaria Primitiva não tinha ritual ou simbolismo e consistia apenas de uma série de proposições abstratas derivadas de tradições antediluvianas. Seus dogmas eram a unidade de Deus e a imortalidade da alma.

MAÇONARIA PURA DA ANTIGUIDADE. ver *Maçonaria Primitiva*.

MAÇONS, VIAJANTES. Os maçons viajantes faziam parte de uma sociedade que existiu na idade média, composta por homens sábios e prelados, sob os quais ficavam os maçons operativos. Os maçons operativos realizavam os trabalhos do ofício, e viajavam de um país a outro, onde se engajavam em construções de catedrais, monastérios e castelos. “Há poucos pontos na história da idade média”, diz Godwin, “mais prazerosos para se pesquisar do que a existência de maçons associados; eles formavam o ponto brilhante na escuridão geral daquele período; a verde horta quando tudo ao redor é árido”. *O Construtor*, IX. 463.

MILHO. Um dos três elementos de consagração maçônica, simboliza a plenitude e nos faz lembrar, sob o nome de “milho de alimentação”, das efêmeras bênçãos de vida, apoio e alimentação que recebemos do Criador de todo bem.

MIRTILO. Planta sagrada nos Mistérios de Elêusis que simboliza a ressurreição e a imortalidade, análogo da acácia.

MISTÉRIOS DRUIDAS. São os Mistérios celtas celebrados na Bretanha e na Gália. Eles se assemelhavam, em todos os pontos materiais, a outros mistérios da antiguidade, e tinham o mesmo propósito. O aspirante estava sujeito a julgamentos severos, submetia-se à morte mística e ao enterro em imitação à morte do deus Hu; então finalmente era iluminado e recebia as

grandes verdades de Deus e da imortalidade, que se fazia objeto de todos os Mistérios ensinar.

MITO FILOSÓFICO. Mito ou lenda quase completamente não-histórico e que foi inventado apenas com o propósito de enunciar e ilustrar um pensamento particular ou um dogma.

MITO HISTÓRICO. É aquele que possui, na introdução dos personagens e circunstâncias, uma base reconhecida de verdade histórica misturada ao preponderante valor de ficção. Entre o mito histórico e a história mítica, a distinção como é colocada no texto não pode ser sempre preservada, porque não somos sempre capazes de determinar se há uma preponderância da verdade ou da ficção na lenda ou na narrativa sob análise.

MONTE CALVÁRIO. Uma pequena montanha de Jerusalém, a oeste, não distante do Monte Moriá. Nas lendas da Maçonaria ele é conhecido como “a pequena montanha próxima ao Monte Moriá”, e é referido no terceiro grau. Diz-se que foi ali, na “pequena montanha”, que Jesus foi enterrado — o que fez o símbolo ser cristianizado por muitos maçons modernos. Há muitas tradições maçônicas, principalmente emprestadas do Talmude, ligadas ao Monte Calvário; seria ali também o lugar onde Adão foi enterrado etc.

N

NOME DE DEUS. A verdadeira pronúncia e conseqüente significação do nome de Deus pode apenas ser obtida por meio de uma interpretação cabalística. Por ser um símbolo da verdade divina, somente aqueles que estão familiarizados com o assunto podem ter alguma noção da importância conferida a este símbolo pelos orientistas. Os árabes têm uma ciência chamada *Ism Allah*, ou a ciência *do nome de Deus*; e os talmudistas e rabinos escreveram copiosamente sobre o mesmo assunto. Os muçulmanos, afirma Salverte (Ensaio sobre os nomes, II. 7), têm cem nomes de Deus que repetem enquanto contam as bolinhas de um rosário.

NOME INCOMUNICÁVEL. O tetragramaton, assim chamado por não ser comum, nunca era fornecido a qualquer outro ou compartilhado com ele. Isso era próprio apenas do verdadeiro Deus. Drusius (*Tetragramaton, sive de Nomine Dei proprio*, p. 108) é quem diz: “*Nomen quatuor literarum proprie et absolute non tribui nisi Deo vero. Unde doctores catholici dicunt incommunicabile [incomum] esse creaturae.*”

NOME INEFÁVEL. O tetragramaton. Assim chamado por ser *inefável* ou impronunciável. Ver *Tetragramaton*.

NOME TRILITERAL. Corresponde a palavra AUM, que é o nome inefável de Deus entre os hindus, e simboliza as três manifestações do deus supremo brahmânico: Brahma, Shiva e Vishnu. Nunca deve ser pronunciado em voz alta, é análogo ao sagrado tetragramaton dos judeus.

NÚMEROS ÍMPARES. No sistema de Pitágoras, os números ímpares eram símbolos de perfeição. Assim os números sagrados da Maçonaria eram todos ímpares: 3, 5, 7, 9, 15, 27, 33 e 81.

O

ÓLEO. Elemento da consagração maçônica e símbolo de prosperidade e felicidade, sob o nome de “óleo de alegria”, era usado para indicar os resultados esperados na consagração de qualquer coisa ou pessoa a um propósito sagrado.

OLHO QUE TUDO VÊ. Um símbolo da providência onisciente e alerta de Deus que é verdadeiramente antigo — alguns acreditam se tratar de uma relíquia de adoração ao sol primitivo. Volney diz (*Les Ruines*, p. 186) que na maioria das línguas antigas da Ásia, o *olho* e o *sol* são expressos pela mesma palavra. Entre os egípcios o olho era o símbolo de seu deus supremo, Osíris, ou o sol. Um símbolo do terceiro grau, de grande antiguidade. Ver *Olho*.¹

OVO E LUNETA. O ovo, sendo um símbolo não apenas da ressurreição, mas também do mundo resgatado da destruição pela arca de Noé; e a luneta, ou crescente horizontal, sendo um símbolo do Grande Pai, representado por Noé. O ovo e a luneta combinados, que foi o hieróglifo do deus Lunus, em Heliópolis, foi um símbolo do mundo derivado de Deus Pai.

P

PALAVRA PERDIDA. Existe um mito maçônico de que determinada palavra que foi perdida e depois recuperada. Não importa se a palavra era material, nem como se perdeu, nem como se recuperou: o simbolismo se refere apenas à idéia abstrata da perda e da conseqüente recuperação. É também um símbolo da verdade divina. Filósofos e sacerdotes a procuram nos Mistérios da Maçonaria Espúria.

PALAVRA SUBSTITUTA. Um símbolo da busca mal sucedida pela verdade divina, e a descoberta nesta vida apenas de uma aproximação a ela.

PALMEIRA. Em seu sentido secundário, a palmeira é um símbolo de vitória, mas em seu significado primário é um símbolo da vitória sobre a morte, ou seja, da imortalidade.

PEDRA DA FUNDAÇÃO. Importante símbolo no sistema maçônico. Como a *palavra*, significa a verdade divina.

PERDIDA, PALAVRA. Ver *Palavra Perdida*.

PEREGRINOS EXAUSTOS. A lenda dos “três peregrinos exaustos”, no grau do Arco Real, é indubitavelmente um mito filosófico que simboliza a busca pela verdade.

PÉS NUS. Símbolo de reverência quando ambos os pés estão descobertos, caso contrário, é simbolismo moderno — de acordo com a explicação ritualística que é dada no primeiro grau, um único pé descalço deveria ser interpretado como o símbolo de uma aliança.

PÓRTICO DO TEMPLO. Um símbolo da entrada na vida.

Q

QUATORZE. Alguns simbologistas se referiam aos 14 pedaços em que o corpo mutilado de Osíris foi dividido; aos 14 dias nos quais o corpo do construtor ficou enterrado; ou aos 14 dias do desaparecimento da lua. Os adoradores sabeístas das “hordas do paraíso” ficaram impressionados com a alternada aparição e desaparecimento da lua, o que o fez tornar-se um símbolo da morte e da ressurreição. Quatorze é um número sagrado assim como era visto nos Mistérios de Osíris, e pode ser introduzido na Maçonaria com outras relíquias da antiga adoração do sol e dos planetas.

QUINZE. Outro número sagrado. Simboliza o nome de Deus porque as letras do nome sagrado JAH, em hebraico יה, são iguais, no modo hebreu de numeração pelas letras do alfabeto, a 15 — sendo “י” igual a dez, e “ה” igual a cinco. A partir da veneração ao nome sagrado, os hebreus não fazem, em computações primárias, quando desejam expressar o número 15, uso dessas duas letras, porém de duas outras, que são equivalentes a 9 e 6.

R

RÉGUA DE 24 POLEGADAS. Régua de 60 centímetros. Uma das ferramentas de trabalho de um Aprendiz e símbolo do tempo bem empregado.

REGIÃO DO PELÁGIO. Os pelagianos formaram o povo mais antigo senão os aborígenes habitantes da Grécia. Sua religião, menos poética, menos mítica e mais abstrata, se diferenciava da religião dos helênicos — povo que os sucedeu. Conhecemos apenas algumas das adorações religiosas dos pelagianos, exceto por conjectura, mas podemos supor que se pareciam, em alguns aspectos, com as doutrinas da Maçonaria Primitiva. Creuzer acreditava que o povo pelagiano fosse uma nação de sacerdotes ou uma nação regida por sacerdotes.

S

SEMPRE-VERDE. Arbusto perene que simboliza a imortalidade da alma. Era plantado pelos hebreus e outros povos na cabeceira dos túmulos, porém os hebreus preferiam a acácia, por sua madeira ser incorruptível, e também porque, como o material da arca, ela já fosse considerada uma planta sagrada.

SENTIDOS HUMANOS, CINCO. Símbolo do cultivo intelectual.

SHEM HAMPHORASH (em hebreu שריפמה ךש, o *nome declaratório*). O tetragramaton é assim chamado porque, de todos os nomes de Deus, só este declara distintamente sua natureza e essência como auto-existente e eterno.

SÍMBOLO COMPOSTO. Uma espécie de símbolo não usual na Maçonaria e que possui um sentido duplo, significando uma coisa em sua aplicação geral e outra na aplicação específica.

SUBSTITUTA, PALAVRA. Ver *Palavra Substituta*.

SWEDENBORG. Filósofo suíço e fundador de uma seita religiosa. Clavel, Ragon e alguns outros escritores procuraram fazer dele o fundador de um rito maçônico também, mas sem autoridade. Em 1767, Chastanier estabeleceu o rito dos Teosofistas Iluminados, cujas instruções são derivadas dos escritos de Swedenborg, mas o próprio sábio não tinha nada a fazer com isso. Embora não possa ser negado que a mente de Swedenborg foi eminentemente simbólica, e que o estudante maçônico pode extrair idéias valiosas de várias de suas obras, especialmente de “Arcana Celestial” e de “Apocalipse Revelado”.

T

TALISMÃ. Figuras entalhadas em metal ou pedra, ou delineadas sobre pergaminho ou papel, que são feitas em cerimônias supersticiosas e sob as quais se supunha sofrerem influência especial dos corpos planetários — acreditava-se que elas protegiam o criador ou o seu possuidor do perigo. A figura no texto é um talismã, e entre os orientais nenhum talismã foi mais sagrado que aquele onde os nove números estão dispostos de forma a somar 15 cada fileira. Os árabes chamavam-no de *zahal*, que era o nome do planeta Saturno, porque os nove números somados totalizavam 45, e as letras da palavra *zahal* são, de acordo com os poderes numéricos do alfabeto arábico, equivalentes a 45. Os cabalistas estimam isso porque 15 era o poder numérico das letras que compunham a palavra JAH, um dos nomes de Deus.

TALMUDE. A filosofia mística dos rabinos judaicos está contida no Talmude, que é uma coleção de livros divididos em duas partes — o *Mishna*, que contém o registro da lei oral, escritos no século II ou III; e o *Gemara*, ou comentários sobre ele. No Talmude, muito será encontrado de grande interesse ao estudante maçônico.

TEOREMA 47°. É o teorema do primeiro livro de Euclides — onde em qualquer triângulo de ângulo reto o quadrado que é descrito nos lados opostos ao ângulo reto é igual aos quadrados descritos nos lados que contêm o ângulo reto. Contam que foi descoberto por Pitágoras no Egito, mas o mais provável é que os sacerdotes de lá, em cujos ritos ele foi iniciado, o tenham ensinado; é um símbolo de produção do mundo pelos poderes geradores e prolíficos do Criador; os egípcios fizeram da perpendicular e da base às representações de Osíris e Ísis, enquanto a hipotenusa representava Hórus, o filho dos dois. Dr. Lardner afirma (*Comentário sobre Euclides*, p. 60) sobre o teorema: “Se nós considerarmos o teorema 47° com referência à peculiar e bela relação estabelecida por ele ou por seus inúmeros usos, em todos os departamentos de ciência matemática, ou à sua fertilidade nas conseqüências que derivaram dele, certamente deverá ser estimado como o mais ilustre e importante dos elementos, senão na gama toda a ciência matemática”.

TEMPLOS CIRCULARES. Eram usados nas iniciações à religião de Zoroastro. Como os templos quadrados da Maçonaria, e os dos outros

Mistérios, eles simbolizavam o mundo, simbologia que foi completada ao tornar a circunferência do círculo uma representação do Zodíaco.

TEMPLOS OVAIS. Templos de forma oval que representavam o ovo mundano, um símbolo do mundo.

TETRACTYS (a grafia original é tetraktys). Figura usada por Pitágoras, consistindo de dez pontos, arranjada em forma triangular, para representar a mônada, a dualidade, a trindade e o quatérnio. Era considerado muito sagrado por Pitágoras, o mesmo que o tetragramaton dos judeus.

TOQUES E SINAIS. Eram valiosos apenas para propósitos sociais como formas de reconhecimento.

U

UNÇÃO. O ato de ungir. Cerimônia religiosa praticada desde os tempos mais remotos. Vertendo-se óleo, as pessoas e as coisas eram consagradas a propósitos sagrados.

Y

YOD. Letra hebraica representada graficamente por “י”, e quase equivalente ao I ou Y em inglês, é a letra inicial do tetragramaton. Geralmente usada como substituta ou como abreviação da palavra sagrada, simboliza o poder gerador de vida e prolongador de Deus.

A definição de “olho”, está inserida no Índice Remissivo do primeiro volume dessa coleção: *O Simbolismo da Maçonaria – Volume 1*, já publicado pela Universo dos Livros.